



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA  
CURSO DE MESTRADO EM ANTROPOLOGIA

ANNA ODARA DE ARAUJO TAVARES

**“TÔ DE MINISSAIA, NÃO TE DEVO NADA”:** vestimenta como elemento  
**político na Marcha das Vadias Recife - PE**

Recife

2020

ANNA ODARA DE ARAUJO TAVARES

**“TÔ DE MINISSAIA, NÃO TE DEVO NADA”:** vestimenta como elemento político na  
**Marcha das Vadias Recife - PE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Antropologia.

**Área de concentração:** Antropologia

**Orientador:** Prof. Dr. Hugo Menezes Neto

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

T231t Tavares, Anna Odara de Araújo.  
“Tô de minissaia, não te devo nada” : vestimenta como elemento político na  
Marcha das Vadias Recife – PE / Anna Odara de Araújo Tavares. – 2020.  
132 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Hugo Menezes Neto.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Recife, 2020.  
Inclui referências.

1. Antropologia. 2. Movimentos sociais. 3. Feminismo. 4. Trajes. 5.  
Manifestações públicas. I. Menezes Neto, Hugo (Orientador). II. Título.

301 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2020-258)

ANNA ODARA DE ARAUJO TAVARES

**“TÔ DE MINISSAIA, NÃO TE DEVO NADA”:** vestimenta como elemento político na  
**Marcha das Vadias Recife - PE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Antropologia.

Aprovada em: 21/09/2020

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Hugo Menezes Neto (Orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. Francisco Sá Barreto dos Santos (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Francisca Raimunda Nogueira Mendes (Examinadora Externa)  
Universidade Federal do Ceará

*A todas que vieram antes de mim.*

## AGRADECIMENTOS

Essa dissertação foi escrita por muitas mãos, muitas das quais eu não posso medir ou tomar conhecimento, mas que me guiaram nessa caminhada, que sou imensamente grata. Sobre esse caminho também devo acrescentar que na mesma medida em que estas páginas saem, elas também participaram de um processo interno, de me reconhecer, me entender e acreditar em mim (e no meu trabalho). Sobre aprender a olhar com carinho e gratidão pra minha cabeça, meu corpo e minha história. A vida é sobre aqui e agora.

Aos meus pais por serem meus exemplos e manterem acesa em mim a vontade de lutar por um mundo melhor. À minha mãe, Jaileila Menezes, minha companheira de quarentena, por insistir que devemos responder com amor, com histórias e poesia. Ao meu pai, Jean Maccolle, por sempre acreditar em mim e tentar fazer com que eu acredite também.

À minha família por se fazerem presentes mesmo longe, pelas ligações, chamadas de vídeo, pela torcida e pela força. Aos meus avós, Maria Imaculada e Francisco Jaime (*In memoriam*), por me ensinarem que o amor pode se expressar de várias formas. À Dora e Amora por serem sorriso em meio ao vendaval.

Às minhas amigas e amigos, por serem colo, ouvidos, cabeças, conforto, carinho, fuga e saudade. Cada um tem um lugar dentro de mim, cada um é uma parte de mim e sou imensamente grata por ser vocês. Às minhas amigas-companheiras de mestrado, não tenho palavras, mas sem vocês isso não seria possível.

Ao meu orientador, Hugo Menezes, pela confiança, por ser suporte, acolhimento e paciência. Por sempre me lembrar das minhas escolhas e me instigar a viver uma experiência positiva na pós-graduação.

À Francisca Mendes e Francisco Sá Barreto, por fazerem parte dessa caminhada muito antes desta dissertação, por serem parte da minha formação, por serem referência pra mim em vários aspectos e pelos inúmeros ensinamentos.

À Coletiva das Vadias, à cada companheira-mulher, por me acolherem, por me ensinarem sobre resistência, militância e luta. Feminismo é revolução!

À Ana Anderson e Hudson Medeiros por me guiarem nessa jornada que também foi interna.

Às mulheres que se disponibilizaram a ser interlocutoras desse trabalho, que cederam fotografias, conversaram comigo, foram fotografadas e me emprestaram a voz.

Ao Cnpq pelo financiamento da bolsa e ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia.

[...] as lacerações espirituais de mulheres profundamente exploradas eram denominadas “colapsos nervosos”, em que as meninas e as mulheres que vivessem apertadas em cintas, amordaçadas e contidas eram consideradas “certas”, enquanto aquelas que conseguiam fugir da coleira uma ou duas vezes na vida eram classificadas de “erradas”.

(CLARISSA PINKOLA ESTÉS, 2018)

## RESUMO

Este trabalho é sobre a Marcha das Vadias Recife, uma das mais representativas manifestações feministas ocorridas na cidade. O objetivo principal é analisar, por meio da pesquisa etnográfica, como a Marcha das Vadias Recife (MVR) se organiza e ocupa as ruas anualmente, convertendo-se num espaço singular para determinadas formas de reivindicação política. A Marcha é mundialmente conhecida por ser uma manifestação em que as participantes costumam usar roupas curtas e expor seus corpos parcialmente desnudados, adornos e elementos estéticos que caracterizem a ideia de "vadia". Tais elementos são transformados em críticas às moralidades e aos padrões que impactam à vida das mulheres. Entendemos aqui as vestimentas e a nudez como formas singulares de protesto, por seu poder de subversão e de ressignificação, por sua força estética e discursiva. Portanto, parte grande dos esforços analíticos passa pela apropriação dos corpos como elemento político reivindicatório (BUTLER, 2019) em um evento que coloca o corpo e a nudez no lugar central no seu conceito e realização. O trabalho de campo ocorreu nas edições de 2017, 2018 e 2019 e o empreendimento etnográfico focou na ocupação do espaço público por mulheres em um ato político, trazendo para a luta feminista ferramentas que se transformaram em características da Marcha das Vadias, como a irreverência, o deboche e a ironia (RAGO, 2013). Assim, a manifestação propõe um processo de ressignificação da ideia da vadia como forma de subverter padrões sexistas e patriarcais, dando às roupas (ou ausência dessas) um viés político.

**Palavras-chave:** Vestimenta. Manifestação feminista. Política. Mulheres. Marcha das Vadias

## ABSTRACT

This paper is about the Marcha das Vadias Recife (movement known worldwide as SlutWalk), one of the most representative feminist manifestations that occurred in the city. The main objective is to analyze, through ethnographic research, how the Marcha das Vadias Recife (MVR) is organized and occupies the streets annually, becoming a unique space for certain forms of political claim. The March is known worldwide for being a demonstration in which the participants usually wear short clothes and expose their partially nude bodies, adornments and aesthetic elements that characterize the idea of "slut". Such elements are transformed into criticisms of the moralities and standards that impact women's lives. Here we understand clothing and nudity as unique forms of protest, for their power of subversion and reframing, for their aesthetic and discursive strength. Therefore, a large part of the analytical efforts involves the appropriation of bodies as a political claim element (BUTLER, 2019) in an event that places the body and nudity at the center of its concept and realization. The fieldwork took place in the 2017, 2018 and 2019 editions and the ethnographic enterprise focused on the occupation of public space by women in a political act, bringing to the feminist struggle tools that became characteristics of the Marcha das Vadias, such as irreverence, debauchery and irony (RAGO, 2013). Thus, the demonstration proposes a process of reframing the idea of the slut as a way of subverting sexist and patriarchal patterns, giving clothes (or their absence) a political bias.

**Keywords:** Clothing. Feminist manifestation. Policy. Women. Marcha das Vadias

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Evento criado no Facebook para a Marcha das vadias 2019 .....	27
Figura 2 – Trecho publicado no Twitter do deputado Eduardo Bolsonaro.....	33
Figura 3 – Imagens da primeira SlutWalk, em Toronto, 2011 .....	36
Figura 4 – Mulheres na Marcha das Vadias Campinas, 2011.....	37
Figura 5 – Marcha das Vadias de São Paulo, em 2015. ....	41
Figura 6 – Marcha das Vadias Recife 2018, concentração na Praça do Derby .....	48
Figura 7 – Percurso Praça do Derby a Praça do Diário, nos anos de 2017 e 2018. ....	50
Figura 8 – Percurso Praça Oswaldo Cruz a Rua da Aurora em 2019.....	50
Figura 9 – Confeccão de cartazes na concentração da MVR 2019, Praça Oswaldo Cruz.....	52
Figura 10 – Concentração da Marcha das Vadias Recife 2019.....	53
Figura 11 – Mulheres na concentração da Marcha das Vadias Recife 2019, Praça Oswaldo Cruz.....	55
Figura 12 – Mães e crianças na MVR 2019 .....	58
Figura 13 – Ato na concentração Marcha das Vadias Recife 2017, Praça do Derby .....	60
Figura 14 – Roupas expostas no coreto da Praça do Derby, MVR 2018.....	61
Figura 15 – Performance Marcha das Vadias 2019, Praça Oswaldo Cruz.....	62
Figuras 16 - Faixa sendo confeccionada MVR 2019, Praça Oswaldo Cruz.....	63
Figura 17– Local para escrita e depósito de cartas e doações, MVR 2019.....	64
Figura 18 –Mulheres lendo carta-manifesto em 2017, Praça do Derby .....	65
Figura 19 – Leitura da carta manifesto MVR 2019 .....	66
Figura 20 - Mulheres carregando cartazes MVR 2019, na Avenida Conde da Boa Vista. ....	67
Figura 21 – Batucada na concentração MVR 2019, praça Oswaldo Cruz.....	68
Figura 22 – Trecho do panfleto com gritos de (des)ordem .....	70
Figura 23 – Trecho do panfleto com paródia.....	71
Figura 24 – Lambes colados no percurso da Marcha das Vadias .....	72
Figura 25 – Performance contra o feminicídio MVR 2019.....	73
Figura 26 – Encerramento MVR 2018, Praça do Diário .....	75
Figura 27 – encerramento da MVR 2019, Rua da Aurora.....	76
Figura 28 – Marcha das Vadias Recife 2019.....	85
Figura 29 – Marcha das Vadias Recife 2018.....	87

Figura 30 – Marcha das Vadias Recife 2017.....	88
Figura 31 – Adorno usado na MVR 2019 .....	92
Figura 32 – Viúva Marcha das Vadias Recife 2017 .....	94
Figura 33 – Foto tirada na Marcha das Vadias Recife 2017.....	95
Figura 34 – Manifestante segurando cartaz, MVR 2019 .....	104
Figura 35 – Concentração da Marcha das Vadias Recife 2018 .....	106
Figura 36 – Manifestante na MVR 2017.....	107
Figura 37 – Mulheres na MVR 2019 .....	110
Figura 38 – Marcha das Vadias Recife 2017 .....	112
Figura 39 - Marcha das Vadias Recife 2017 .....	112
Figura 40 – Marcha das Vadias Recife 2019.....	113
Figura 41 – Marcha das Vadias Recife 2017.....	114
Figura 42 - Marcha das Vadias Recife 2019 .....	115
Figura 43 - Marcha das Vadias Recife 2017 .....	116
Figura 44 - Marcha das Vadias Recife 2018 .....	117
Figura 45 - Praça Oswaldo Cruz, Marcha das Vadias Recife 2019.....	118
Figura 46 - Praça Oswaldo Cruz, Marcha das Vadias Recife 2019.....	119
Figura 47 - Praça Oswaldo Cruz, Marcha das Vadias Recife 2019.....	120
Figura 48 - Praça Oswaldo Cruz, Marcha das Vadias Recife 2019.....	120
Figura 49 – Performance na Praça Oswaldo Cruz, MVR 2019.....	121
Figura 50 – Caminhada na Boa Vista, Marcha das Vadias Recife 2019 .....	122
Figura 51 – Caminhada na Boa Vista, Marcha das Vadias Recife 2019 .....	123
Figura 52 – Caminhada na Boa Vista, Marcha das Vadias Recife 2019 .....	123
Figura 53 – Caminhada na Boa Vista, Marcha das Vadias Recife 2019 .....	124
Figura 54 – Caminhada na Boa Vista, Marcha das Vadias Recife 2019 .....	124
Figura 55 – Performance na Boa Vista, Marcha das Vadias Recife 2019. ....	125
Figura 56 – Performance final na Rua da Aurora, MVR 2019. ....	126

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMB	Articulação de Mulheres Brasileiras
FMPE	Fórum de Mulheres de Pernambuco
FPA	Fundação Perseu Abramo
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MBL	Movimento Brasil Livre
MTST	Movimento dos Trabalhadores Sem Terra
MPL	Movimento Passe Livre
MVR	Marcha das Vadias Recife
OMS	Organização Mundial da Saúde
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PT	Partido dos Trabalhadores
RENFA	Rede Nacional de Feministas Antiproibicionistas
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UNE	União Nacional dos Estudantes
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
VPR	Vem Pra Rua

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
1.1	Metodologia .....	20
<b>2</b>	<b>MOVIMENTOS SOCIAIS E MOVIMENTO FEMINISTA: LOCALIZANDO A MARCHA DAS VADIAS</b> .....	<b>24</b>
2.1	Da <i>Slutwalk</i> à Marcha das Vadias: pautando sobre violência contra as mulheres .....	34
<b>3</b>	<b>MARCHA DAS VADIAS RECIFE</b> .....	<b>43</b>
3.1	A dinâmica, as presenças, as imagens e as vozes da MVR .....	51
3.2	A vadia e a rata: apontamentos sobre raça e classe.....	77
3.3	Coletiva das Vadias.....	81
<b>4</b>	<b>“TÔ DE MINISSAIA, NÃO TE DEVO NADA”:</b> A VESTIMENTA PROTESTO NA MARCHA DAS VADIAS RECIFE.....	<b>84</b>
4.1	Eu vadia?.....	98
4.2	Peito casa, peito caos.....	102
4.3	O Paradoxo da falta: falta de roupa preenchida de sentido. ....	109
<b>5</b>	<b>ETNOGRAFIA VISUAL: MARCHA DAS VADIAS RECIFE 2019</b> .....	<b>118</b>
5.1	Abraço-Chegada .....	118
5.2	Performance inicial: o que é ser mulher? .....	121
5.3	Caminhada: Dias mulheres virão.....	122
5.4	Performance final: silêncio-palavra.....	125
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>127</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>130</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Lembro que a Marcha das Vadias surgiu em 2011 e gerou grande burburinho nas redes sociais. Uma manifestação em que as mulheres mostravam os peitos! Contra todas as formas que tínhamos de nos legitimar enquanto mulheres “direitas”, e conseqüentemente merecedoras de respeito, as participantes da Marcha utilizavam justamente o oposto para reafirmar nossos direitos. Contra todas as minhas tentativas, sem sucesso, de ser respeitada, de ser ouvida, tendo sempre cuidado em como iria me vestir, essas mulheres utilizaram justamente o oposto para afirmar esse lugar de respeito: não se vestir.

Lembro que para mim, recém ingressa na Universidade Federal de Campina Grande, no curso de psicologia, aos dezoito anos, branca, classe média, engatinhando no feminismo, reivindicar direitos mostrando os peitos fazia o maior sentido do mundo. Particularmente, eu que cresci no Ceará sendo uma criança “impossível”, àquele tipo de manifestação, fazendo *topless*, afrontando a moral e os “bons costumes”, fazia mais sentido ainda. Na época eu morava em um pensionato com mais uma menina e dez meninos, local que eu sempre precisava vestir uma armadura carrancuda e séria nos locais comuns da casa para afirmar algum tipo de poder e/ou controle que faria os meninos me respeitarem.

Sobre essa armadura, ela estava em tudo: na roupa que eu vestia, nos assuntos que eu puxava, no que eu gostava de ouvir, se eu saía e que horas eu voltava para casa, todo o meu comportamento definiria se eu merecia ou não ser respeitada. Naquele momento, para mim, a grande formulação da Marcha era justamente o fato de que aquelas mulheres não precisavam vestir essa armadura para se afirmarem enquanto mulheres merecedoras de respeito. Elas estavam ali, no extremo oposto da minha armadura, literalmente nuas, se autodenominando vadias, e ainda assim, exigindo respeito por elas e todas as outras – respeito não por merecimento, mas por existir.

Iniciada em Toronto, no Canadá, em 2011, com o nome *Slutwalk*, a Marcha das Vadias é uma manifestação que defende a liberdade e a autonomia das mulheres. A Marcha foi inicialmente articulada na Universidade de York<sup>1</sup>, onde, após elevados índices de assédio e estupro, uma série de debates e palestras foram realizados. Em uma dessas ações, um segurança do campus afirmou que as alunas evitariam o estupro caso parassem de se vestir como “vadias”. Após essa declaração, as mulheres se organizaram e foram às ruas com roupas consideradas “provocantes”, fizeram *topless* e mostraram seus corpos em uma alusão a ideia de “vadia”,

---

<sup>1</sup> Contexto em que os alunos moram no próprio espaço da universidade.

como forma de protesto pelo fim da cultura do estupro e em defesa da autonomia sobre seus corpos e suas vidas<sup>2</sup>. Ou seja, as mulheres da manifestação se caracterizavam pelo uso de pouca roupa, roupas curtas, “inapropriadas” ao espaço público, para protestar contra a culpabilização das vítimas pelo assédio.

Desde então, a ideia da Marcha fundamenta-se no protesto contra a premissa socialmente imposta, reproduzida pelo machismo estrutural e pela lógica do patriarcado, de que as mulheres que não obedecem determinadas regras sociais merecem ser estupradas e/ou assediadas. Assim, elas seriam as culpadas pelos assédios e estupros, podendo elas mesmas evitarem ou provocarem tais crimes. Existem, desse modo, inúmeras justificativas aceitas para que a culpa da violência recaia sobre as próprias vítimas, seja pela roupa, atitude, comportamento, pelo local que frequenta ou por estar fora de casa em “horário indevido”. Sobre isso Margareth Rago (2013) nos lembra que até pouco tempo atrás as mulheres eram categorizadas entre “castas” e “públicas”, sendo o segundo ligado a mulheres que trabalhavam com prostituição. Era a “mulher pública”, “mulher alegre” ou “mulher da vida” aquelas que ousavam se colocar fora dos padrões de gênero e recato esperado pela sociedade. Além de categorizar as mulheres entre as “merecem respeito” e as que “não merecem respeito”, colocando alguns corpos como mais violáveis que outros, ainda denuncia a existência de um estereótipo que define como as mulheres deveriam se vestir, quais locais devem ser por elas frequentados e em determinados horários.

Quando entrei na graduação em Design - Moda, na Universidade Federal do Ceará, lembro de um texto que li para a disciplina de Francisca Mendes, à época minha professora-tutora-orientadora, que entendo como um dos meus pensamentos iniciais. Tratava-se de um dos capítulos do livro "O espírito das roupas", da Gilda de Mello e Souza (2019), chamado Antagonismo. O capítulo explorava a relação homem-mulher no século XVIII e o feminino sempre como algo ligado ao privado, voltado para atividades domésticas. Chamou minha atenção, no entanto, a forma como o argumento apontava a roupa como expressão dessa relação. Nas classes mais abastada da Europa do século XIX, as mulheres deveriam ter muitas vestimentas e adornos, saias volumosas, crinolinas e outros elementos que modificavam a silhueta feminina, muitos deles dificultando até mesmo a locomoção. Em contrapartida, os homens tiveram sua vestimenta modificada de forma a ficar mais enxuta, uma silhueta que acompanhava o formato original do corpo, já que a revolução industrial exigiu cada vez mais agilidade na locomoção dos homens para atender as demandas do mercado de trabalho.

---

<sup>2</sup>Informações retiradas do site <<https://marchadasvadiascwb.wordpress.com/conheca-a-marcha/porquevadias/>>, acesso em 2 de julho de 2016.

No mestrado esse pensamento inicial foi melhor apreciado com as discussões sobre a construção dos corpos ligados às categorias gênero, sexualidade, raça e classe. Logo, as vestimentas surgem como artefatos atravessados por essas categorias. Colocar apenas a categoria “mulher”, como se todas fizessem parte de uma mesma construção, acaba por invisibilizar mulheres negras, indígenas, periféricas, trans<sup>3</sup> e outras. Angela Davis (2016) em seu livro *Mulheres, raça e classe*, aponta justamente que o ideal feminino do século XIX, que definia o papel das mulheres como elementos do espaço privado, sendo estas mães, esposas e donas de casa, colocava as mulheres negras praticamente como “anomalias” (2016, p. 18), já que afinal, elas, escravizadas, oprimidas e estereotipadas, não chegavam nem perto desse ideal. Ao serem escravizadas, as mulheres negras constituíram uma noção de família e trabalho doméstico diferente das mulheres brancas. O próprio espaço privado reservado para as mulheres negras escravizadas não eram o seu próprio, mas sim o da casa de mulheres brancas. As mulheres negras, quando podiam realizar algum serviço doméstico para benefício próprio, entendiam isso como um trabalho libertador, pois dedicar tempo e cuidado de si e da sua família era o único trabalho que não era feito para benefício do patrão.

Davis (2016) me apresentou as bases do feminismo interseccional, o que me orientou a compreender as muitas críticas elaboradas contra a Marcha das Vadias ao longo dos anos, principalmente oriundas das representantes do feminismo negro. Tais críticas, portanto, tocam no ponto da representatividade e da diversidade das experiências e opressões. Para algumas feministas negras, a Marcha não as representa, pois mostrar os peitos na rua de nada seria revolucionário, uma vez que os corpos de mulheres negras e não brancas já é exposto e hipersexualizado por uma cultura que explora o corpo da “mulata gostosa globeleza”, que está no mundo pra servir e ser visto, nunca cuidado, amado e respeitado.

A Antropologia me ajudou a entender a Marcha das Vadias como expressão de um feminismo multifacetado, e por suas diversas vertentes, tenso, cujos projetos, conceituais e práticos, estão em disputa. Também através da Antropologia pude entender a vestimenta, sendo parte da Marcha, objeto mais próximo ao corpo, que veste e o compõe enquanto imagem e símbolo, capaz de carregar significados e expressões, mas para além disso, a vestimenta como um objeto com certa agência, capaz de definir relações, na medida em que os humanos estabelecem relações com as roupas, assim como as roupas são capazes de criar reações nos sujeitos.

---

<sup>3</sup> Pessoas que não se identificam com o gênero que nasceram

Acompanhei de longe as Marchas das Vadias que aconteceram no Brasil e sua repercussão nas redes sociais como *Facebook* e *Twitter*. Digo que acompanhei de longe pois ainda não tinha efetivamente participado de uma. Dentro da minha “bolha” de convivência – majoritariamente formada por pessoas brancas e universitárias - todos comentavam da manifestação onde as mulheres mostravam os peitos, queriam saber quem eram as vadias ou queriam se auto denominar vadia. A vestimenta considerada inapropriada ao espaço urbano foi o destaque nas primeiras Marchas, que se disseminou rapidamente pela internet, ganhando cada vez mais força através das mídias e redes sociais. No Brasil, ainda no ano de 2011, a Marcha passa a acontecer em muitas cidades, dentre elas Recife.

Já com questionamentos sobre locais femininos e masculinos em uma sociedade com bases capitalistas e patriarcais, e como isso se coloca na vestimenta, queria que minha monografia da graduação em Moda girasse em torno dessa temática. Pensando em algum evento em que a vestimenta fosse pautada com essa relevância, também muitas vezes com a falta de roupa, cheguei na Marcha das Vadias. Em 2016, iniciando o projeto de monografia, pesquisei sobre a Marcha em Fortaleza, onde eu residia e estudava na época, e em Recife, cidade que tinha vínculo familiares. Das duas opções, a Marcha das Vadias Recife se mostrou bem solidificada, com manifestação anual, desde 2011 e com uma coletiva<sup>4</sup> organizada e articulada no movimento feminista local.

Assim cheguei na Marcha das Vadias Recife, participando pela primeira vez em 2017, acompanhando o ato, fazendo entrevistas, tirando fotos, me inserindo nesse campo. Apesar de já ter ido em várias manifestações e comícios, por uma história de pais militantes de esquerda, a sensação foi diferente. Como Bogado (2018) aponta a partir da fala da ativista Manoela Miklos, foi naturalizado que a voz do coletivo é uma voz masculina e a voz coletiva em uma manifestação de mulheres é marcante. Na Marcha das Vadias, as vozes são das mulheres. Ver uma manifestação majoritariamente de mulheres no meio da rua, gritando, pulando e cantando “feminismo é revolução”, literalmente parando uma das avenidas mais movimentadas da cidade, até hoje me deixa sem palavras, mas mesmo assim tento colocá-las aqui.

Então, em 2017 defendi minha monografia falando sobre o papel da roupa e do corpo para o empoderamento das participantes da Marcha das Vadias Recife<sup>5</sup>. Mesmo com as várias ressalvas, não posso negar a importância desse trabalho dentro da graduação em Moda, sendo

---

<sup>4</sup> Coletiva das Vadias, mulheres que se organizam politicamente em uma coletiva e organizam a Marcha das Vadias Recife

<sup>5</sup> TAVARES, Anna Odara de Araújo. **O papel identitário da roupa para o empoderamento das participantes da marcha das vadias em Recife-PE**. 2017. 58 f. Monografia (Graduação em Design-moda) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

um espaço em que considero de extrema importância para a construção de um pensamento crítico que torne possível a mudança das engrenagens da máquina consumo-exploração-descarte em todo o seu processo. Se a sociedade é Moda, é vestimenta, é indumentária, a Moda também *precisa* ser sociedade, em um plano de existência que não seja a autodestruição. Como aponta Lipovetsky (2009), somos super informados de moda em um nível estético e jornalístico, mas subestimamos sua compreensão histórica e social.

A monografia virou projeto de mestrado e se tornou esta dissertação. Sendo assim, muito além de ver a roupa como objeto capaz de expressar empoderamento, comecei a trilhar um caminho para entender a interação dos humanos com os objetos, podendo estes carregarem significados, entre eles, político. No longo-curto caminho do mestrado, mudei o foco de estudos de gênero para estudos dos objetos e da materialidade que nos cerca, manifestações sociais e usos políticos da roupa. Apesar de localizar a Marcha das Vadias como uma manifestação feminista, aqui não pretendo que os estudos feministas e de gênero sejam meu foco principal, entendendo também que não posso, na mistura que sou afetada<sup>6</sup> pelo meu campo de pesquisa, me abster desses assuntos.

A partir disto, passei a questionar: de que forma as roupas enquanto objetos são capazes de carregar significados? Como as vestimentas se refletem em elementos políticos? E, a Marcha das Vadias se caracterizando como uma manifestação de mulheres, como era o contato da roupa com as mulheres? Em quais espaços? E de que mulheres estamos falando? Quais os usos políticos da vestimenta feminina no contexto da Marcha das Vadias? Como uma manifestação que aborda questões de gênero e sexualidade se configura no atual contexto político brasileiro? E ainda como a Marcha está inserida nos chamados novíssimos movimentos sociais, com características próprias?

Assim, começaram a se delinear os objetivos desta pesquisa, sendo o principal analisar a vestimenta feminina como elemento político e símbolo da militância feminista no contexto da Marcha das Vadias Recife. Ainda, busco analisar a roupa enquanto objeto capaz de carregar sentimentos, símbolos e significados, individuais e sobretudo, coletivos; investigar a capacidade da vestimenta enquanto elemento político; observar as relações entre as mulheres e espaços públicos, nudez e roupas tidas como fora dos padrões; compreender a vestimenta das participantes da Marcha das Vadias como forma política de resistência e analisar a organização de um movimento social de resistência que encampa as questões de gênero e sexualidade no atual contexto político brasileiro.

---

<sup>6</sup> FAVRET-SAADA, Jeanne. **Ser afetado**. 13. ed. São Paulo: Cadernos de Campo, 2005. 13 v. Tradução de: Paula Siqueira.

Me localizo nesta pesquisa enquanto mulher, branca, cisgênero, heterossexual e de classe média, entendendo a branquitude<sup>7</sup> como esse lugar de privilégio que me abriu muitas portas até aqui. Me localizo ainda como militante feminista. Uma vez baseada em Recife, pude, desde o fim de 2018, integrar a Coletiva das Vadias, coletiva de mulheres que organizam a Marcha das Vadias Recife e também ações junto à comunidade e em parceria com outros grupos feministas da cidade do Recife. Meu local de escrita é muito próximo do meu local de luta, de vivência, se aproxima, aqui pedindo permissão à uma mulher negra, ao que Conceição Evaristo (2016) constrói como escrevivência, uma escrita que fala sobre o corpo enquanto condição e experiência. Sobre isso também fala a Favret-Saada (2005), que na antropologia me ajudou a entender que meu lugar enquanto sujeita no campo deve (e pode) estar tão passível de subjetividades, o "objeto" da pesquisa afeta a experiência e a análise. A afetação, portanto, faz parte da experiência de pesquisa antropológica.

Em 2019 participei da Marcha das Vadias Recife pela primeira vez como organizadora. Muitos dos registros fotográficos que estão presentes nestas páginas são frutos de estar à frente da organização da manifestação, entender seu funcionamento e suas articulações. Muitas das perspectivas de um olhar mais atento que teve sua expressão maior no dia da Marcha também foram construídos através dessa imersão. Não só um novo campo se abriu para mim, mas uma nova perspectiva de vida, de militância, uma nova perspectiva de política.

Muitas foram as angústias desta escrita. Como bem lembra a companheira de luta Cecília Cuentro (2017), a dor e a delícia que é pesquisar sobre um lugar familiar, que me perpassa de tantas formas, da militância feminista, de afetos e de pesquisa. Os questionamentos levantados, me acompanharam além do campo, as emboscadas foram além da pesquisa, foram problemáticas que me levaram a questionar minhas próprias vivências e militância. Porém, possibilitaram também transformar minha própria vida.

O desenrolar dos acontecimentos políticos nacionais nesse tempo também foram desafiadores. Alguns destes acredito terem começado a ser delineados em 2013, com manifestações puxadas por grupos de direita, aumentando a pressão popular e o desencadeamento do golpe, que culminou no impeachment da presidenta Dilma Rousseff em 2016. Nesse período, e com Michel Temer assumindo a presidência, se tornou perceptível a insurgência do conservadorismo no país, escancarando até mesmo os saudosos a ditadura militar. Em 2018 o atual presidente, que na votação do processo de Impeachment da presidenta Dilma exaltou um militar torturador da ditadura, ganhou as eleições representando ideias de

---

<sup>7</sup> Como aponta Bento (2014), branquitude seriam traços da identidade racial do branco brasileiro, responsável, muitas vezes, pela manutenção e reprodução do racismo.

extrema direita, conservadoras e fundamentalistas que rondavam o país, agora materializadas e defendidas pelo governo.

A minha entrada na Coletiva das Vadias foi marcada pela última eleição para presidente. Nesse cenário, grupos em maior vulnerabilidade social como mulheres, pessoas LGBTQIA+, negras e negros, moradores da periferia, povos indígenas, as "minorias" entraram ainda mais na mira das políticas de submissão, perseguição e extermínio. Tal contexto teve visível impacto na saúde física e mental das companheiras da Coletiva e daquelas que se disponibilizam a ajudar a colocar a Marcha nas ruas. No clima de insegurança e incerteza do começo de 2019, a Coletiva optou por não produzir a Marcha em maio, como de costume, e transferir o ato para o segundo semestre, visando medidas de segurança maiores e ainda de autocuidado interno.

Em 2020 o contexto se agudiza. Este trabalho foi escrito no meio de uma pandemia da COVID-19, o país governado pela extrema direita cujo projeto político ameaça nossa existência quando trata a situação sem o devido cuidado, sem um plano de ação de combate ao vírus ou de redução de danos sociais, enquanto diminui cada vez mais os direitos trabalhistas, incita o ódio na população, menospreza o número de óbitos, tudo isso agravado pelo aumento da desigualdade social no país. Ainda no mês de agosto de 2020, a notícia de uma criança de 10 anos grávida, após anos vivenciando violência sexual por parte de um familiar, mobilizou o movimento feminista da cidade. Religiosos fundamentalistas foram para frente do hospital, onde a criança estava realizando um procedimento legal de interrupção de gravidez, pressionar os profissionais e rezar para que o aborto não fosse realizado. A mobilização das mulheres, dos coletivos e movimentos sociais feministas foi rápida, onde também foram para a frente do hospital garantir que a integridade da criança fosse preservada, bem como o procedimento, que é garantido por lei, fosse realizado.

O distanciamento físico/social proposto pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como medida para amenizar as consequências da COVID-19 impossibilitaram a realização da Marcha das Vadias Recife em 2020. Este trabalho é perpassado por todo o contexto atual, aos quais os desdobramentos ainda estão por vir. Como Angela Davis (2017) coloca, o desafio do ativismo político envolve as tensões e desdobramentos de se posicionar no momento necessário, respondendo a demandas atuais, combinando-se com o desejo que essa resposta permaneça coerente com o passar dos anos.

## 1.1 Metodologia

Em meio aos estudos sobre moda e vestimenta, cheguei à Marcha das Vadias como objeto de pesquisa ainda em 2016, por se tratar de uma manifestação que o uso da roupa é colocado em perspectiva. Segundo Lipovetsky (2009) a moda é um sistema de pressão e regulação social, a qual os sujeitos tendem a acompanhar. A vestimenta expressa padrões morais, no nosso caso, próprios de uma sociedade patriarcal e heteronormativa. As roupas são ferramentas materiais da regulação dos corpos femininos no espaço público, tanto quanto são expressões e efeitos das normas sociais de conduta, dos padrões e das moralidades regulatórias. A regulação da vestimenta tem muito a dizer também sobre a violência aplicada às mulheres. No campo do discurso público, ela está ligada as diversas formas de assédio e à cultura do estupro, o que impele as manifestante a desconstruir narrativas clássicas cujo efeito é a subjugação das mulheres, tais como enquadrar como "vadias" aquelas que não seguem os padrões (por conseguinte, ressignificar a ideia de vadia para pensar a liberdade dos corpos femininos e autonomia das mulheres) e a culpabilização das vítimas de violência em virtude das roupas que estavam usando.

A primeira Marcha das Vadias aconteceu em 2011, em várias cidades do Brasil. Em 2016 eu estava procurando notícias sobre a manifestação, quando entrei em grupos da rede social *Facebook* buscando informação sobre alguma Marcha a ocorrer em Fortaleza ou Recife, duas cidades nas quais eu poderia participar. Em Fortaleza o grupo estava desatualizado, a última Marcha aconteceu em 2013. Nessa busca consegui contato com o Coletivo Marcha das Vadias – Recife, estabeleci uma breve conversa e fui informada da data da Marcha de 2017. Passei a acompanhar presencialmente a Marcha das Vadias Recife em 2017.

Nessa edição realizei o primeiro momento do trabalho de campo, ainda para a monografia, mas que muito foi aproveitado para as análises a seguir neste trabalho. Entrevistei cerca de dez mulheres, a época queria saber como/se elas achavam que as roupas poderiam expressar empoderamento. Elas foram escolhidas aleatoriamente, algumas por estarem sem blusas, outras pela facilidade que senti na aproximação por estarem sozinhas. As entrevistas semiestruturadas foram feitas da concentração do evento, na Praça do Derby, gravadas em áudio pelo celular e posteriormente transcritas. Também acompanhei a Marcha até a metade do percurso, fiz fotos e alguns vídeos.

Em 2018 optei por não realizar entrevistas, no intuito de ficar deixar mais livre para a observação do campo como um todo, perceber as movimentações, os encontros, as conversas, o que ali se passava. Fiz importantes registros fotográficos e uma das organizadoras da Marcha,

talvez por eu ser um rosto conhecido, me pediu para distribuir zines<sup>8</sup> durante a caminhada. O conteúdo era informativo, buscando tanto esclarecer quanto convidar as pessoas que estão ali transitando e olhando a Marcha.

No fim do ano de 2018, a organização da Marcha, agora com o nome de Coletiva das Vadias, abriu formação para novas integrantes. Participei da formação e passei a fazer parte da Coletiva, já organizando a Marcha de 2019.

A Marcha das Vadias Recife 2019 foi às ruas em agosto, em um clima de apreensão, já que devido ao contexto político conservador, não sabíamos como seria a resposta das ruas a uma manifestação só de mulheres, em que algumas iam com roupas curtas ou seminuas, inclusive sendo uma das pautas do movimento a legalização e descriminalização do aborto. No dia do evento tive conversas informais com três mulheres na concentração, na Praça Oswaldo Cruz, duas que estavam com roupas curtas mais “chamativas” e uma outra que reconheci ter entrevistado em 2017. A conversa foi baseada na minha curiosidade de saber porque elas estavam vestidas daquele jeito, e a última mulher, que estava sem blusa, porque tinha a inscrição “rata” na barriga.

Aqui não pretendo me aprofundar nas questões referentes à Coletiva das Vadias, por entender que é preciso manter a minha segurança e das minhas companheiras, sem que nenhuma de nós seja exposta. Além disso, não tenho interesse de expor questões internas do grupo, entendendo àquela como um espaço seguro, sendo um dos acordos, o sigilo. Apesar disso, entendo que estar na Coletiva das Vadias, na organização da Marcha, me possibilitou ter uma visão mais detalhada do evento.

Na Marcha das Vadias 2019 pude produzir um rico material visual de minha autoria, presentes principalmente no capítulo 3, 4 e no capítulo 5 o qual chamo de etnografia visual, também fruto de um amadurecimento no campo. Já em 2020, estar na Coletiva também possibilitou o fácil contato com as companheiras, que também entrevistei de forma remota devido ao isolamento social imposto pela pandemia de COVID-19, sendo, no total, três integrantes que consegui estabelecer contato em tempo hábil, duas por vídeo chamada no *Meeting* e uma com respostas por áudio de *Whatsapp*. Com elas eu procurei saber brevemente como se deu a chegada até a Marcha das Vadias e a relação destas com a roupa no ato.

De um modo geral, conversei com dezesseis interlocutoras: 10 entrevistadas da Marcha das Vadias Recife em 2017, 3 entrevistadas na Marcha das Vadias Recife 2019 e 3 participantes

---

<sup>8</sup> Impressão de material produzido por um grupo, geralmente de pequena circulação

da Coletiva das Vadias entrevistadas em 2020. Todas foram nomeadas com nomes fictícios para manter a identidade preservada.

Sendo assim, esta pesquisa tem bases qualitativas, fundamentada na observação participante, com inspiração etnográfica, pois buscou entender a Marcha das Vadias como uma rede de relações sociais com referentes morais, políticos e afetivos; seus referentes linguísticos e as posições de sujeito através dos ritos de passagem e pertencimento (GEERTZ, 2008). Os registros foram feitos em diário de campo em uma perspectiva de descrição densa dos eventos acompanhados.

O primeiro capítulo põe a autora e a construção do trabalho em perspectiva. Discute, então, os caminhos que me levaram até esta dissertação, como cheguei no objeto, de onde partiram os questionamentos e fala sobre a minha inserção no campo. Exponho também quais categorias analíticas e principais autores que irei trabalhar, bem como a metodologia que segui para a construção do referido trabalho.

O segundo capítulo versa sobre os movimentos sociais e o movimento feminista a fim de localizar a Marcha das Vadias neste contexto. Entendendo que esse é um campo dinâmico, faço alguns apontamentos sobre como se deu a mudança dos movimentos sociais ao longo dos anos, passando pelas manifestações de junho de 2013, que trouxeram um novo ar para os movimentos de rua, mas que tiveram impacto direto nos rumos políticos do país. Atento também para uma caminhada entre a *Slutwalk*, originada em 2011 no Canadá, para a Marcha das Vadias, por entender que aqui no Brasil o movimento adquiriu particularidades. Além disso, discorro sobre as questões que rondaram a formação inicial da Marcha das Vadias, pautando sobre violência contra as mulheres e culpabilização da vítima.

No terceiro capítulo começo a falar efetivamente da Marcha das Vadias Recife, entendendo as nuances próprias do movimento, quem são as mulheres que a constituem, as participantes e também a Coletiva das Vadias, grupo que está à frente da construção da Marcha desde 2013, e como hoje a Marcha é formada, qual o seu percurso e caminhos que segue. É importante também destacar o assédio como importante marcador da experiência feminina na cidade, sendo um dos combustíveis para a articulação da Marcha. No capítulo também discorro sobre como as violências se dão de formas diferentes para mulheres brancas e mulheres negras, partindo da ideia de que os corpos são postos na sociedade de formas diferentes.

O quarto capítulo fala mais explicitamente sobre a relação da Marcha com as roupas e/ou a sua falta. A roupa entendida enquanto objetos que participam da experiência social, sua agência e relação com as mulheres no contexto da Marcha. A relação das mulheres com os adornos e suas relações com a rua ficam expresso nas palavras que falam, que escrevem nos

corpos e nos símbolos que desenham. Também é possível falar sobre nudez no espaço público, os usos políticos da roupa, relacionando com ações de resistência no atual momento político brasileiro. Ainda, a ausência de roupa, nesse contexto, não se constitui como ausência de significado.

No quinto capítulo exponho uma etnografia visual por meio de fotos que narram imageticamente dimensões importantes da experiência política da Marcha das Vadias Recife, lugares, interações e expressões que compõem a Marcha. Nesse capítulo só as imagens falam, tentando apresentar a Marcha como um protesto altamente visual e performático.

## 2 MOVIMENTOS SOCIAIS E MOVIMENTO FEMINISTA: LOCALIZANDO A MARCHA DAS VADIAS

A Marcha das Vadias teve início no Canadá em 2011 e no mesmo ano chegou em várias cidades do Brasil, inclusive em Recife. Na capital de Pernambuco, inicialmente foi organizada por mulheres que já se articulavam dentro do movimento feminista e, a partir de 2013, passou a ser organizada pela Coletiva das Vadias<sup>9</sup>. Cuentro (2017) afirma que o contexto de retrocessos e opressões sociais em 2011 teve como resposta o aumento de grupos e coletivos como forma de resistência política em Recife, sendo o movimento feminista local historicamente forte e articulado com outros grupos nacionais. Sá Barreto e Medeiros (2017) nos lembram que grupos sociais indígenas, mulheres, desempregados, negras e negros, e outros que constroem boa parte das pautas de resistência atuais, são grupos que não eram previstos pela teoria crítica eurocêntrica tradicional, sendo capazes, então, de produzir outras formas de resistência.

Em um panorama global, Butler (2018) aponta que o avanço da economia neoliberal sobre instituições e serviços, torna cada vez mais evidente os desdobramentos da necropolítica<sup>10</sup>, com alto desemprego, pessoas sem moradia, perdendo benefícios previdenciários e sem perspectiva de qualidade de vida. Como Mbembe (2018) aponta, se constitui como expressão maior de soberania, o poder de ditar quem vai morrer e quem vai viver, se tornando evidente que existem vidas mais descartáveis que outras.

A atuação em formato de comunidades, autogovernos, coletivos e organizações populares ganharam repercussão no Brasil a partir do fim de 1980, é o que Maria da Glória Gohn (2017) vai chamar de Novos Movimentos Sociais. Eles foram assim denominados por se contraporem os movimentos sociais tradicionais, organizados majoritariamente em sindicatos e partidos, em estruturas rígidas de centralização de poder e hierarquização. Diferentes das demandas de luta de classes dos movimentos tradicionais, os Novos Movimentos tinham como base questões voltadas para identidade cultural, articulando suas discussões em torno de gênero, etnia, cultura, bem como movimentos populares ligados as necessidades socio-urbanas, como direito à moradia, saúde e transporte.

Os movimentos tecidos antes da década de 1980, Gohn (2017) nos lembra que eram denominados clássicos ou tradicionais, se organizavam em partidos políticos, sindicatos, movimentos rurais ou em agrupamentos oficiais dos estudantes, como a UNE (União Nacional

---

<sup>9</sup> A Coletiva será abordada mais detalhadamente no tópico “Coletiva das Vadias”

<sup>10</sup> Termo desenvolvido por Achille Mbembe, filósofo negro, historiador, teórico político e professor universitário camaronense, que se refere à política que define quem merece ou não viver

dos Estudantes). Eram movimentos que ocorriam tanto no meio rural como no urbano, se caracterizavam pela hierarquização dos partidos e mantinham estruturas rígidas de organização, centralizadas na figura do líder, em relações postas de forma verticalizada. A autora justifica o uso do nome “clássicos” para classificar os movimentos mais comuns a figurar na história recente. São movimentos com uma tradição construída pela classe trabalhadora, em uma luta secular baseada na busca por melhores condições de vida e trabalho. Assim, o grupo tem uma articulação ideológica homogênea, com comunicação construída a partir de congressos ou encontros.

A Marcha das Vadias Recife surge com uma estética própria, intervenções e performances, caracterizada pela presença de mulheres que vão para a rua e mostram os peitos, pintam os corpos, empunham cartazes, sendo a ocupação do espaço público uma das estratégias de reivindicação<sup>11</sup>. Essa característica se aproxima do que Sá Barreto e Medeiros (2017) apontam sobre os Novíssimos Movimentos Sociais, que utilizam técnicas de ocupação urbana a partir das mais variadas formas resistência civil, manifestações, greves e passeatas. Como exemplos destes, temos o Ocupe *Wall Street*, que aconteceu em Nova Iorque no ano de 2011, protestando contra a crise financeira, e o 12M em Portugal, também no mesmo ano, que reivindicava melhorias trabalhistas para a população, principalmente para os jovens.

Os Novíssimos Movimentos Sociais começam a aparecer tendo como base os Novos Movimentos, adicionado reivindicações contemporâneas, como aponta Sá Barreto e Medeiros (2017), as lutas contra-identitárias. No Brasil, a partir das Jornadas de Junho de 2013<sup>12</sup>, onde os jovens foram para a rua protestar contra o aumento do preço do transporte público e contra os gastos feitos com o dinheiro público para a copa de 2014, os novíssimos movimentos começam a se delinear. Os sujeitos pertencentes a esses movimentos na grande maioria se identificam com mais de uma luta, podendo representar diferentes correntes políticas. Além disso, a autora afirma que as referências utilizadas pelos participantes desses movimentos são interseções de gostos, valores, ideologias e idade, fazendo com que a identidade dos novíssimos não seja algo fixamente estruturado (Gohn, 2017).

Sobre isso, as manifestações de massa que ocorrem em espaços como ruas e praças, mesmo que as pessoas presentes tenham propósitos políticos distintos, o que une aquelas pessoas, as tornando semelhantes, unificando as pautas é que “os corpos congregam, eles se movem e falam juntos e reivindicam um determinado espaço como público” (BUTLER, 2018,

---

<sup>11</sup> Isso será abordado detalhadamente a frente

<sup>12</sup> Como ficaram conhecidas pela mídia a série de manifestações ocorridas no Brasil em junho de 2013

p. 80). Nesse sentido, ocupar espaço, as ruas, as praças, avenidas, é também apropriar aquilo como domínio público, ocupar o que é por direito da população.

Gohn (2017) vai atentar para o fato de que os novíssimos movimentos que foram as ruas a partir de 2013 eram chamados pela mídia de “manifestações”, ficando esta denominação como referência para a população nacional. Alguns participantes das manifestações não se identificam com nenhuma forma de organização política, seja partido, movimento social ou coletivo, não existindo necessariamente um interesse em comum. Este tipo de manifestação acabou por formar um grupo fragmentado, com interesses distintos, o que faz com que os participantes se reúnam, em sua maioria, usando as redes sociais como veículo de comunicação, realizem o “evento” e se dissolvam, sem que necessariamente haja uma continuidade.

A autora aponta que os sujeitos dos Novíssimos Movimentos Sociais se utilizam das mídias sociais como vínculo central de organização, comunicação e propagação de informação. Redes sociais como *Facebook*, *Twitter* e *YouTube*, que são abertas e têm grande alcance do público possuidor de internet, acabam funcionando como ferramentas de mobilização, exposição de reivindicações e conscientização da população, gerando informação e sociabilidades fora do controle de estruturas estatais institucionalizadas, que antes possuíam o monopólio de informações. Butler (2018) ainda aponta que nem sempre e nem todos podem estar fisicamente presentes, mas que os meios virtuais e digitais são formas dos sujeitos se fazerem presentes nos movimentos, serem partes do povo.

Ainda em 2011, a Marcha das Vadias rapidamente se propagou pela internet. Em redes sociais como *Facebook* e *Twitter*, com a possibilidade da rápida transmissão de informação, a Marcha se expandiu do Canadá para outros países, e, dentro do Brasil, para diferentes estados. Apesar da ideia inicial do movimento ser a mesma, cada estado se organizou de forma independente. O *Facebook* teve importante destaque nesse processo, tendo como ferramenta “criar evento”, onde era possível convidar pessoas, confirmar participação e compartilhar o evento, o que difundia a ideia e incentivava a participação de outras pessoas. Se tornou comum “confirmar” presença no evento para mostrar apoio a manifestação ou ato em questão. Como visto abaixo, na página do evento da Marcha das Vadias Recife de 2019, é possível colocar a descrição, data, horário, localização, ver quantas pessoas confirmaram presença, bem como quantos e quais amigos confirmaram presença.

**Figura 1** – Evento criado no Facebook para a Marcha das vadias 2019



**Fonte:** <[https://www.facebook.com/events/217518095824554/?acontext=%7B%22event\\_action\\_history%22%3A%22mechanism%22%3A%22search\\_results%22%2C%22surface%22%3A%22search%22%7D%7D](https://www.facebook.com/events/217518095824554/?acontext=%7B%22event_action_history%22%3A%22mechanism%22%3A%22search_results%22%2C%22surface%22%3A%22search%22%7D%7D)>. Acesso em 30 de março de 2020

Essa ferramenta foi capaz de trazer certa autonomia para os manifestantes, em especial nas Jornadas de Junho de 2013 como aponta Bodago (2018). Os sujeitos se articulavam de forma a não depender exclusivamente do sistema político de funcionamento hierárquico, aguardando ordens para tomada de decisões e chamadas para atos, sendo capazes de criar entre si formas independentes de atuação sem a mediação de partidos políticos ou sindicatos. A não presença de um líder declarado em algumas das manifestações inquietava instituições como a polícia e a mídia, que acostumados com manifestações tradicionais, buscavam um responsável. Em um exemplo citado por Maria Bogado, a resposta de uma manifestante do Movimento Passe Livre ao jornalista que perguntou seu nome “anota aí, eu sou ninguém” (2018, p. 25).

Não é possível produzir um corte abrupto nas categorizações das manifestações, assim como não podemos fazer cortes abruptos em definições sociais. São características que vão sendo construídas e muitas vezes se mesclam, fazendo com que as manifestações clássicas

tenham características de manifestações atuais e vice-versa. Os movimentos tradicionais, por exemplo, usam ferramentas de movimentos atuais, acompanhando as mudanças sociais, como as mídias sociais, sendo assim possível a manutenção da comunicação e interação com as pessoas. Segundo Gohn (2017) no entanto, essas ferramentas são utilizadas como apoio, e não como ferramenta principal de comunicação.

Usando como exemplo o Movimento Passe Livre (MPL), Maria da Glória (2017) coloca também outras características desses novíssimos movimentos. O movimento foi puxado por estudantes do ensino médio que queriam a gratuidade no sistema de transporte público. Além da horizontalidade através de uma organização descentralizadora de poder, o movimento ainda era autônomo, independente e apartidário, a partir de informações publicadas no *site* do mesmo. Essas características se tornam fundamentais para o novo momento político e social do país em que os ideais não estão amarrados e financiados por grupos de poder mais ou menos predefinidos.

Seguindo os moldes dos coletivos dos Novíssimos Movimentos, a Coletiva das Vadias tem em suas bases a horizontalidade, que é também princípio que norteia as construções do grupo. Não existe uma pessoa que seja símbolo da Coletiva ou tenham maior poder, as decisões são discutidas e tomadas coletivamente e a imagem relacionada a Marcha das Vadias Recife é também coletiva. Sendo também apartidária e autônoma, toda a articulação da Marcha é feita pelas mulheres que compõem a Coletiva das Vadias com ajuda de grupos feministas parceiras, estruturando desde data, trajeto, local de início e fim, performances que serão executadas, segurança das participantes, apoio para instrumentos da batucada, som e outros pontos de logística.

Em 2013, por conta das Jornadas de Junho, a Marcha das Vadias Recife encontra um cenário político favorável. Segundo Cuentro (2017), possivelmente por conta desse momento político inflamado, a Marcha das Vadias Recife ganha força e proporciona um novo fôlego aos movimentos sociais na cidade. Ainda assim, a autora atenta para os conflitos, contradições e problemáticas que a Marcha das Vadias carrega ao chegar em Recife. Estes giram, em sua maioria, em torno do nome e proposta política do movimento, já que nem todas as mulheres se sentem representadas em se autodenominar “vadia”, e nem todas acreditam na possibilidade de ressignificar o termo. Além disso, algumas mulheres não veem como “empoderador” o fato de mostrar os seios na rua, o ato, ao contrário, confere ao patriarcado justamente o que ele quer.

Essas questões são colocadas principalmente por mulheres negras e não-brancas, que se fundamentam também no fato de que a primeira Marcha das Vadias foi articulada no Canadá, por mulheres brancas inseridas no contexto universitário, entendido como um grupo

privilegiado. Angela Davis, em um discurso apresentado em 1987 na conferência anual da Associação Nacional de Estudos sobre Mulheres, vai expor a falha do movimento de mulheres por igualdade. A autora aponta o esvaziamento racial e, além disso, que as mulheres brancas convidam mulheres negras, latinas, indígenas, pobres, operárias e outras “minorias” a participar do movimento feminista, sem nunca colocar as pautas destas na lista de prioridade. Davis aponta que para a “terceira onda” não cometer os mesmos erros das duas anteriores, é preciso “criar um movimento de mulheres revolucionário e multirracial, que aborde com seriedade as principais questões que afetam as mulheres pobres e trabalhadoras” (DAVIS, 2017, p 18).

As chamadas “ondas” ou “gerações” do movimento feminista são assim denominadas a partir de algumas literaturas acadêmicas, tendo os “cortes” das gerações fins didáticos. Assim, a primeira geração teve início no fim do século XIX e começo do século XX, no hemisfério norte, onde as mulheres reivindicavam direitos políticos. A segunda geração é marcada pelo período pós segunda guerra e por governos ditatoriais no Brasil, eram feitas reivindicações acerca do corpo, direitos sexuais e o fim da subordinação das mulheres. Para a terceira geração, falas como a citada acima por Angela Davis, que a partir dos anos de 1970 passa a denunciar o racismo das gerações anteriores, questionam a existência da universalização do sujeito “mulher” (Cuentro, 2017).

Sobre o movimento feminista no Brasil, Rago (2013) aponta que desde os anos de 1970 muitas mulheres se uniram visando criar novos modos de existir, ocupando espaços antes a elas negado, reivindicando direitos, inscrevendo outras sociabilidades, enfim, transformando a vida social, política e cultural do país. Na referida década, apesar da ditadura militar em vigor, onde ideias de esquerda eram ferozmente reprimidas, o movimento feminista teve considerável expressão nacional, se ligando a outros movimentos sociais. Segundo Corrêa (2001) o movimento foi se articulando entre mulheres jovens profissionais de esquerda. Como grande parte das reuniões eram proibidas, uma forma que as mulheres encontraram de perpetuar suas ideias eram através da igreja ou do Partido Comunista, instituições que se mantiveram firmes na época.

Dessa forma, as mulheres que participaram da construção de um movimento feminista no Brasil estavam muito ligadas à universidade, à igreja ou ao Partido, criando jornais para circulação de ideias, grupos de estudos e introduzindo seu pensamento em meio a pautas de outros movimentos. Assim, eram mulheres jovens, em sua maioria branca e de classe média, um pequeno número que tinha o privilégio de ter acesso à informação. As primeiras ideias do movimento feminista eram hierarquizadas e enraizadas nos movimentos tradicionais, visto

como uma luta “secundária”, de menor interesse ou urgência, ocasionando o silenciamento da luta das mulheres.

Sarti (2004) afirma que essa ascensão do movimento feminista no Brasil em 1970 estava ligada à contestação da ordem, naquele momento instaurado pelo golpe de 1964, uma ditadura militar que, como tal, colocava em xeque direitos e a liberdade da população. Sem deixar de lado o contexto geral que impulsionou o feminismo em escala mundial, no Brasil, desde 1960, a modernização das indústrias e aceleração do crescimento das cidades fomentou bases para que as hierarquias tradicionais de gênero fossem questionadas. A ditadura teve destaque no questionamento de papéis de gênero pois levou as mulheres a luta armada, lugar que questionava a posição tradicional que as mulheres deveriam ocupar na época.

Sem uma proposta feminista deliberada, as militantes negavam o lugar tradicionalmente atribuído à mulher ao assumirem um comportamento sexual que punha em questão a virgindade e a Instituição do casamento, ‘comportando-se como homens’, pegando em armas e tendo êxito nesse comportamento, o que, como apontou Garcia, “transformou-se em um instrumento *sui generis* de emancipação, na medida em que a igualdade com os homens é reconhecida, pelo menos retoricamente. (SARTI, 2004, p.37)

A autora também aponta uma questão que só foi possível ser visualizada depois do fim da ditadura, em um evento acadêmico no ano de 1996. Foram expostos relatos de mulheres torturadas na ditadura, sendo possível denunciar que elas sofriam violências específicas, ficando claro que a igualdade de gênero não foi efetivada e não conseguiu ser prioridade no projeto militante na época. Entre as denúncias, sendo comum no Brasil a aplicação de tortura, foi possível entender que às mulheres, além da violência sexual, eram aplicadas violências psicológicas que girassem em torno de seus filhos, laço que as coloca em um lugar de extrema vulnerabilidade.

Heloisa Buarque de Hollanda (2018) propõe ainda uma quarta geração feminista, que vem sendo delineada desde 2013, com estratégias próprias, se organizando de forma autônoma, apartidária e horizontalizada, sem lideranças e protagonismos, atentando para o coletivo. Apesar disso, Bodago (2018) aponta que a Marcha vem, desde o início década de 2010, construindo seu lugar dentro da geração, além da horizontalidade, as participantes se utilizam de performances corporais como formas de expressão política, sendo também um dos atos responsáveis pela reinserção do corpo e dos corpos nas manifestações.

Em 2015, a “primavera feminista” surgiu como uma onda de mobilizações contra a aprovação do projeto de lei 5069/2013, apresentado por Eduardo Cunha, que dificultava o acesso de mulheres a pílula do dia seguinte pela rede pública de saúde. As manifestações tinham como tema “Cunha sai, pílula fica” e tinham, em grande maioria, a adesão de mulheres jovens.

Segundo Cuentro (2017), o projeto de lei iria impactar diretamente o atendimento de mulheres vítimas de estupro, que poderiam não receber medicamentos de profilaxia para evitar gravidez e infecções sexualmente transmissíveis. Além disso, qualquer debate sobre o assunto se tornaria crime com pena por apologia ao aborto.

Não posso deixar de lembrar, em maio de 2016 um sem número de mulheres foram para as ruas do país em protesto ao caso de estupro coletivo ocorrido no Rio de Janeiro, em que uma adolescente foi violentada por trinta e três homens. Bogado (2018) aponta que as mulheres gritavam frases como “mexeu com uma, mexeu com todas” e que ao final da manifestação elas se reuniram para partilhar vivências. Uma característica importante dessa geração do movimento feminista são os usos de hashtags (#) nas redes sociais, como *Facebook* e *Twitter*, proporcionando debates, muitas vezes incentivando mulheres a denunciar agressores e criando um local de acolhimento. Exemplos destas campanhas ocorreram em 2016 como o #MeuAmigoSecreto e o #MeuPrimeiroAssédio que buscava denunciar agressões, assédios e violências protagonizadas por homens (Cuentro, 2017).

Também em 2016, o assunto foi amplamente difundido em algumas escolas que passaram pelo processo de ocupação dos alunos. Segundo Bogado (2018) estudantes de um colégio em Porto Alegre subiram a hashtag #VaiTerShortinhoSim e reivindicavam que as meninas pudessem usar short, argumentando que em dias quentes era permitido que os meninos frequentassem a escola de short, enquanto as meninas eram mandadas para casa. A mobilização foi importante para trazer ao ambiente escolar discussões de pautas como assédio, estupro, sexismo e machismo.

Maria Bogado (2018) coloca a fala de uma estudante secundarista carioca onde a jovem aponta que não se pode esquecer da importância das jornadas de junho de 2013, que a população entendeu seu poder de ir às ruas, tanto o movimento feminista como o movimento negro teve um considerável aumento após esse período, e que o aumento do conservadorismo é um tipo de resposta a esse processo de conscientização da população em especial da juventude.

Por outro lado, Sá Barreto e Medeiros (2017) colocam que em junho de 2013 a burguesia saiu do local de intolerância às mobilizações e se engajaram em algumas manifestações. Sendo assim, foi possível perceber também um tom nacionalista em alguns protestos, com forte sentimento de pertencimento nacional, exaltando a bandeira e o país, de forma que muitos dos participantes usavam verde e amarelo, buscando passar a ideia de construção de um país “livre de corrupção”, um novo país com pulso firme, que pudesse ser governado a partir dos interesses das classes dominantes. Dessa forma, a adesão de classes sociais mais altas às manifestações de rua levou à legitimação de determinados movimentos. O tom das notícias veiculadas pela

mídia se modificou, a junção de pessoas que atrapalhavam o trânsito, desocupados, antes ditos “baderneiros”, agora chegavam a ser denominado pela mídia de “voz das ruas” ou “vozes da sociedade” (GOHN, 2017, p. 16).

É preciso atentar que algumas manifestações de rua acontecidas no Brasil no período de 2013 a 2016, como o Vem Pra Rua (VPR), se colocam como suprapartidárias, visando um estado eficiente e desinchado, ideias que vão de acordo com uma política liberal. Uma das manifestações chamadas pelo VPR, em 2013, alcançou um número pequeno de pessoas, ocasionando a junção deste com uma passeata puxada pelo PSDB, partido de direita. O mesmo movimento foi um dos que estavam à frente para pressionar os parlamentares a votarem a favor do *impeachment* da então presidenta Dilma Rousseff, levando em conta uma alternância de poder que beneficiaria os setores de interesses liberais para o país (GOHN, 2017).

Segundo Miguel (2018), com os governos do PT, de esquerda e voltados para políticas sociais, fez com que insurgissem no Brasil grupos que assumem o discurso conservador e reacionário. Entre estas pessoas estariam fundamentalistas religiosos, defensores da ditadura militar, liberais econômicos, entre outros que seus posicionamentos políticos divergiam da linha seguida por Lula e, posteriormente, Dilma. Em uma macro escala, grupos como o VPR e o MBL, com ideais alinhados à direita, entraram na onda dos movimentos de rua, puxando grandes manifestações contra a presidenta Dilma Rousseff, primeira mulher eleita ao cargo no país, pedindo seu *impeachment*. Em 2015 e 2016, várias manifestações ocorreram a partir de uma ideia de que era necessário acabar com a corrupção e mudar país, com faixas “eu quero meu país de volta” e alguns, vendo como solução para o país a intervenção militar.

Em 2020, o Brasil representa um confluente dessas ideias liberais, conservadoras e reacionárias. Todo esse contexto consolida impactos direcionados às políticas voltadas para as mulheres, como aponta Miskolci e Campana (2017), sob a égide do combate à “ideologia de gênero”, e outras pautas conservadoras que invisibilizam construções culturais e identitárias de gênero por meio de discursos pretensamente religiosos, biológicos e morais; afeta ainda discussões sobre saúde reprodutiva e educação sexual, que são de extrema importância na luta contra a violência contra a mulher. O atual representante do país, Jair Bolsonaro, ao se articular com o conservadorismo que tem a “ideologia de gênero” como pauta, acaba por reafirmar pensamentos ultrapassados, acreditando que mulheres precisam ser “recatadas e do lar”, por exemplo, jamais, então, das ruas e vadias, como reivindicam as manifestantes da Marcha das Vadias.

Seguindo essa lógica, qualquer luta emancipatória de mulheres é desencorajada, com um Ministério que foi enxugado e agora, em teoria, contempla mulheres, família e direitos

humanos. O referido Ministério ainda é coordenado por uma pastora evangélica, branca, de 56 anos, que representa o conservadorismo da agenda do atual Governo. Os direitos das mulheres são diariamente atacados, como a legalização e descriminalização do aborto, distribuição de pílula do dia seguinte e acolhimento a mulheres vítimas de estupro, pelo mesmo Governo que se utiliza das *fake news*<sup>13</sup> para desacreditar algumas manifestações como a Marcha das Vadias.

**Figura 2** – Trecho publicado no Twitter do deputado Eduardo Bolsonaro



**Fonte:** <https://twitter.com/BolsonaroSP/status/1252241315607298048>. Acesso em 30 de junho de 2020.

A nota acima foi postada no *Twitter* oficial do deputado federal Eduardo Bolsonaro, filho do atual presidente, no dia 20 de abril de 2020, com uma repercussão de mais quarenta e quatro mil curtidas. Na fala, em um tom conservador e moralista, o deputado busca distorcer eventos para convencer a sociedade a se posicionar contrária às manifestações como a Parada da Diversidade e a Marcha das Vadias, incentivando a construção de uma imagem errônea e inverídica destes movimentos.

Apesar disso, muitas das respostas ao conservadorismo têm se difundido nas ruas. Bodago (2018) aponta que foi a partir de algumas dessas manifestações que despertou nas pessoas a possibilidade de mudança através da presença efetiva nas ruas. O corpo presente, nessas manifestações, possibilitou “novas formas políticas de afeto, no sentido de afetar e ser afetado pela multidão” (p. 24).

Para Butler (2018), as manifestações de massa, com a reunião de corpos nas ruas, praças e locais públicos, são um tipo de resposta e forma de rejeição a precariedade de políticas públicas e sociais, é também como as pessoas conseguem exigir melhores condições de vida.

<sup>13</sup> Veiculação de notícias falsas nas redes sociais

A reunião dos corpos nas vias públicas é também uma forma de exercer o papel performativo de reivindicação através da ocupação deste espaço, como aponta:

Do meu ponto de vista mais limitado, quero sugerir somente que quando corpos se juntam na rua, na praça ou em outras formas de espaço público (incluindo os virtuais), eles estão exercitando um direito plural e performativo de aparecer, um direito que afirma e instaura o corpo no meio do campo político e que, em sua função expressiva e significativa, transmite uma exigência corpórea por um conjunto mais suportável de condições econômicas, sociais e políticas, não mais afetada pelas formas induzidas de condição precária (BUTLER, 2018, p. 17).

Sobre essa precariedade, Butler (2018) aponta que ela diz respeito a situação ao qual determinadas populações sentem mais que outras os efeitos do sucateamento de medidas de assistência social e econômica. A precariedade é “a distribuição diferencial da condição precária” (BUTLER, 2018, p. 41), onde a população é exposta de forma diferente a condições de risco como fome, doenças, violência e pobreza. Dessa forma, o que acontece nas manifestações, como a Marcha das Vadias, é a expressão corpórea de insatisfações relacionadas à condição das mulheres, emprego, moradia, violência policial, conservadorismo, pobreza e luta por melhores condições de vida no geral para a parcela da população mais precarizada.

Dessa forma, a minha visão é que a Marcha das Vadias Recife se aproxima, inclusive cronologicamente, dos chamados Novíssimos Movimentos Sociais, apartidários, horizontais, conduzia por uma Coletiva autogestionada. A Marcha é também parte do que seria a quarta “geração” do movimento feminista, com novas formas de reivindicação, principalmente através da ocupação dos espaços urbanos, utilizando o corpo não somente para ocupar, mas para subverter antigas regras sociais, vislumbrando novas possibilidades de uma sociedade antipatriarcal, antirracista e anticapitalista.

## **2.1 Da *Slutwalk* à Marcha das Vadias: pautando sobre violência contra as mulheres**

Como dito, a Marcha das Vadias surgiu em 2011 com o nome de *Slutwalk*, em Toronto, no Canadá. A princípio o protesto visava lutar contra a violência sexual e cultura do estupro, na qual se inclui a culpabilização da vítima e o *slutshaming*<sup>14</sup>, práticas que buscam desacreditar as mulheres violentadas. A manifestação teve início após altos índices de denúncias de assédio e/ou estupro na Universidade de York, levando a realização de palestras sobre segurança no campus. Na ocasião, um policial comentou que se alunas não se vestissem como “vadias”, estas

---

<sup>14</sup> Forma de humilhar mulheres através de suas práticas sexuais.

evitariam os estupros, associando a culpa do assédio às próprias vítimas pela forma a qual estas se vestiam.

A reação das canadenses à fala do policial foi a articulação da *SlutWalk*, onde estas se autodenominaram *sluts* (vadias, putas, piranhas, vagabundas), se isso significava escolher e viver livremente<sup>15</sup>. Em referência a isso, algumas mulheres saíram com roupas “provocantes” nas ruas, blusas decotadas, meia calça, pintaram seus corpos e fizeram cartazes com reivindicações que questionavam padrões de gênero e o fato de que as vestimentas seriam motivadoras para a violência contra as mulheres.

Inicialmente, segundo Helene (2013), a *SlutWalk* não surgiu como uma manifestação feminista, apesar de ter ideias que se alinhassem ao movimento. Sonya Barnett e Heather Jarvis, as idealizadoras da primeira Marcha no Canadá, não se consideram militantes feministas, apesar de terem se indignado com a fala do policial. A indignação levou as mulheres a propor uma mudança na fala e no comportamento das pessoas, no lugar de falar para as vítimas “cuidado para não ser estuprada”, falar para os reais sujeitos ativos nesse tipo de violência “não estupre”.

Segundo Medeiros (2014) a primeira *SlutWalk* contou com cerca de três mil pessoas, em sua maioria alunas da Universidade. As imagens abaixo mostram algumas mulheres na manifestação, uma delas com uma meia calça transparente, com um cartaz que dizia “vadias dizem sim”, referindo-se à importância do consentimento nas relações sexuais, e ao fato socialmente difundido que se uma mulher vive livremente sua sexualidade é considerada uma vadia. Na figura ao lado a mulher está com o corpo quase todo coberto e no seu cartaz está escrito “acredite ou não, minha saia curta não tem nada a ver com você”, em uma referência a naturalização da ideia de que as mulheres usariam roupas para “chamar atenção” dos homens. É preciso atentar, entretanto, que essa vestimenta acionada para a Marcha subverte padrões sociais e colocam o corpo-vestimenta como elemento ativo de protesto.<sup>16</sup>

---

<sup>15</sup> Informações retiradas do site <<https://marchadasvadiascwb.wordpress.com/conheca-a-marcha/porquevadias/>> no dia 2 de julho de 2016.

<sup>16</sup> Esse assunto será abordado mais detalhadamente adiante

**Figura 3** – Imagens da primeira SlutWalk, em Toronto, 2011



**Fonte:** <https://www.bielousov.com/2011/slutwalk/>. Acesso em 19 de fevereiro de 2020.

A ideia chegou ao Brasil ainda em 2011, impulsionada pelas redes sociais que facilitavam o rápido engajamento e disseminação entre os internautas, em sua maioria, jovens. A manifestação foi traduzida para “Marcha das Vadias” e segundo Gomes e Sorj (2014), as mulheres subvertem o tom acusatório da palavra “vadia”, ressignificando positivamente como forma de enfrentamento. A frase comumente difundida entre as marchas é “se ser livre é ser vadia, então somos todas vadias”, refletem o tom “empoderador” adicionado ao termo.

Gomes (2018) aponta que a Marcha já aconteceu em cerca de sessenta cidades brasileiras. Entre as cidades que foram palco da Marcha estão Curitiba<sup>17</sup>, Belo Horizonte<sup>18</sup>, São Paulo<sup>19</sup> e Rio de Janeiro<sup>20</sup>, que se articularam de forma independente em cada Estado, com suas particularidades e coletivos organizadores. Galetti (2017) afirma que em Campinas, no estado de São Paulo, a Marcha alcançou grandes proporções devido ao alto índice de violência

<sup>17</sup> Informações retiradas do site <<http://www.bemparana.com.br/noticia/482147/primeira-marcha-das-vadias-de-2017-protesta-contra-feminicidio.-veja-video>> acesso em 22 de junho de 2017.

<sup>18</sup> Informações retiradas do site <<https://www.brasildefato.com.br/2016/07/03/marcha-das-vadias-percorre-ruas-de-belo-horizonte-pelo-fim-da-cultura-do-estupro/>> acesso em 22 de junho de 2017

<sup>19</sup> Informações retiradas do site <<http://vejasp.abril.com.br/cidades/marcha-vadias-2015-melhores-cartazes/>> acesso em 22 de junho de 2017

<sup>20</sup> Informações retiradas do site <<https://catracalivre.com.br/rio/agenda/gratis/mulheres-lutam-contra-cultura-do-estupro-na-marcha-das-vadias/>> acesso em 22 de junho de 2017

sexual no distrito de Barão Geraldo, onde está localizada a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

A Marcha das Vadias que acontece no Brasil não é uma importação da manifestação do Canadá, entendo-a como como uma “tradução política “translocal”, nos termos de Alvarez (2009), por se inscrever em “constantes trânsitos, transfigurações, reelaborações e reinvenções por parte de atores inseridos em contextos políticos e relações sociais específicos” (GOMES, 2018, p. 20). Dessa forma, podemos entender que cada cidade trará suas especificidades, construções e pautas próprias, bem como haverá uma organização independente.

Na foto abaixo é possível observar três mulheres sem blusas ou sutiã, com os corpos pintados com tinta o símbolo do feminismo, “mexeu com todas” e “minhas regras”. As frases se referem à uma temática muito difundida nas Marchas, a primeira é “mexeu com uma, mexeu com todas”, que fala de uma coletividade contra as violências direcionadas as mulheres, e a segunda aponta “meu corpo minhas regras”, que expõe sobre as mulheres terem autonomia sobre seus corpos. Como aponta Bogado (2018), a Marcha das Vadias vai ser uma das manifestações responsáveis pela reinserção do corpo e dos corpos nas manifestações, com uma nova linguagem de manifestações urbanas, onde as sujeitas trazem o corpo para o centro do debate, usando este como elemento do discurso.

**Figura 4** – Mulheres na Marcha das Vadias Campinas, 2011



**Fonte:** <https://marchavadiascampinas.milharal.org/eventos/o-que/a-marcha-das-vadias-o-corpo-da-mulher-e-a-cidade-por-didi-crocomila/> acesso em 18 de julho de 2020

Sobre o corpo na Marcha das Vadias, concordo com Gomes e Sorj (2014), que o entendem como um corpo-bandeira, sendo objeto de reivindicação e instrumento de protesto,

no qual as mulheres buscam autonomia sobre seus corpos ao mesmo tempo que o utilizam para escrever suas reivindicações. Ainda, penso que a exposição do corpo é uma forma de questionar regras de gênero, principalmente um padrão de feminilidade e padrões sociais de ocupação do espaço público.<sup>21</sup>

Medeiros (2014) aponta que a primeira Marcha das Vadias do Brasil aconteceu em Brasília, no dia 18 de junho de 2011 e contou com cerca de seiscentas pessoas, em sua maioria mulheres. Já Helene (2013) aponta que a primeira Marcha no país aconteceu em São Paulo, em 4 de junho de 2011, seu evento do Facebook contou com mais de seis mil confirmações e trezentas pessoas participaram/desfilaram pelas ruas da cidade. Em Recife, a primeira Marcha ocorreu em 11 de junho de 2011 e contou com cerca de duzentas pessoas na Praça do Derby<sup>22</sup>. Ainda é possível observar alguns outros estudos sobre a Marcha das Vadias<sup>23</sup>.

Em qualquer dessas edições, mesmo com diferenças estaduais, o corpo e as vestimentas são elementos centrais da discussão da Marcha. Pensando nisso, segundo Baggio (2015), em pesquisa realizada em Curitiba acerca do uso de saia ou calça entre mulheres, constatou-se que os homens acreditam que as mulheres são merecedoras das violências que sofrem, como uma espécie de punição por usar determinados tipos de roupas. Muitos destes acreditam que as mulheres teriam “perdido a vergonha na cara” e o “respeito”, andando “praticamente nuas”, “brincando com o apetite sexual do homem” sendo às mulheres com roupas curtas direcionados comentários como “é puta” ou “estava pedindo”. A pesquisadora ainda aponta que muitas mulheres acabam escolhendo usar calça no cotidiano para driblar o assédio, já que o uso de saia, ao expor mais o corpo que a calça, é lida socialmente como sinônimo de disponibilidade, objetificando e sexualizando, visto como algo vulgar, que deve ser passível de “correção”.

Para a Marcha das Vadias, é preciso entender que a ideia que se disseminou do Canadá para diversas cidades veio a partir de um pensamento comum, coletivizando a experiência individual de inúmeras mulheres. O comentário feito pelo policial canadense, de que as mulheres devem “se dar ao respeito” e não se comportar como se estivessem “pedindo por isso”, não é algo falado apenas por policiais, não é algo pontual, que poderia ter sido dito subitamente ou interpretado de forma errada. A fala do segurança expressa toda uma construção sociocultural que acredita que o corpo das mulheres é passível de violências, devendo, então, se enquadrar em determinadas normas, e caso contrário, a punição a ele aplicada é validada. É

<sup>21</sup> Esse assunto será abordado detalhadamente adiante.

<sup>22</sup> Informações retiradas do site < <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/06/homens-e-mulheres-promovem-marcha-das-vadias-em-recife.html>> em 3 de junho de 2020

<sup>23</sup> Ver em: CHAVES, T. 2015; JUNQUEIRA e GONÇALVES, 2011; GOLDFARB, MINELLA e LAGO, 2013; RODRIGUES e LUVIZOTTO, 2014; FERREIRA, 2013; ZANETTI e NAME, 2013; BATISTA, 2014.

o discurso que visa reprimir a liberdade feminina e tolher a autonomia das mulheres em relação ao próprio corpo.

Carla Gomes, em sua tese publicada em 2018 sobre corpo, emoção e identidade na Marcha das Vadias do Rio de Janeiro, observa que a fala do policial foi entendida pelas manifestantes não como uma opinião isolada, representada por um homem que estava responsável pela segurança no campus da Universidade, mas como uma fala que representa todo um sistema onde estamos incluídas, representa o pensamento de parcela da população, principalmente masculina, que ainda culpabiliza as mulheres pelas violências que sofrem.

Costa (2018) nos lembra uma campanha iniciada na internet em 2016, com a hashtag #NaoMereçoSerEstuprada, que teve início a partir da divulgação do resultado da pesquisa sobre “Tolerância social à violência contra as mulheres”, feita pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). O resultado da pesquisa mostrou que 65%, de um total de quatro mil pessoas entrevistadas concordavam total ou parcialmente com a afirmação “Mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas”. Após a reação, o Ipea divulgou nota apontando que, na verdade, apenas 26% concordavam com a afirmação.

A cultura do estupro, termo inicialmente formulado na década de 1970 pelo feminismo estadunidense, indica Gomes (2018), aponta “práticas, discursos e crenças frequentes que naturalizam a violência sexual contra mulheres, como, por exemplo, a culpabilização da vítima e a noção de que homens não conseguem controlar seu desejo sexual” (2018, p. 122). É possível interligar comportamentos que vão desde violências simbólicas, como palavras e comentários, até atos físicos propriamente ditos, problematizando uma série de comportamentos cotidianos, que acaba por incentivar e naturalizar o estupro.

Dessa forma, aqui coloco violência sexual, estupro, assédio e demais violências direcionadas às mulheres como parte da violência construída socialmente através de bases patriarcais, que naturalizam homens no exercício exclusivo das relações de poder, oprimindo as mulheres, controlando os corpos das mulheres e o que vestem. Vale a lembrança, segundo o site do Conselho Nacional de Justiça<sup>24</sup>, estão entre as formas de violência contra a mulher a violência física, violência psicológica, violência sexual, violência patrimonial e violência moral.

Desde setembro de 2018, no Brasil, foi sancionada a lei 13.718, que reconhece formas de violência específicas voltadas para mulheres, como o estupro corretivo. Segundo a lei, este se configura como uma violência que visa controlar o comportamento sexual ou social da

---

<sup>24</sup> Informações retiradas do site <https://www.cnj.jus.br/programas-e-acoas/violencia-contra-a-mulher/formas-de-violencia-contra-a-mulher/> acesso em 23 de junho 2020

vítima, aumentando a pena do acusado em um ou dois terços. O ato, apesar de ser direcionado às mulheres, é mais comum para lésbicas, onde é comum que as vítimas escutem “você ainda não encontrou alguém que faça você gostar de homem” ou “vou fazer você virar mulher de verdade”. Essas frases denunciam que o fato do homem possuir o falo seria ele mesmo capaz de “corrigir” uma mulher que ele julga ter um comportamento errado.<sup>25</sup>

A Articulação de Mulheres Brasileira (AMB) publicou na sua página do *Instagram* que o Brasil atingiu o recorde de 263 mil registros policiais de violência doméstica, a partir do anuário Brasileiro de Segurança pública de 2018. Isso constitui um cenário em que a cada dois minutos uma mulher foi a delegacia registrar uma agressão física. Venturi e Recamán (2004) vão apontar que, em um levantamento realizado com mulheres de todo o país acima de 14 anos, uma iniciativa da Fundação Perseu Abramo (FPA) em parceria com a Secretaria Nacional de Mulheres do Partido dos Trabalhadores (PT), feito com aproximadamente duas mil e quinhentas mulheres, 43% afirmaram ter sofrido algum tipo de violência, um terço sofreu violência física, 27% sofreram violências psíquicas e 11% foram vítimas de assédio sexual.

Carla Gomes (2018) aponta também que a Marcha trouxe para primeiro plano um corpo que era pouco discutido dentro do feminismo brasileiro, que é o corpo da mulher no espaço público. O movimento feminista no Brasil estava muito ligado à luta contra a violência doméstica, ao qual as mulheres estavam expostas dentro de casa, mas a Marcha ilumina violências sofridas no espaço público cotidianamente – as “cantadas” recebidas nas ruas, “encoxadas” e toques dentro do transporte público, alguns tipos de assédios, camuflados de “paqueras”, em festas e em outros ambientes. A Marcha busca apontar violências urbanas ao qual as mulheres estão expostas cotidianamente.

Na Marcha, a ideia de “vadia” é colocada no centro da discussão contra patriarcal e antissexista. A partir do senso comum, a “vadia” seria a mulher que não se enquadra em determinadas regras morais, principalmente aquelas que dizem respeito às escolhas sexuais, que vão de acordo com ideais conservadores, voltadas majoritariamente para mulheres brancas que deveriam se portar como virgens, puras e recatadas. Esse ideal de feminino relaciona-se a um conjunto de regras sociais e de convivência que diferenciam as mulheres como merecedoras ou não de respeito tendo como parâmetro, entre outros elementos, o uso de determinada vestimenta, o acesso e o comportamento no espaço público.

A vadia iria na contramão do que se espera da mulher “direita”, a pouca roupa ou o corpo seminú é a forma que as participantes da Marcha encontraram para mostrar isso. Logo,

---

<sup>25</sup> Informações retiradas do site <https://agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/violencia-sexual/estupro-corretivo-entenda-o-crime-de-violencia-sexual-contra-lesbicas/> acesso em 12 de julho de 2020

através da estética, da forma como se vestem, dos adornos e acessórios que compõem essas mulheres a Marcha tensiona os preconceitos largamente difundidos. Assim, as participantes usam roupas curtas, shorts, mini saia, vestidos curtos, exibem roupas de baixo como sutiã, meia calça, meia arrastão, usam decotes, expõem seus corpos, mostram as pernas, barriga, peitos, colo, bunda, abusam de batom vermelho e maquiagem. Além disso, se utilizam de cartazes e desse corpo despido para escrever ou pintar algo que remeta a luta que estão propondo.

**Figura 5** – Marcha das Vadias de São Paulo, em 2015



**Fonte:** <https://www.brasil247.com/geral/marcha-das-vadias-em-sao-paulo-pede-legalizacao-do-aborto-em-sp>, acesso em fevereiro de 2020.

A Marcha das Vadias teve grande repercussão nacional devido a ação ambígua das mídias de rádio, TV e jornais. Na ocasião em que a manifestação chegou a São Paulo, um “humorista”<sup>26</sup> falou em seu show, posteriormente reproduzido pela revista Rolling Stones, que as mulheres vítimas de estupro eram feias, de forma que deveriam agradecer à seus agressores, que aquilo não era uma violência e sim uma oportunidade, completando ainda que o estuprador não deveria ir pra cadeia, deveria receber um abraço. A fala foi lembrada na Marcha, onde o humorista foi vaiado, gerando ainda inúmeros comentários nas redes sociais<sup>27</sup>. Falas como esta

<sup>26</sup> Humorista do programa de televisão “CQC”, exibido pela TV Bandeirantes. <https://m.folha.uol.com.br/cotidiano/2011/07/938160-marcha-das-vadias-ocorre-no-rio-rafinha-bastos-e-vaiado.shtml> Acesso em 20 de julho de 2020.

<sup>27</sup> Informações retiradas do site <https://marchavadiascampinas.milharal.org/eventos/o-que/a-marcha-das-vadias-o-corpo-da-mulher-e-a-cidade-por-didi-crocomila/> Acesso em 18 de junho de 2020.

reforçam a necessidade de movimentos que pautem sobre liberdade feminina e lutem contra a soberania masculina.

Segundo Medeiros (2014), as críticas direcionadas a Marcha aparecem no meio digital, entre as coisas ditas estão que as participantes não tem o que fazer e que deveriam ir fazer serviços domésticos como lavar louça ou ir para o fogão. Outras críticas dizem que as “vadias” fazem “mulheres de verdade” passar vergonha, chegando até a dizer que existem coisas mais importantes a serem feitas. Há também quem não acredite na possibilidade da ressignificação do termo, fazendo com que, ao contrário, entremos no jogo patriarcal.

Entendendo ainda que existem corpos de mulheres mais violáveis que outros, onde a experiência de violência é qualitativa e quantitativamente diferente, Helene (2013) aponta outras críticas direcionadas a Marcha, como entender que se autodenominar vadia já é se colocar num lugar de privilégio, pois uma mulher negra e pobre, que possivelmente precise trabalhar com prostituição, raramente iria reivindicar a possibilidade de ser vadia, pensando que esse lugar de desprezo já é cotidianamente direcionado a ela, assim como demais mulheres indígenas, negras, pobres, periféricas, trans e que se encaixem for do padrão branco cisheteronormativo.

Do meu ponto de vista, dialogo com autoras como Davis (2016), Collins (2019) e Akotirene (2018) que colocam como base o feminismo negro para pensar um feminismo interseccional, por entender que no atual contexto brasileiro só é possível um feminismo que converse com pautas de raça e classe. Um feminismo branco pouco se diferencia de um padrão masculino branco-cis-hetero, o qual todos os dias nos prova que não serão eles os responsáveis por repensar seus privilégios. O movimento feminista tem um histórico secular de luta pelo direito das mulheres, a Marcha das Vadias se inserindo em um contexto mais atual da chamada quarta onda feminista, com elementos próprios de ir pra rua, tirar a roupa, mostrar o corpo, fazer performances, usar do deboche e ironia em suas reivindicações. A Marcha das Vadias Recife está anualmente, desde 2011, se construindo como uma manifestação que chama as mulheres para a rua e que faz um trabalho para que não seja a representação de um feminismo branco, mas um feminismo que se proponha a abarcar e debater a pluralidade de mulheres existente.

### 3 MARCHA DAS VADIAS RECIFE



28

Acompanhei a Marcha das Vadias Recife (MVR) nos anos de 2017, 2018 e 2019, sendo nos dois primeiros anos como participante e no último ano como organizadora. Na referida cidade a Marcha teve seu início em junho de 2011 e contou com a presença de aproximadamente duzentas pessoas<sup>29</sup>. Desde então ela acontece anualmente, ocorrendo em uma região central da capital pernambucana. Malu, entrevistada em 2017, aponta a importância da existência da Marcha.

Eu acho que a Marcha é um espaço importantíssimo que tem se consolidado há sete anos, de empoderamento feminino, de discussão do feminismo, de colocar a pauta do feminismo na rua, de poder discutir no coletivo as questões que a gente já discute e passa no dia a dia, poder, além de estar muito juntas, nós que somos feministas a gente poder dialogar com outras mulheres que não tem acesso a pauta do feminismo no seu dia a dia e a gente poder dialogar e trazer elas para a luta (Malu, 27 anos, historiadora, entrevistada em 2017)

Durante os três primeiros anos foi articulada a partir de mulheres que já estavam em atuação no movimento feminista de Pernambuco. Após esse período surgiu entre as mulheres que estavam à frente da organização, a necessidade de se consolidar enquanto coletivo para construir a Marcha. Levando em conta que a organização do ato de rua começa meses antes e

<sup>28</sup> Marcha das Vadias Recife 2019 na Avenida Conde da Boa Vista. Fonte: Anna Odara, agosto 2019.

<sup>29</sup> Informações retiradas do site <[http://noticias.uol.com.br/album/110611\\_marcha\\_das\\_vadias\\_recife\\_album.htm#fotoNav=11](http://noticias.uol.com.br/album/110611_marcha_das_vadias_recife_album.htm#fotoNav=11)> Acesso no dia 7 de setembro de 2016

também visando construir atividades políticas para além da Marcha, surgiu o Coletivo Marcha das Vadias Recife no ano de 2013. O coletivo passou por várias mudanças durante os anos e hoje se chama Coletiva das Vadias.

Em termos gerais, a MVR se inicia na praça do Derby, ao redor do coreto da praça, a concentração por volta das treze horas, no último sábado do mês de maio. Em 2018 a Marcha teve que ser remarcada para o mês de junho, devido à greve nacional dos caminhoneiros que fechou algumas estradas do país e gerou caos nas cidades. Como grande parte do abastecimento de suprimentos é feito por meio rodoviário, a greve ocasionou falta e aumento no preço combustível, redução das frotas de ônibus, escassez de gás de cozinha, bem como cancelamento de aulas em universidades e escolas de Recife. Dessa forma, as organizadoras optaram por adiar a Marcha para o dia 9 de junho de 2018, pensando na segurança e dificuldade de locomoção das participantes.

Em 2019, também por questão de segurança, a Marcha foi transferida para o segundo semestre, acontecendo no dia 24 de agosto. Em meio à um contexto político conservador, que culminou na eleição do atual presidente, a sensação de insegurança de se colocar coletivamente nas ruas, principalmente para expor opiniões contrárias às defendidas pelo presidente e por parcela da população, acabou por não viabilizar um espaço seguro para as mulheres no mês de maio. Outro ponto abordado no referido momento para o adiamento do ato foi entender a importância e dificuldade da manutenção da saúde física e mental das organizadoras e manifestantes. Nesse momento, se colocar enquanto militantes de oposição, é também entender que o autocuidado se configura como arma primordial de luta.<sup>30</sup>

A praça do Derby é um local de importante integração entre diferentes pontos da cidade, contando com grande circulação de ônibus, pontos de táxi e principal ponto de passagem para quem transita na cidade. É cruzada pela Avenida Agamenon Magalhães, primeira perimetral construída na cidade, que possui um tráfego diário de cerca de 100 mil veículos<sup>31</sup>. Ao longo das doze faixas se estruturam diversos edifícios comerciais, hospitais renomados, sendo uma importante ligação entre a região Leste e Oeste da cidade.

Além disso, a Praça do Derby é marcada historicamente por abrigar as mais importantes manifestações políticas do Recife. A fala de uma das entrevistadas, em 2017 expõe esse argumento:

[...] A Praça do Derby é historicamente um espaço de resistência, de luta. As manifestações históricas do estado, elas se concentram aqui... então é um simbolismo

<sup>30</sup> Informações retiradas da rede social Instagram da Coletiva das Vadias em fevereiro 2020.

<sup>31</sup> Informações retiradas do site <http://blogs.diariodepernambuco.com.br/mobilidadeurbana/2013/05/uma-avenida-que-nasceu-grande/> no dia 9 de junho de 2017

muito grande que as mulheres estejam ocupando esse espaço que politicamente é um espaço importante, mas que também é um espaço masculino onde a concentração nas manifestações na maioria das vezes são de homens e a gente olhar ao redor e ver uma concentração de mulheres nesse espaço é importantíssimo (Malu, 27 anos, historiadora, entrevistada em 2017).

A Praça do Derby, como muitos espaços urbanos, acaba por ter uma presença majoritariamente masculina, onde circulam taxistas, motoristas de ônibus, pedestres, pedintes, guardadores de carro e demais componentes urbanos das cidades. É possível sentir, a partir disso, que a circulação de mulheres naquele espaço público é feita com certa cautela, diferentemente da ocupação do espaço pelos homens. Essa percepção constitui as falas de participantes da Marcha, que, para Thais (20 anos, artesã, entrevistada em 2017), o centro da cidade é “onde você escuta mais coisas absurdas e você percebe mais olhares violentos”.

O assédio é uma forma de opressão que incide sobre as mulheres de diversas formas. O Think Olga<sup>32</sup> iniciou, em 2013, uma campanha contra assédio sexual em espaços públicos, com compartilhamento de vivências entre mulheres usando a hashtag #ChegaDeFiuFiu. Em 2018 a campanha virou documentário e foi lançado o “Chega de Fiu Fiu”<sup>33</sup>. O documentário contém falas de pesquisadoras como Margareth Rago, acompanhando de perto o dia a dia de três mulheres<sup>34</sup> que possuem vivências diferentes sobre o que seria circular na cidade, sendo também de cidades distintas. Entre as falas em comum, aparece a de que o assédio é multifacetado, podendo se expressar em toques, gestos, falas e também com o olhar, que, como aponta uma das mulheres, é o tipo de olhar específico que a faz se sentir objetificada.

O documentário mostra por meio de uma câmera escondida as falas dos homens, o olhar, o movimento de virar a cabeça pra continuar olhando as mulheres que passam na rua, o comentário com os amigos, o ato de lambear os lábios, todas essas ações que visam intimidar as mulheres. Uma das mulheres do documentário expõe que não acredita que os homens a assediam verbalmente em forma de “cantadas” ou que estejam realmente interessados em “paquerar” ou a “conhecer”, mas que na verdade eles estão querendo “se amostrar” para os amigos e assumir essa masculinidade viril.

Baggio (2019) afirma que o assédio é visto como um problema individual, de alguma forma que o problema é a mulher em vários parâmetros, seja por andar sozinha, por andar em rua vazia, por estar fora de casa tarde da noite e tantas outras formas que tornam a questão do assédio de cunho privado e pessoal. Em um dos trechos do documentário, é perguntado para a

<sup>32</sup> ONG que nasceu em 2013 e atua em questões de gênero e suas intersecções

<sup>33</sup> Informações retiradas do site <https://thinkolga.com/quem-somos/> Acesso em 10 de julho de 2020

<sup>34</sup> Três jovens, entre 20 e 35 anos. Uma mulher branca ciclista, uma mulher trans negra e uma mulher gorda, negra e lésbica.

entrevistada por que ela não denunciou os assédios sofridos na rua, sua resposta girou em torno da ineficácia de ir à delegacia dizer que um homem a "chamou de gostosa na rua", pois a denúncia seria motivo de risadas. Esta é também uma forma de silenciar as pautas das mulheres, o assédio "não é corretamente tipificado como crime e é visto como uma 'cantada', como algo inócuo, sem maiores efeitos na vida das pessoas" (Baggio; Luz, 2019, p. 134). O que uma Marcha das Vadias ou um "Chega de Fiu Fiu" denunciam é o viés social do assédio. Se várias mulheres passam pela mesma situação, independente de hora, lugar, roupa, companhia, tipo físico, o que isso nos diz é que este é um problema coletivo, é um problema de segurança pública.

O "Chega de Fiu Fiu" também mostra imagens de grupos de homens sentados em bares, em praças, jogando baralho, ou sentados sozinhos, presentes nos mais diversos cenários do espaço público, onde é comum que este lugar seja ocupado por eles. Uma das mulheres entrevistada no documentário aponta que isso começa a ser naturalizado quando o menino vai pra rua brincar e a menina fica brincando de casinha dentro de casa.

Segundo Galetti (2014), foram negados às mulheres, por muitos anos, os espaços públicos, apenas as prostitutas e "vadias" ocupavam esses lugares, devendo as outras se restringir a lugares privados se quisessem ser consideradas "puras" e "bem vistas". Para as mulheres negras, Collins (2019) diz que na urbanização das cidades americanas, enquanto existia a segregação entre afro-americanos e estadunidenses brancos, existiam também relações de gênero entre os negros que separava homens e mulheres. Os espaços ocupados pelos homens eram as ruas, salões de jogos, barbearias, enquanto às mulheres eram destinadas o lar ou a igreja, caso estas não se restringissem a estes espaços, corriam o risco de perder o respeito dentro da comunidade. Além disso, as mulheres negras eram assediadas tanto por homens brancos, como por homens negros, que deveriam ser seus protetores.

Assim, a herança escravista e patriarcal nos diz que as mulheres que estavam na rua eram escravas ou prostitutas, estando ali para "servir" aos homens. Collins (2019) aponta que o assédio sexual direcionado às afro-americanas por homens brancos contribuiu para que todos os homens as vissem como alvo fácil. É possível ver no documentário que o desconforto das mulheres é visível, simbolicamente o que parece dizer é que o espaço urbano não é de pertencimento feminino, não é seu por direito. Assim, é construído socialmente ao homem a sensação de pertencimento não só da rua, mas a tudo que está nela colocada, inclusive o corpo feminino.

No dia da Marcha, à medida que mais mulheres ocupam o espaço e se aglomeram, a Praça do Derby se torna, mesmo que apenas por um tempo determinado, um espaço

majoritariamente ocupado por mulheres, seriam os corpos políticos em assembleia na rua, nos termos de Butler (2018). Com a observação da Marcha é possível perceber que os homens que desavisadamente passam pela Praça ficam mais constrangidos ou intimidados em demonstrar algum comportamento machista quando vêm as mulheres em grupo. Pude perceber que muitos ficam ao redor da praça, olhando de longe, comentando algo baixo com os outros homens.

Usualmente, quando assediam as mulheres, os homens não estão acostumados a serem confrontados. É possível ver no “Chega de Fiu Fiu”, em seu trabalho de denúncia no qual uma das mulheres anda com uma câmera escondida, que os assediadores ficam facilmente constrangidos quando perguntados “você falou comigo?”, outros respondem “é porque achei você bonita” e quando perguntados “você não acha que isso é assédio?”, muitos saem andando ou pedem desculpas. No cotidiano, é normal que as mulheres abaixem a cabeça, acelerem o passo e fiquem constrangidas por serem violentadas, já que se construiu socialmente que a mulher está sofrendo assédio por culpa dela, sendo esta forma de resposta ao qual os homens se acostumaram, as mulheres responderem com medo, silenciamento e intimidação. Tainá, frequentadora da Marcha das Vadias Recife, que entrevistei em 2017 e tive oportunidade de entrevistar de novo em 2019, quando se referia a assédio na rua, falou sobre como o contexto político atual corrobora ou estimula o medo de denunciar publicamente o assédio e constranger o assediador

Eu assim... antigamente quando eu passava e a alguém soltava uma gracinha eu meio que rebatia, agora eu to me sentindo mais oprimida, mais quieta, por causa da violência até, não consigo mais rebater algum ataque, eu me sinto menor, como mulher andando nas ruas. (Tainá, estudante, 23 anos, entrevistada em 2019)

Na circulação das cidades, as expressões corporais são capazes de mostrar as sutis formas em que a supremacia masculina se coloca. Um exemplo disso é a forma como os homens se sentem à vontade para andar com as pernas abertas no transporte público, ocupando uma parcela maior de espaço, principalmente ao lado de mulheres, que, na maioria dos casos, se sentem intimidadas e cruzam as pernas para evitar o toque. Em 2013 uma jovem russa lançou um vídeo online em que ela derramava uma concentração de alvejante na roupa de homens que estivessem com as pernas abertas no transporte público. O vídeo teve muitas visualizações na internet e chamou atenção para essa atitude masculina. Com o nome de *manspreading*, numa tradução literal seria “homem espalhado”, a campanha visava chamar atenção e constranger a atitude sexista.<sup>35</sup>

<sup>35</sup> Informações retiradas de <https://www.thesun.co.uk/news/7351203/manspreading-why-men-do-it-science-anna-dovgalyuk/> em março de 2020.

Sendo assim, a Marcha das Vadias causa um grande impacto em Recife por se constituir como um movimento formado por mulheres, ocupando espaços públicos que normalmente são majoritariamente ocupados por homens, para se afirmarem pertencentes e ocupantes daquele espaço, afirmando também a autonomia sobre seus corpos e suas escolhas. Na foto abaixo mostra a concentração de mulheres na Praça do Derby antes da saída da Marcha, sendo um dia em que as mulheres se espalham pelos locais que passam.

**Figura 6** – Marcha das Vadias Recife 2018, concentração na Praça do Derby



**Fonte:** Anna Odara, 2018.

É possível observar na Marcha que os corpos presentes, que estão sendo expostos na rua, na praça, na avenida, não causam o mesmo efeito que os corpos expostos em revistas e outdoors espalhados pela cidade. Os corpos na Marcha das Vadias não estão lá para serem vendidos, despertar desejo, serem capitalizados, consumidos. Esses corpos muitas vezes fogem do padrão estético desejável pelo consumo que, estando em local público, deveriam, pelos padrões sociais e normas estéticas, estarem cobertos – um corpo gordo, um corpo negro, um corpo trans, um corpo não depilado. Assim, um corpo que ofende, que vai contra a moral e os

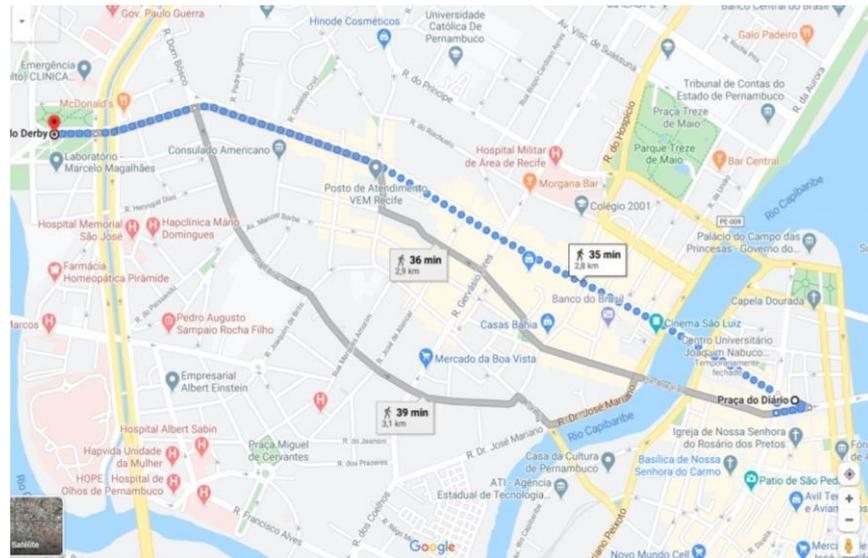
bons costumes da sociedade acostumada a ver um corpo nu quando esta está posto para servir, como em propagandas, não em um protesto.

Wolf (2020) vai atentar para a enxurrada de procedimentos estéticos que, impulsionados pela indústria pornográfica, são disponibilizados para que as mulheres atinjam determinados ideais de beleza, que são ideais eurocêntricos de “afilar” o nariz, clarear a pele, alisar o cabelo. Esses padrões são direcionados mesmo para mulheres que já estão dentro dos padrões de beleza, pois mesmo assim elas se sentem insatisfeitas, com uma indústria que diz que elas sempre podem melhorar. A autora aponta que o mito da beleza, na verdade, aparece com uma função de controle social e domínio das mulheres. O mito da beleza assumiu o papel de coerção social que antes eram dos mitos da maternidade, domesticidade, castidade e passividade que, com o passar dos anos, já não conseguem se impor.

O corpo na Marcha das Vadias Recife se coloca para afrontar, para subverter, para questionar padrões e causar desconforto, o que vai na contramão de vários ideais de domínio social. No atual contexto político, o lugar da mulher aparece claramente quando se fala de um Ministério da Mulher que se uniu ao Ministério da Família e Direitos Humanos, simbolicamente significa querer que as mulheres ocupem o espaço de mães e esposas donas do lar. Concordo com Wolf (2020) quando aponta que o feminismo, ao lutar pela emancipação, é visto pela ala conservadora como um palavrão, algo que foge à norma, sendo as feministas gordas, promíscuas, feias, incapazes de satisfazer um homem, sapatão e “feminazis”, em uma tentativa de deslegitimar a luta das mulheres.

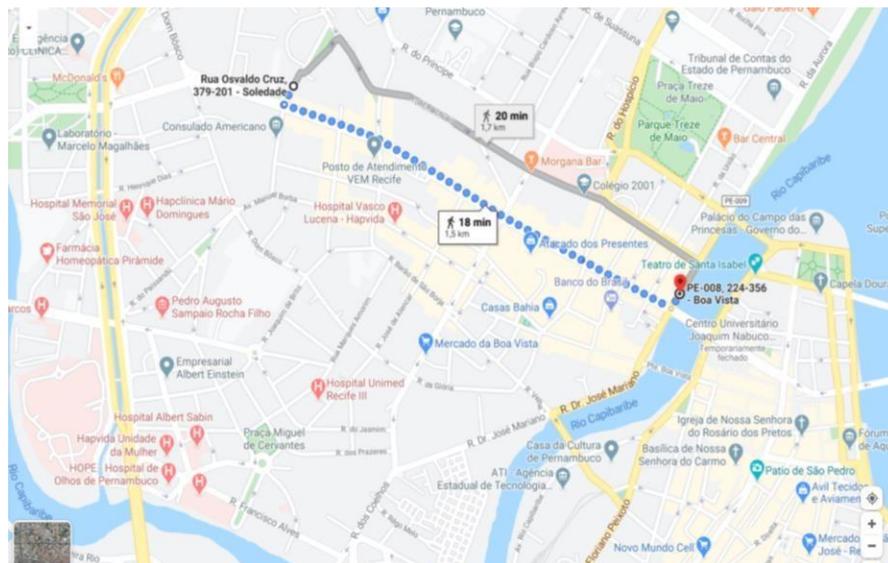
No ano de 2019, devido ao referido novo contexto político, a organização mudou a estratégica da concentração da Marcha das Vadias Recife, visando garantir a segurança das participantes. A concentração foi transferida para a Praça Oswaldo Cruz. Esta praça também se localiza em uma região central do Recife, na rua paralela à Avenida Conde da Boa Vista, porém, por não se tratar de um ponto de integração da cidade, não é tão movimentada quanto a praça do Derby. Isso acarretou também mudança no trajeto do ato, que não cruzou a Avenida Agamenon Magalhães, continuando na Avenida Conde da Boa Vista e terminando no cruzamento com a Rua da Aurora. Sendo assim, por dois anos que acompanhei a Marcha a concentração ocorreu na Praça do Derby, caminhando pela Avenida Conde da Boa Vista e terminando na Praça do Diário, e no terceiro ano a concentração ocorreu na Praça Oswaldo Cruz e terminou na Rua da Aurora, conforme mostra os mapas abaixo.

**Figura 7** – percurso Praça do Derby a Praça do Diário, nos anos de 2017 e 2018



Fonte: Google Maps, 2020

**Figura 8** – percurso Praça Oswaldo Cruz a Rua da Aurora em 2019



Fonte: Google Maps, 2020

A mudança do itinerário, com diminuição do percurso em média de um quilômetro, trouxe menos visibilidade ao evento. Iniciar o ato na Praça do Derby, além de ser tradicionalmente um local de manifestações e atos políticos de esquerda, proporciona maior visibilidade à causa, conseguindo afetar mais pessoas, difundir melhor a mensagem. Ocorre também de pessoas que estão passando pela praça se juntarem ao movimento, e da panfletagem conseguir alcançar um maior público, sendo também um espaço mais central, facilitando a localização e mobilidade de todas. Todos esses pontos, ao meu ver, foram decisivos na

diminuição do número de participantes da Marcha, já que a Praça Oswaldo Cruz, apesar de ficar muito próxima do Derby, não se localiza em um ponto estratégico da cidade, tampouco historicamente conectado com às lutas políticas de esquerda do Recife.

### 3.1 A dinâmica, as presenças, as imagens e as vozes da MVR



36

Na Marcha das Vadias Recife, o primeiro momento é feito no local de concentração, onde as mulheres chegam, se reconhecem, se acolhem e se preparam para iniciar a marcha. A organização disponibiliza tintas e cartolinas para as que desejarem pintar o corpo ou confeccionar cartazes.

<sup>36</sup> Concentração da Marcha das Vadias Recife 2019, Praça Oswaldo Cruz. Fonte: Anna Odara, 2019

**Figura 9** – Confeccção de cartazes na concentração da MVR 2019, Praça Oswaldo Cruz



Fonte: Anna Odara, 2019

Aos poucos algumas mulheres vão se sentindo mais à vontade, interagem com outras mulheres, se reconhecem – na luta e/ou nos afetos. Trata-se de um momento de encontros, interação e de partilha. Estar na rua e chamar outras mulheres é um momento tenso, de ficar atentas para as diversas violências em que estamos suscetíveis no espaço urbano, mas, como

visto nas fotos abaixo, o momento é preenchido de encontros, conversas leves, partilha e sociabilidade.

**Figura 10** – Concentração da Marcha das Vadias Recife 2019



**Fonte:** Anna Odara, 2019.

Em 2017 pude entrevistar cerca de dez mulheres na concentração da Marcha. Conversamos, dentre outros assuntos, sobre os motivos que as levaram a participar do evento.

A maioria delas afirmou que participam por se reconhecerem como feministas, reconhecendo no protesto um espaço para debater e discutir sobre feminismos. A Marcha para essas mulheres serve, inclusive, como uma ponte para imersão e militância no movimento feminista, uma forma de expandir as pautas discutidas para outras mulheres, como visto abaixo:

(...) Faz quatro anos da primeira vez que eu vim pra Marcha, e a primeira vez que eu vim pra Marcha foi por uma questão de me reconhecer enquanto feminista e de estar num espaço onde há mulheres que estão com o mesmo intuito... e hoje eu venho pra Marcha porque eu sei que ela representa, ela é uma ação muito importante pro Recife, ela agrega uma diversidade de mulheres... hoje ela agrega uma diversidade de mulheres muito legal e a gente tem uma comunicação... isso aqui é uma comunicação... isso aqui é um momento em que a gente vai encontrar outras mulheres e a gente vai se reconhecer e onde a gente vai se expressar e onde a gente fica livre, e por isso que eu venho pra Marcha (Thaís, 20 anos, artesã, entrevistada em 2017).

Em Recife, a Marcha das Vadias atrai preponderantemente mulheres jovens, entre 18 e 35 anos. Durante o encontro, a Coletiva das Vadias apresenta ideias do feminismo interseccional, por entender que não é possível separar as opressões estruturadas pelo racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado<sup>37</sup> (Akotirene, 2018). O feminismo interseccional foi cunhado por feministas negras que são constantemente perpassadas por questões de gênero, raça e classe. Como Angela Davis (2017) aponta, é preciso criar um movimento de mulheres revolucionário e multirracial, que seja capaz de abordar problemas que afetam as mulheres pobres e trabalhadoras, não só as mulheres brancas.

A Marcha é o evento que discute liberdade feminina, autonomia das mulheres, elabora um espelho invertido crítico ao machismo a às opressões. Uma das entrevistadas conta que no ano anterior não compareceu à Marcha porque o homem que morava com ela a proibiu, reforçando a sua necessidade da existência desse espaço, e sua participação no mesmo: “É o segundo ano que eu venho...tipo, ano passado eu não vim porque o menino que eu morava com ele, ele não deixou eu vir... e ele me batia todo dia, era uma coisa muito... Isso significa muito pra mim, vir aqui... tá aqui de novo” (Tainá, 21 anos, estudante de Letras, entrevistada em 2017).

O ambiente de conforto criado na concentração da Marcha vai deixando as mulheres a vontade também para tirar a blusa, deixando os peitos à mostra ou ficando de sutiã, biquíni ou top. Muitas das presentes pintam o corpo com tinta, seja com símbolos feministas ou palavras/frases que falem e denunciem as diversas violências a que mulheres são expostas. Algumas os escritos vistos estão “feminismo libertário”, “meu corpo não é um convite”, “meu

<sup>37</sup> Patriarcado como sistema político modelador da cultura e dominação masculina, que reforça padrões de gênero binários, onde só reconhece e alimenta a existência de pessoas cis e héteras, ou seja, que se reconhecem com seu sexo biológico e se relacionam com o sexo oposto (Akotirene, 2018)

corpo minhas regras” e “puta”, como visto na fotografia abaixo retirada na Marcha das Vadias Recife em 2019.<sup>38</sup>

**Figura 11** – Mulheres na concentração da Marcha das Vadias Recife 2019, Praça Oswaldo Cruz



**Fonte:** Anna Odara, 2019

<sup>38</sup> Assunto abordado mais detalhadamente no próximo capítulo

Na concentração, enquanto as mulheres estão se organizando, se pintando, conversando e trocando ideias, uma bicicleta com caixa de som segue tocando algumas músicas com temáticas caras à Marcha das Vadias, nos três anos pude escutar “Triste, louca ou má”<sup>39</sup>, da banda Francisco, el Hombre, fala sobre imposições sociais imposta as mulheres pelo sistema patriarcal e também sobre independência das mulheres. Já abordando mais diretamente a questão da violência contra a mulher, também nos três anos tocou “Maria de Vila Matilde”<sup>40</sup>, que na voz de Elza Soares incentiva outras mulheres a denunciarem também a violência.

Dessa forma, existe toda uma preparação, física, política e emocional para que a Marcha saia às ruas. Um dos pontos principais é que as mulheres precisam se sentir à vontade, seguras e confortáveis, que vai se construindo no momento da “chegança” no local de concentração. Cada mulher vem de uma realidade diferente, de um local da cidade diferente, usam transporte público, ou mesmo fazem uso de *uber* ou táxi, andam pelas ruas, e estão todas passíveis de sofrer algum tipo de assédio ou violência no trajeto, independente da forma a qual escolhem circular pela cidade. Ao se encontrarem, aquele ambiente é entendido como um ambiente seguro.

Muitas trocam de roupa quando chegam ao local de concentração da Marcha, junto às participantes do evento, como mostra a entrevistada abaixo, pois encontram um espaço acolhedor que as deixa à vontade para essa mudança de estéticas, pois este é um momento de mudança de posicionamento. Cria-se a possibilidade de estar num local público, que cotidianamente é hostil, vestidas politicamente como vadias, de modo socialmente "inadequado", mas com a diferença de ter ali laços que permitem a sensação de segurança e pertencimento. O depoimento de Jai, uma das participantes da Marcha de 2019, ajuda a compor esse argumento. Ela é um exemplo de uma mulher que se sente adequada quando troca as roupas usuais que usa para esconder da família sua participação na MVR:

<sup>39</sup> Letra: Triste, louca ou má/Será qualificada/Ela quem recusar/Seguir receita tal/A receita cultural/Do marido, da família/Cuida, cuida da rotina/Só mesmo, rejeita/Bem conhecida receita/Quem não sem dores/Aceita que tudo deve mudar/Que um homem não te define/Sua casa não te define/Sua carne não te define/Você é seu próprio lar/Eu não me vejo na palavra/Fêmea, alvo de caça/Conformada vítima/Prefiro queimar o mapa/Traçar de novo a estrada/Ver cores nas cinzas/E a vida reinventar/E um homem não me define/Minha casa não me define/Minha carne não me define/Eu sou meu próprio lar. Autoria: Sebastián Piracés-Ugarte / Rafael Gomes / Mateo Piracés-Ugarte / Andrei Martinez Kozyreff / Juliana Strassacapa

<sup>40</sup> Cadê meu celular? Eu vou ligar prum oito zero/Vou entregar teu nome e explicar meu endereço/Aqui você não entra mais/Eu digo que não te conheço/E joga água fervendo se você se aventurar/Eu solto o cachorro/E, apontando pra você/Eu grito péguix guix guix guix/Eu quero ver você pular, você correr/Na frente dos vizinhos/Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim/E quando o samango chegar/Eu mostro o roxo no meu braço/Entrego teu baralho teu bloco de pule teu dado chumbado/Ponho água no bule/Passo e ainda ofereço um cafezinho/Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim/E quando tua mãe ligar/Eu capricho no esculacho/Digo que é mimado que é cheio de dengo mal acostumado/Tem nada no quengo/Deita, vira e dorme rapidin'/cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim/Mão, cheia de dedo/Dedo, cheio de unha suja/E pra cima de mim? Pra cima de muá? Jamé, mané/Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim. Autoria: Douglas Germano.

Inclusive até me escondi, saí escondida de casa por causa do meu pai. Então eu vim com uma camisa branca assim pra sair de casa e ele nem viu quando eu saí de casa. Mas eu vim assim porque... do que é que chamam a gente, né? De tudo... sem nem a pessoa, sabe dar motivo, entre aspas, muito entre aspas, então assim, eles querem ver como é, então bora mostrar como é o que é uma mulher? Como são as mulheres? Então aqui eu acho que todo mundo vai tá da maneira que quer vir, da maneira que se sente bem, adequada, então eu me sinto adequada dessa maneira” (Jai, 22 anos, estudante, entrevistada em 2019)

A rua, comumente intimidadora em sua experiência individual, se torna um espaço coletivo seguro para a Marcha das Vadias. Juntas elas criam um ambiente para se sentirem adequadas, nos termos de Jai, com as roupas que quiserem vestir e juntas provocam um debate sobre adequação e controle por meio da construção de corpos e artefatos que se alojam no oposto dessas classificações, na liberdade/autonomia e na desestabilização dos mecanismos sociais de adequação. As mulheres que optam por tirar a blusa encorajam outras mulheres a ficarem de sutiã e saber que esta atitude será encorajada e defendida faz com que a ocupação da rua, do espaço público, mude. As participantes saem de uma posição defensiva e “vestem” uma posição ativa, inclusive fisicamente, uma vez que a Coletiva das Vadias, composto pelas organizadoras, busca pensar em táticas de segurança que minimizem ao máximo a ocorrência de violência. Entre as táticas se inclui contar com companheiras que possam estar de bicicleta no dia, fazendo uma espécie de “ronda” no comprimento do ato, bem como outras mulheres que vão instruindo as participantes a ocuparem apenas uma faixa das avenidas, sempre falando para que se mantenham unidas, inclusive que a dispersão ocorra em grupos.

A praça vai aos poucos se enchendo e a saída acontece por volta das quinze horas. Segundo a organização, em 2017 foram cerca de quatro mil pessoas<sup>41</sup>. Nos outros anos não encontrei reportagens que falassem a quantidade de pessoas presentes, mas dos anos que acompanhei, pude perceber que 2017 tínhamos uma quantidade maior de manifestantes. Apesar da presença majoritariamente feminina, homens também frequentam a Marcha, bem como crianças.

Em 2019 a organização disponibilizou uma Kombi para mais conforto das mulheres que levaram suas crias. Nos três anos que acompanhei a Marcha, devido a essa ação previamente divulgada, em 2019 constatei a presença de mais mães e crianças. A Coletiva das Vadias se empenhou na chamada e divulgação para as mulheres que são mães e/ou cuidadoras. Uma das formas de atrair esse público para a Marcha foi a divulgação nas redes sociais de postagens

<sup>41</sup> Informações retiradas do site <http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/marcha-das-vadias-percorre-ruas-do-recife-para-protestar-contraviolencia-e-racismo.ghtml> no dia 9 de junho de 2017

encorajando essas pessoas a comparecerem e a disponibilização do referido carro de apoio, caso fosse necessário amamentar, trocar fraldas, lanchar ou descansar do sol.

**Figura 12** – Mães e crianças na MVR 2019



**Fonte:** Anna Odara, 2019

Em manifestações feministas atuais, uma das grandes polêmicas é sobre a participação dos homens. Alguns eventos organizados pela Coletiva das Vadias não são permitidos para homens por entendermos que muitos espaços já são majoritariamente masculinos, sendo importante construir espaços só de mulheres. Na Marcha das Vadias, é permitido que os homens

participem apoiando, dando suporte na creche, por exemplo, ou realizando outras tarefas secundárias, sem fazer daquele espaço um momento deles.

A pluralidade de mulheres presentes chamava atenção: tinham mulheres brancas, negras, índias, com o cabelo lisos, cacheadas, crespas, coloridas, cabelos longos, cabelos curtos, cabelos trançados, transexuais, lésbicas, heterossexuais e bissexuais etc. As idades são bastante variadas, entre adolescentes e idosas, apesar de observar que a grande maioria é composta por jovens entre 18 e 35 anos. A Marcha, em sua organização e concepção, busca alcançar o maior número de mulheres, não só em número, mas a representatividade da pluralidade de mulheres. A Coletiva das Vadias procura ter em sua formação mulheres negras, não brancas, héteras, lésbicas e bissexuais, mães, de diferentes classes sociais, principalmente para que, como reflexo dessa diversidade interna, esses grupos sejam contemplado na concepção da Marcha, aprendam sobre e com a diversidade da experiência social feminina mutuamente.

Cada ano a Marcha das Vadias de Recife conta com uma temática central. Em 2017 foi “pelo fim das violências sexistas e racistas contra as mulheres cis e trans, pelo fim do feminicídio e contras as inúmeras tentativas de retirada de nossos direitos como a reforma da previdência e trabalhistas implementadas pelo governo golpista juntamente com o congresso nacional”. Em 2018 a temática central foi “Por Maria Aparecida, Remís, Marielle Franco e por todas as outras” se referindo a mulheres que foram assassinadas, e o aumento no número de casos de feminicídio.

Em 2019, entretanto, o tema foi “dias mulheres virão”, reconhecendo as lutas de todas as mulheres que nos proporcionaram várias conquistas até hoje.<sup>42</sup> O tema da MVR 2019 foi definido pela Coletiva das Vadias em reuniões internas em que as membras entraram em consenso sobre a necessidade de se celebrar o que as mulheres conquistaram, apesar do cenário cada vez mais conservador, vislumbrando esperança para a construção de um mundo mais mulher.

Nos anos que acompanhei a Marcha havia ao menos uma intervenção artística ou performance, no espaço de concentração. No ano de 2017 abordava o racismo como tema principal. A artista Perlla Rannielly<sup>43</sup>, mulher transexual negra, falava sobre escravidão e apontava a diminuição do seu valor pela sua cor. Ela era prostituta e seus serviços valiam menos por ela ser negra. “A carne mais barata do mercado é a carne negra”, cantado por Elza Soares, tocava ao fundo em uma bicicleta com som, até que a artista performer usou tinta branca para

---

<sup>42</sup> Informações retiradas do Instagram da Coletiva das Vadias

<sup>43</sup> Informações retiradas do site <http://www.leijaja.com/noticias/2017/05/27/marcha-das-vadias-foi-ruas-do-recife-neste-sabado/> em 7 de junho de 2017

se “embranquecer”, e agora, metaforicamente, por ser branca, “valia” mais, seus serviços seriam mais caros.

**Figura 13** – Ato na concentração Marcha das Vadias Recife 2017, Praça do Derby



**Fonte:** Disponível em <<http://www.leiaja.com/noticias/2017/05/27/marcha-das-vadias-foi-ruas-do-recife-neste-sabado/>> Acesso em 25 de junho de 2017.

Em 2018, a performance foi diferente. No coreto da Praça do Derby, foi colocado um varal expondo roupas com dois cartazes que diziam “roupas que estavam sendo usadas por mulheres quando foram estupradas” e “a culpa nunca é da vítima” como pode ser visto na figura abaixo. Entre as vestimentas penduradas estavam uma calça preta, uma camisa social de cor clara com manga três quartos, um vestido modelo “tomara-que-caia” florido, um vestido longo florido, uma saia longa, duas saias coloridas, uma blusa escura modelo babylook. Todas estas se configuram no que seriam consideradas roupas “normais” e adequadas ao padrão social moral. Essa intervenção reforça a ideia de que a roupa não é o elemento motivador para a violência que as mulheres sofrem.

**Figura 14** – Roupas expostas no coreto da Praça do Derby, MVR 2018



**Fonte:** Anna Odara, 2018.

Em 2019, a MVR contou com uma performance diferente. Uma mulher estava entre as pessoas e começou aos poucos a pedir que as mulheres presentes desenhasssem algo com batom na pele dela. Em seguida, começando a chamar mais atenção dos presentes, ela pedia que algumas mulheres a acompanhassem de um ponto a outro da roda que ia se formando, pois estava com medo de ir sozinha, e se sentiria mais à vontade se alguém pudesse acompanhá-la. Quando ficou sozinha no meio da roda, começou a simular agressões, apertando os seios, como mostra a imagem abaixo, as pernas, bundas, como se ela tivesse sendo violentada diante de todos que estavam ali presentes. A performance buscava denunciar a violência que as mulheres sofrem, falando também sobre as violências a que este corpo está exposto. A mulher representada tem medo de andar sozinha na rua, tem medo de circular na cidade durante a noite e conta com a solidariedade de outras mulheres para se sentir um pouco mais segura, andando em grupo.

**Figura 15** – performance Marcha das Vadias 2019, Praça Oswaldo Cruz



**Fonte:** Anna Odara, 2019

Na concentração é também o momento em que a faixa que abre a Marcha é confeccionada. No ano de 2019 a faixa foi feita em parceria com as Pixegirls, grupo de mulheres recifenses que se expressam através do pixo<sup>44</sup>, com o coletivo Cores do Amanhã, organização não governamental que fomenta projetos voltados para artes e cultura. Abaixo a primeira imagem mostra a confecção da faixa.

---

<sup>44</sup> tipo de arte urbana

**Figuras 16** - Faixa sendo confeccionada MVR 2019, Praça Oswaldo Cruz



**Fonte:** Anna Odara, 2019

No ano de 2019, a Coletiva das Vadias fez uma parceria com a RENFA (Rede Nacional de Feministas Antiproibicionistas), que estava com uma campanha chamada #CartaParaElas. Em um pequeno espaço da praça Oswaldo Cruz foi disponibilizado caneta e papel para as pessoas que desejassem enviar cartas para as mulheres privadas de liberdade, como visto na imagem abaixo. A parceria também visava arrecadar doação de produtos de higiene, roupas, brinquedos entre outros para posteriormente serem entregues às mulheres encarceradas.

**Figura 17** – local para escrita e depósito de cartas e doações, MVR 2019



**Fonte:** Anna Odara, 2019.

Um pouco antes da saída da Marcha, é lida em forma de jogral<sup>45</sup> a carta manifesto que rege o tema e motivação da manifestação daquele ano. Em 2017 entre alguns motivos estão: pelo fim do feminicídio; pela igualdade salarial entre homens e mulheres; pela situação das mulheres encarceradas; pelo fim do governo de Michel Temer; pela descriminalização do aborto; contra a violência obstétrica; contra a violência doméstica; pelas mulheres assassinadas por serem mulheres; pelas mulheres negras; pela equidade de gênero; pelas mulheres transexuais e travestis que enfrentam a falta de emprego e o alto índice de assassinatos; pelo fim da objetificação e sexualização das mulheres.

<sup>45</sup> Comunicação em que a multidão repete o que uma pessoa fala, amplificando o som

**Figura 18** – Mulheres lendo carta-manifesto em 2017, Praça do Derby

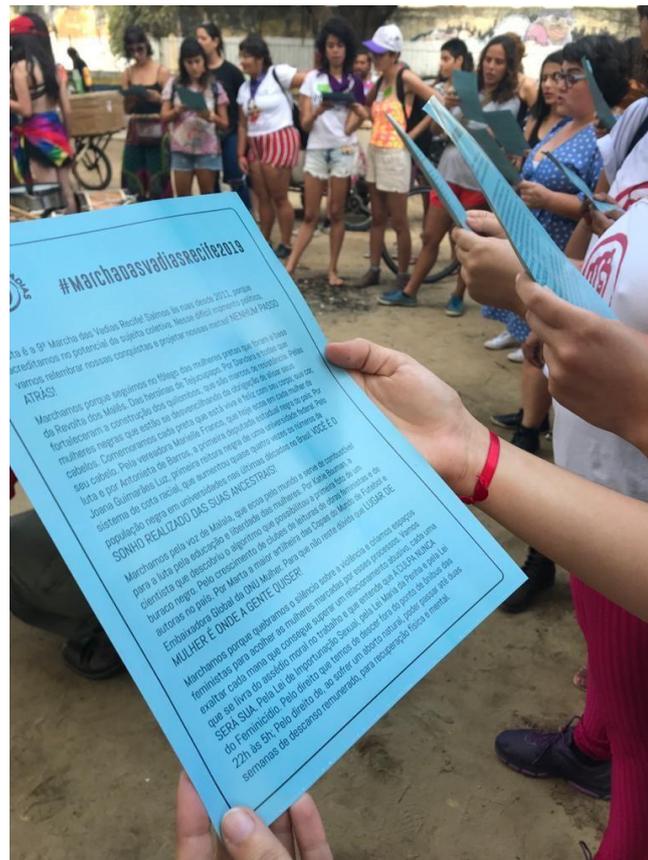


**Fonte:** Disponível em < <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2017/05/27/marcha-das-vadias-levanta-bandeira-contra-feminicidio-em-ato-no-recife-286322.php> > Acesso em 25 de junho de 2017.

A carta manifesto de 2018 lembrou das mulheres que foram assassinadas pelos seus parceiros, pelas políticas capitalistas, racistas e patriarcais do estado, as mulheres lésbicas e trans violentadas. Foram lembradas mulheres como Maria Aparecida, Remis Carla, Marielle Franco, Lucia Perez, Adria, Gilda, Solideni, Celia, Juliana, Larissa, Adailza, Raquel e tantas outras mulheres que perderam a vida vítimas de feminicídio.

Em 2019 a carta foi um pouco diferente. Com o tema “Dias mulheres virão” ela tinha o intuito de expor as conquistas das mulheres que lutaram e nos trouxeram até o atual momento da luta. Sendo assim, a carta fala sobre mulheres que conquistaram locais de destaque, as que estão saindo de padrões estéticos, como alisar os cabelos, sobre mulheres na ciência e nos esportes, ou aquelas que conseguem sair de relacionamentos abusivos, também sobre a existência da lei Maria da Penha, e a lei que reconhece o feminicídio, além de reivindicar a existência de um feminismo antiproibicionista e antipunitivista, e celebrar o amor entre mulheres que estão se assumindo lésbicas e bissexuais. Segue a imagem da leitura da carta de 2019, distribuído na concentração da MVR:

**Figura 19** – leitura da carta manifesto MVR 2019



Fonte: Anna Odara, 2019

Após a leitura pública da carta manifesto, com as mulheres prontas, os corpos-bandeira a postos, faixa à frente do grupo, a batucada se organiza para ditar o ritmo das palavras de (des)ordem, o ato segue sua caminhada. Conforme adiantei, em 2017 e 2018 a manifestação fechou o cruzamento da avenida Agamenon Magalhães por alguns minutos. Nesse momento as autoridades de trânsito da cidade ajudam a conduzir o fechamento dessa que é uma das mais importantes avenidas do Recife. Em seguida a manifestação segue na Avenida Conde da Boa Vista, outra conhecida e relevante avenida do centro da cidade, do bairro da Boa Vista, que liga o subúrbio à cidade. A Marcha fecha a passagem de carros na faixa de sentido ao centro. Como já citado anteriormente, em 2019 a Marcha foi da Boa Vista até a Rua da Aurora.

Avenida Conde da Boa Vista, principal avenida do centro da cidade possui edifícios comerciais, lojas, escolas, faculdades, restaurantes e shopping, a Avenida se caracteriza pelo grande fluxo de carros, ônibus e pessoas. Dessa forma, as mulheres da Marcha buscaram ocupar espaços urbanos em que cotidianamente perpassam, chamando atenção de quem trafegava no sábado de manhã, trazendo mais visibilidade ao movimento e a causa feminista.

O momento da caminhada da Marcha é também o momento em que é possível ver em conjunto muitos dos cartazes que as mulheres carregam e que ornam com os seus corpos uma estética de protesto da MVR. Entre os dizeres colocados pelas participantes estavam “o estupro veio antes da minissaia”, “porque minha liberdade te ofende?”, “não + feminicídio” e “não é crime passional, é feminicídio”. Estas frases falam sobre a liberdade feminina e reivindicam em sua maioria apontam o combate ao assassinato e ao estupro de mulheres<sup>46</sup>.

**Figura 20** - Mulheres carregando cartazes MVR 2019, na Avenida Conde da Boa Vista



**Fonte:** Anna Odara, 2019.

Na concentração e durante o trajeto, a MVR conta com a participação da batucada do Fórum de Mulheres de Pernambuco. No ano de 2019 contou também com a batucada do Cordão de Bruta Flor. Nos três anos da observação, as mulheres seguem acompanhando o ritmo ditado pela batucada, e cantam e dançam paródias e músicas de cunho feministas. Uma das integrantes da batucada possui um megafone, usado para amplificar a voz, fazendo com que outras mulheres cantem juntas e reafirmem refrãos e palavras de (des)ordem.

<sup>46</sup> Vale lembrar que por muitos anos os crimes voltados para mulheres eram conhecidos como “crimes passionais”, que eram derivados da paixão, ocasionados “por amor”, uma visão que foi aos poucos modificada através da luta das mulheres, sendo o feminicídio reconhecido como ocasionado pela sensação de posse e poder dos homens em relação às mulheres.

**Figura 21** – batucada na concentração MVR 2019, praça Oswaldo Cruz



Fonte:

Anna Odara, 2019

Entre os gritos de (des)ordem foram entoados “Feminismo é revolução”, “ai ai ai ai se balançar o Temer cai”, que protesta contra o presidente do Brasil à época da Marcha de 2017, e pediam por “diretas já”. Também foi ressoado “eu vou por nós, pelas outras, por mim”, “as gay, as bi, as trans e as sapatão tão tudo organizada pra fazer revolução”. Em 2019 um dos gritos mais entoados foi um bastante conhecido nos protestos recifenses, “ai ai ai, Bolsonaro é o carai”, mostrando o descontentamento com o atual presidente do país. Além desses são manifestados outros gritos que já são familiares dentro do movimento feminista pernambucano, como visto abaixo:

FEMINISTAS CONTRA O MACHISMO  
 FEMINISTAS CONTRA O CAPITAL  
 FEMINISTAS CONTRA O RACISMO  
 CONTRA O TERRORISMO NEOLIBERAL

LEGALIZE!  
 O CORPO É NOSSO!  
 É NOSSA ESCOLHA!  
 É PELA VIDA DAS MULHERES

VEM, VEM, VEM  
 PRA LUTA VEM CONTRA O MACHISMO!  
 VEM, VEM, VEM

PRA LUTA VEM CONTRA O RACISMO!

EU CHAMEI ELA PRA MARCHA E ELA RESPONDEU ASSIM:  
EU VOU POR NÓS. PELASOUTRAS, POR MIM

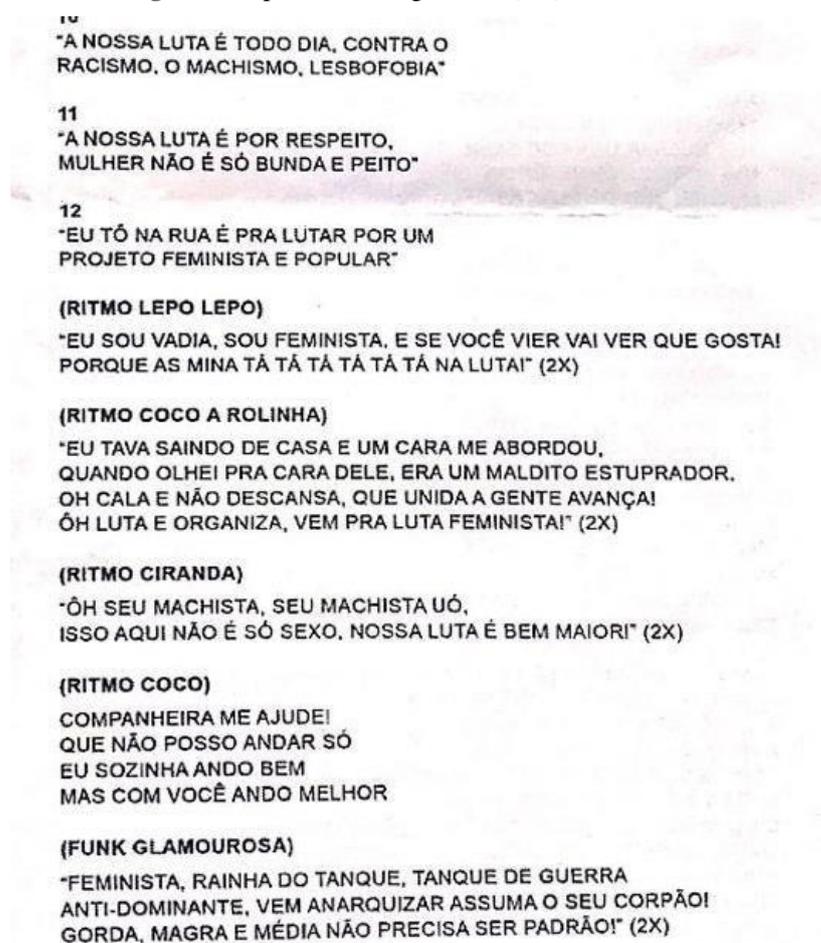
NÃO!  
NÃO MAIS!  
NÃO MATA!  
NÃO MATA MAIS!<sup>47</sup>

Outra forma de manifestação que acontece na Marcha é a paródia de músicas que tenham ritmo fácil e sejam popularmente conhecidas. As mulheres cantam em ritmo de funk “se o corpo é da mulher, ela dá pra quem quiser”, “os homens vão pra cozinha rebolando até o chão, criancinha libertária quer saúde e educação, vem mulher com a mão pro alto pra fazer revolução” e “as mina que é chapa quente não aceita submissão”. Em 2017 e 2018 foram entregues panfletos contendo os gritos de (des)ordem e paródias para que as participantes que ainda não conheciam, pudessem acompanhar e aprender os cantos. Seguem abaixo as imagens das paródias no panfleto veiculado, para exemplificar:

---

<sup>47</sup> Gritos retirados dos panfletos distribuídos na Marcha das Vadias Recife 2018

**Figura 22** – panfleto com gritos de (des)ordem



**Fonte:** Acervo pessoal

Além do funk, ritmos de músicas populares pernambucanas são usados, como a ciranda e o coco. Uma das músicas cantadas é uma paródia da música “baile de favela”<sup>48</sup>, que reproduz a ideia do sexo violento com mulheres, e também evoca uma forma de punição ao “mal comportamento” das mulheres, quando diz em uma parte a seguinte ameaça: “Mexeu com o R7 vai voltar com a xota ardendo”. A música misógina<sup>49</sup> é transformada em uma paródia “empoderadora” que começa falando “posso estar bêbada, não te devo nada”, defendendo a autonomia das mulheres sobre seus corpos, inclusive em casos em que a mulher não consegue responder por si, por ser “novinha” ou por estar bêbada. Segue a imagem de parte do panfleto com a paródia:

<sup>48</sup> Que ela veio quente e hoje eu 'tô fervendo/Que ela veio quente, hoje eu 'tô fervendo/Quer desafiar, num 'tô entendendo/Mexeu com o R7 vai voltar com a xota ardendo (vai)/Que o Helipa é baile de favela/Que a Marconi é baile de favela/E a São Rafael é baile de favela/E os menor preparado pra foder com a xota dela (vai)/Eliza Maria é baile de favela/Invasão é baile de favela/E as casinha 'é baile de favela/E os menor preparado pra foder com a checa dela (vai)/Que o Hebron é baile de favela/A bailão é baile de favela/E na rua 7 baile de favela/E os menor preparado pra foder com a checa dela (vai)

<sup>49</sup> Ódio direcionado às mulheres

**Figura 23** – Trecho do panfleto com paródia

(RITMO BAILE DE FAVELA)  
 POSSO ESTAR BÊBADA  
 NÃO TE DEVO NADA  
 POSSO ESTAR DROGADA  
 NÃO TE DEVO NADA  
 COM OS PEITOS DE FORA  
 NÃO TE DEVO NADA  
 FAÇO O QUE FIZER  
 NÃO MEREÇO SER ESTUPRADA  
 TOU TARDE NO ÔNIBUS  
 NÃO TE DEVO NADA  
 TOU DE MINISSAIA  
 NÃO TE DEVO NADA  
 FALO PALAVRÃO  
 NÃO TE DEVO NADA  
 FAÇO O QUE FIZER  
 NÃO MEREÇO SER ESTUPRADA  
 DANÇO ATÉ O CHÃO  
 NÃO TE DEVO NADA  
 TENHO TATUAGEM  
 NÃO TE DEVO NADA  
 SANTA OU VADIA  
 NÃO TE DEVO NADA

**Fonte:** Acervo pessoal

Um dos trechos acima dá nome a este trabalho, “tô de mini saia, não te devo nada” fala sobre autonomia das mulheres sobre seus corpos e defende a ideia de que a vestimenta não é motivadora para a violência contra as mulheres. O “não te devo nada” vai contra a ideia socialmente difundida de que as mulheres provocam os homens, buscam chamar atenção, “pedem” para serem violentadas por conta de uma peça de roupa que estão usando.

Todos esses gritos de (des)ordem ou paródias são usados na manifestação de forma a questionar o patriarcado, bem como a cultura do estupro e os padrões de hierarquia familiar, convidando as outras pessoas a se juntar a causa. Os panfletos, cartas e cartilhas são disponibilizados no dia da Marcha de maneira impressa, mas também, alguns são disponibilizados virtualmente, por meio das redes sociais da Marcha das Vadias Recife, trata-se de uma ação didática, um esforço da Coletiva, para ampliar o entendimento da população à causa da MVR.

Obras de arte urbanas, com conteúdo político e feminista, também constituem a Marcha. O lambe-lambe e os registros de pixo são os mais recorrentes. Em 2017 uma artista que participava da Marcha colou lambe-lambe nas paredes e paradas de ônibus com as palavras “ventre livre”, fazendo referência à legalização do aborto, e “abandona teu Diego Rivera”, referindo-se ao cônjuge com o qual a artista plástica mexicana, Frida Kahlo, manteve um relacionamento conturbado durante anos. Em 2018 um dos lambes colados durante a caminhada

dizia “tu não precisa desse macho uó”, incentivando mulheres a saírem de relacionamentos abusivos.

**Figura 24** – Lambes colados no percurso da Marcha das Vadias



**Fonte:** Anna Odara, 2017/2018

Em 2019 ocorreu uma performance durante a Marcha, na Avenida Conde da Boa Vista, em parceria com a Coletiva Rua Das Vadias, uma coletiva de artes do corpo que desenvolve ações temáticas sobre gênero e sexualidade.<sup>50</sup> Nela, as mulheres estavam usando blusa regata, short, top, vestido, calça e jogavam sobre si um balde de tinta vermelha que as cobria com o líquido vermelho, simbolizando o sangue derramado pelo feminicídio ao qual mulheres estão expostas todos os dias. No momento em que as mulheres cruzaram a rua Gervásio Pires, no centro do Recife, as mulheres pulavam e gritavam juntas as palavras: “não, não mais, não mata, não mata mais!”

<sup>50</sup> Informações retiradas do Instagram da Coletiva Rua Das Vadias em abril 2020

**Figura 25** – performance contra o feminicídio MVR 2019



**Fonte:** Anna Odara, 2019

Rago (2013) aponta que a Marcha das Vadias traz para a luta política novas formas de expressão, como a irreverência, o deboche e a ironia. O escracho é um desses novos elementos, marcando também a luta contra o conservadorismo, já que a pauta essencial da criação da

Marcha das Vadias é sobre assédios e direitos sexuais e reprodutivos. Tocam em assuntos como sexo, aborto, questiona padrões de recato. Na Marcha das Vadias Recife (MVR) em 2018, ao passarmos em frente a uma unidade da Igreja Universal, as presentes começaram a cantar “eta eta eta eta a família Collins quer controlar minha boceta”, referindo-se a vereadora de Recife pertencente a essa família de políticos da bancada evangélica conservadora que em maio no mesmo ano convocou uma reunião pública contra a legalização do aborto.

Tendo acompanhado também outra manifestação de mulheres, como o 8 de Março ocorrido em 2019, a MVR também choca pelas palavras de ordem consideradas socialmente ofensivas como “boceta” e grita-se livremente que “dou pra homem, dou pra mulher e pra quem eu quiser”, afirmação essa que fere os ideais femininos de recato construídos pelo patriarcado. Além disso, por ser organizado por uma Coletiva auto gerenciada, as pautas das mulheres se destacam em primeiro plano, diferente do 8 de Março que acompanhei em Recife no ano de 2019, onde visualmente, partidos e sindicatos tinham uma maior visibilidade no ato, com mais tempo de fala no microfone e reivindicava-se pela liberdade do ex-presidente da República Lula da Silva.

Apesar de todos os perigos, as edições da Marcha das Vadias chegaram ao fim sem maiores intercorrências. Pude perceber que as mulheres enfrentam atitudes hostis de alguns homens não participantes, falando coisas como “tudo feia” ou “quem quer chupar meu pau”. Por vezes as atitudes eram vaiadas pelas manifestantes, porém a instrução era que esses atos não fossem rebatidos para evitar qualquer confusão.

Em 2018 a manifestação teve fim na praça do Diário, em frente à ocupação Marielle Franco, prédio ocupado por pessoas do Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MTST) no centro do Recife. O Slam das Minas<sup>51</sup> de Pernambuco fechou a Marcha com uma de suas integrantes, Olga, como pode ser visto na imagem abaixo, recitando um poema autoral sobre o borbulhar de um vulcão que não pode ser parado, sendo este o feminismo.

---

<sup>51</sup> Grupo de artistas mulheres que fazem batalha de poesia falada

**Figura 26** – encerramento MVR 2018, Praça do Diário



**Fonte:** <https://www.leijaja.com/noticias/2018/06/09/contra-o-feminicidio-mulheres-ocupam-o-centro-do-recife/>  
Acesso em julho de 2020

O fim da Marcha em 2019 aconteceu no cruzamento da Avenida Conde da Boa Vista com a rua da Aurora, onde das mulheres que fizeram a performance sujas de tinta vermelha se lavaram com água limpa, simbolicamente retratando o fim da violência contra a mulher. Foi lido em forma de jogral uma carta de agradecimento às mulheres presentes, e pedido que todas se dispersassem com cuidado.

**Figura 27** – encerramento da MVR 2019, Rua da Aurora



Fonte: Anna Odara, 2019

### 3.2 A vadia e a rata: apontamentos sobre raça e classe



52

Sendo um termo usado para adjectivar de forma negativa uma mulher, Galetti (2016) aponta que “vadia” é direccionado principalmente às mulheres que circulam pelos espaços públicos e que praticam livremente sua vida sexual. Então, o termo vadia não é visto com bons olhos, sendo uma palavra que choca e causa repulsa, usada para impor padrões morais de controle sobre as mulheres. No contexto da Marcha, o uso tradicional da palavra é subvertido, não sendo mais visto como um “palavrão”, ao contrário as mulheres passam a usar a palavra com outros sentidos, inclusive, com orgulho.

Fora do contexto, entretanto, essa inversão não é plenamente alcançada. É preciso atentar que para compreender a manifestação é preciso que se tenha uma leitura prévia, leitura essa que possivelmente não alcança algumas pessoas de classes mais baixas, de outras gerações, etc. Como apontado anteriormente, estando inserida no que seria a quarta geração do feminismo, a Marcha possui uma linguagem própria que não chega a todas as pessoas. Estar por dentro da discussão, entender os agentes, a forma como a manifestação teve início, entender, inclusive, o impacto do sistema capitalista-patriarcal, é preciso para que a Marcha não se esvazie de sentidos políticos. Esse é também um esforço da Coletiva das Vadias, tanto nas redes

<sup>52</sup> Foto tirada na Marcha das Vadias Recife 2019.

sociais, como na entrega de panfletos, explicar para as pessoas o que é a Marcha das Vadias, o motivo do “nome” e quais lutas são pautadas.

Em uma publicação veiculada no Facebook da Coletiva das Vadias em 2018, em que a mesma expõe alguns de seus posicionamentos políticos, é possível ver a ressignificação do termo em uma nova lógica de entendimento:

Assim como o termo sapatão, viado, bicha, usados pelas LGBTTTT numa tentativa de ir contra os sentidos pejorativos que recaem sobre esses termos. Esvaziando-os dessa conotação e os ressignificando como forma de autoafirmação e combate à lógica social que, através desses estereótipos, os coloca numa situação vulnerável à violências e humilhações. É sapatão, então pode apanhar. É bicha, então pode morrer. Criam-se outras narrativas, sou sapatão sim e mereço respeito. Sou uma bicha pintosa e daí?!

Na Marcha das Vadias, Gomes (2018) aponta que a ideia de “ser vadia” na verdade é celebrada quando está associada à atitude de liberdade dos corpos, à autonomia feminina e à consciência feminista. A máxima “se ser livre é ser vadia, sou vadia sim!”, diz sobre e a abertura para as mulheres mostrarem os peitos, os pelos, a menstruação, o corpo fora do padrão estético. As mulheres em protesto falam sobre sexo, proteção e boceta em meio a uma sociedade predominantemente falocêntrica, se orgulhando de ser vadia, ao mesmo tempo que reivindicam autonomia e liberdade.

Apesar de ter se construído a imagem que a Marcha das Vadias é uma manifestação em que as mulheres tiram a roupa, a grande maioria das mulheres, nas manifestações que aconteceram em Recife, não está nua. As vadias presentes na Marcha se expressam das mais diversas formas, com cartaz, com o corpo pintado, com maquiagem e todas as demais formas expressivas que desejarem.

Uma das críticas feita a Marcha das Vadias, que eu tive conhecimento dentro do movimento feminista, passa pelo discurso de raça e classe. Como já dito anteriormente, para algumas mulheres, frequentar a Marcha das Vadias, mostrar os peitos e se auto denominar vadia, não mostra empoderamento, já que as mulheres negras são constantemente objetificadas e colocadas como “vadias” e “vagabundas”. Entretanto, mulheres negras e não brancas, que se identificam com o movimento, estão se aproximando do movimento e participam da Marcha, algumas delas inclusive tirando a roupa, como mostra uma das entrevistadas em 2017:

[...] foi uma das coisas que eu tava comentando com minha amiga, antes eu achava a Marcha das Vadias um pouco burguesa, muito embranquecida, eu acho que hoje o público tá aderindo mais, as mulheres de diversas classes sociais, de tudo e isso é muito legal ne? Porque antes era aquela coisa muito branca, agora tá mais diversificada, tenho percebido... (Julia, 32 anos, pedagoga, entrevistada em 2017)

O processo de agregar uma pluralidade cada vez maior de mulheres e mudar a ideia de que a Marcha é uma manifestação branca, é um empenho da Coletiva das Vadias, que dentro

da cidade de Recife, visam um movimento que faça sentido nesse referido contexto. Como aponta Clarice, membra da Coletiva aponta:

Hoje que é a sétima edição da Marcha, ela vem tendo um formato bem característico da cidade do Recife, porque a Marcha das Vadias não é um movimento nacional, ou seja, em cada cidade tem uma formação específica e aqui a gente vem trabalhando pra que seja uma marcha cada vez mais plural, que já vem agregando muito o público LGBT, a gente quer que agregue ainda mais com mulheres negras, mulheres da periferia, então a gente vem fazendo esse trabalho com debates preparatórios, com o transfeminismo, com o tema da negritude, para que cada vez mais essa marcha venha agregar cada vez mais mulheres. (Clarice, 21 anos, estudante, entrevistada em 2017)

Dessa forma, os debates preparatórios são encontros que ocorrem antes da Marcha das Vadias com o intuito de informar e agregar as mais diversas mulheres para a Marcha. Os temas discutidos giram em torno da negritude, mulheres trans, temáticas lésbicas e demais pontos que se interseccionem com o feminismo.

Apesar das críticas sobre a Marcha ser uma manifestação embranquecida, que talvez tenha sido essa a estruturação inicial do movimento, o que pude observar de 2017 a 2019 é que, além dos corpos diversos – magra, negra, branca, gorda, não branca, não binária, trans, cis, indígena – a estética visual não é da burguesia. As meninas que usam short curto o usam a partir de uma estética que se aproxima mais com a da periferia, não dos bairros nobres da cidade. Os cabelos, muitos deles cacheados, crespos, trançados, black power, as tatuagens, as marcas e marcadores sociais se diferem dos marcadores da estética burguesa.

Chamou minha atenção, no entanto, uma manifestante que chamarei de Tainá, baixa, magra, que estava com o peito nu, negra, lembrei que a entrevistei em 2017, e estava na Marcha de 2019 e, diferente de outras participantes que escrevem em seus corpos “puta”, “vadia” e “livre”, ela escreveu “rata”. Quando questionei ela me respondeu “[...]eu vejo as meninas pintando “puta”, “vadia” né, mas o que eu escuto, contra mim são esses tipos de nome, e por isso vim pintada desse jeito.”

Eu, como sou cearense, não conheço plenamente a gramática da periferia de Recife continuava sem entender direito e perguntei mais uma vez o motivo dela ter escrito “rata”, assim ela me explicou:

Porque assim, eu vim dois anos pintada de raposa, que é tipo “puta” que é mais um xingamento mais periférico, que os cara faz com as mulher, tá ligado? Aí no caso... aí tem o nome caça rato aqui em Pernambuco, aí agora... evoluiu pra rata. Ai no caso... é o que o povo fala que eu sou, quando eu passo nas ruas, só pq eu... enfim faço o que eu quero, aí por isso que eu pintei isso. (Tainá, 21 anos, estudante, entrevistada em 2019)

Apesar da Marcha das Vadias Recife, sabendo das críticas que existem em relação ao movimento, ter todo o cuidado de dar voz às mulheres negras, não brancas, pobres e periféricas, como Tainá bem apontou, “se tiver uma menina mais assim, de prédio, desse jeito, ninguém vai

chamar de “rata”, “raposa”, é mais menina de favela mesmo”, existem as barreiras onde eu, branca, classe média, sendo a própria “menina de prédio”, não consigo chegar. Além de “rata” ou “raposa” serem específicos de Pernambuco e por conta disso eu não ter acesso, o muro de classe nesse momento ficou escancarado pra mim.

Dentro de uma mesma opressão, que seria a de gênero, as mulheres brancas gozam de um privilégio gritante que é poder se autodenominar de vadia. Não são os outros que as chamam, mas ela mesmas que podem se afirmar vadias, se assim quiserem. As mulheres negras, não brancas, pobres, periféricas, em grande maioria são as que mais precisam circular pela cidade, são as que mais trabalham fora de casa, são as que mais estão propensas a trabalhar como empregadas domésticas e com a prostituição, sexualizadas desde cedo e por isso vistas como “vadias” desde muito novas, fazendo com que muitas delas nem ousem se auto denominar vadias porque toda uma sociedade já as chama assim. Apesar dos esforços da Coletiva de minimizar esses muros, a problemática em relação ao nome da manifestação existe e é compreensível.

Ainda assim, Tainá, entrevistada em 2019, me contou que nos anos anteriores veio com “raposa” escrito na barriga, o motivo seria que os meninos da escola a chamavam assim, o que ela não gostava e se sentia mal. Estar na Marcha, mostrando os seios e ainda podendo se apropriar de um termo cotidianamente usado contra ela de forma depreciativa, é entendido como uma forma de subverter a violência sofrida.

### 3.3 Coletiva das Vadias



Aqui me coloco como integrante da Coletiva das Vadias desde novembro de 2018, quando houve formação interna para integrar o grupo. A primeira Marcha das Vadias Recife ocorreu em junho de 2011 e foi articulada por mulheres que tiveram conhecimento do ato através da internet, muitas destas já inseridas no movimento feminista de Recife. Ocorrendo o ato uma vez ao ano, com o passar do tempo sentiu-se a necessidade de uma articulação mais consolidada para a Marcha, surgindo então o Coletivo Marcha das Vadias – Recife, em 2014.

Entre os motivos para firmar este coletivo, estava a necessidade de organização prévia do ato de rua, de forma contínua, surgindo a necessidade de um grupo coeso à frente da organização da Marcha das Vadias. Outra questão a ser colocada para essa formação era a necessidade de que alguém respondesse pela Marcha, definindo posicionamentos políticos, assinando cartas, manifestos, e se aproximando das demandas na militância feminista do estado. A Marcha também se tornou referência no movimento feminista de Recife, sendo muitas vezes o primeiro contato de jovens com o feminismo e também referencial norteador para as mulheres.

---

<sup>53</sup> Coletiva das Vadias, 2019. Foto tirada e cedida por Juliana Dolores.

Nesses anos de existência, o coletivo passou por várias mudanças, inclusive no nome. Em abril de 2018 o grupo utilizou o *Facebook* para explicitar que agora passaria a se chamar Coletiva das Vadias, afirmando que a permanência do “vadia” é parte do processo de reapropriação cultural, social e política do termo. Sendo um grupo feminista auto-organizado, visando fortalecer e responder demandas político-sociais no Recife, entre as motivações dessa mudança estava necessidade de desassociar o nome do grupo apenas à Marcha das Vadias, já que a Coletiva passou a organizar também rodas de diálogo, debates, bem como eventos e ações voltadas a mulheres jovens, periféricas, junto a escolas e universidades.

As ações da Coletiva das Vadias vão além do ato de rua. No ano de 2019, em que não foi possível realizar a Marcha no último sábado de maio, a data foi marcada por um evento chamado “deboche-se”, que aconteceu numa casa conhecida por abrigar eventos de movimentos sociais de Recife. Entre as atividades estavam uma roda de conversa sobre a importância do deboche e ativismo<sup>54</sup> como arma política, oficina de lambe e DJ, todas realizadas, pensadas, produzidas e mediadas por mulheres. Outra atividade recorrente organizada pela Coletiva são os debates preparatórios que antecedem a Marcha, geralmente dois meses antes, com temáticas que dialoguem com o tema escolhido para a MVR. Em conjunto com outras organizações feministas, a Coletiva participa da construção de atos em datas importantes como o 8 de março no Recife, Dia Internacional de Luta das Mulheres, e do 28 de setembro, dia de Luta Latino-Americano e Caribenho Contra a Criminalização das Mulheres e pela Legalização do Aborto.

Na referida publicação na página do *Facebook* a Coletiva expressa também alguns de seus posicionamentos políticos, inclusive o entendimento de que a ressignificação da palavra “vadia”, sendo usada como arma política, pode não contemplar todas as mulheres, fato que desde o surgimento da Marcha traz divergências e críticas. A crítica se dá principalmente através de mulheres não brancas e negras, as quais o corpo tem uma socialização distinta das mulheres brancas, sendo historicamente marcadas por um lugar marginalizado, o que faz com que algumas mulheres discordem de que a ressignificação do termo “vadia” tenha um papel político efetivo e que, ao contrário, acaba por reforçar um lugar de objetificação e violência.

Atualmente, a Coletiva das Vadias é composta por mulheres jovens entre 20 e 35 anos, negras, brancas, não brancas, lésbicas, bissexuais, héteras, periféricas, mães, trabalhadoras, estudantes e se denominam um grupo auto-organizado, autônomo, apartidário, horizontal,

---

<sup>54</sup> Estratégias artísticas que tem como finalidade ações políticas

visam as lutas antirracista, antissexista, antiproibicionista e anticapitalista<sup>55</sup>. Com isso, sendo levado em consideração as críticas e a pluralidade dentro da Coletiva e do movimento feminista, as mulheres que compõem a Coletiva das Vadias e constroem a Marcha das Vadias Recife, até o presente momento compreendem e sentem que é possível ressignificar o termo “vadia”, também uma forma de enfrentamento a misoginia e construção de novas comunicações e narrativas. É de consenso da Coletiva que essa reapropriação levaria, ainda, a potentes construções de novos espaços que permitem um novo lugar no qual palavras-ações têm seu papel na destruição e reestruturação do sistema.

A Coletiva entende, ainda, que o movimento feminista é plural, construído a muitas mãos, podendo ter ideias convergentes e discordantes dentro do mesmo movimento.

A Marcha das Vadias Recife carrega características e lutas caras à cada uma das componentes da Coletiva e ao contexto local. Sendo assim, a Coletiva prioriza destacar a luta pela autonomia do corpo das mulheres no Recife, reivindicando especialmente políticas antiproibicionistas, seja em relação ao aborto legal e seguro ou ao encarceramento de mulheres. Suas pautas também são anticapitalistas e contra as violências, se opõem ao Estado que aprisiona, ou nada faz, pelos corpos das mulheres. Desenvolvem ainda discursos antirracistas e antiLBTfóbios, contra opressões às mulheres negras, lésbicas e/ou trans.

A Coletiva se preocupa em convidar as mulheres a refletirem sobre se sentir, ou não, contemplada pelas propostas da Marcha. Em 2019 ocorreu a nona MVR, sendo um evento que já está consolidado no calendário de manifestações feministas da cidade. Sendo assim, esse processo, que vem sendo articulado desde 2011, tem uma importância no movimento feminista de Pernambuco e pode nos fazer refletir sobre resistência e ser referência.

Atualmente a Coletiva das Vadias integra o Fórum de Mulheres de Pernambuco, tendo em vista o não isolamento político no cenário atual de avanço da extrema direita. Além do Fórum de Mulheres, para a organização da Marcha das Vadias, a Coletiva conta com a ajuda de outras organizações e coletivos de mulheres pernambucanas, como a Rede Nacional de Feministas Antiproibicionistas (RENFA) e a Rede de Mulheres Negras de Pernambuco.

---

<sup>55</sup> Informações retiradas da página do Facebook Coletiva das Vadias <<https://www.facebook.com/coletivadasvadias/>> acesso em 22 de nov 2018

#### 4 “TÔ DE MINISSAIA, NÃO TE DEVO NADA”: A VESTIMENTA PROTESTO NA MARCHA DAS VADIAS RECIFE



56

Vestuário se configura como os trajes que cobrem o corpo do indivíduo e não têm origem precisa (Boucher, 2010). Colocando o surgimento do vestuário como algo ligado a fatores materiais, e da vestimenta ligado a fatores psicológicos, não se sabe ao certo se o corpo começou a ser coberto como forma de proteção ou por razões sociais como pudor, tabu e influência mágica, sugerindo então que os dois elementos sejam levados em conta. Dessa forma, é entendido que a roupa, para além da sua função utilitária de cobrir o corpo, também carrega papéis mágicos e representativos, concedendo poder ao homem por se revestir com peles de outros animais, se defender de influências maléficas, bem como demonstrar a identificação entre indivíduos a partir da utilização de adornos.

Na Marcha das Vadias Recife, algumas mulheres optam por usar roupas socialmente vistas como inapropriadas ao espaço público. Nos três anos que acompanhei o ato em Recife vi mulheres só de sutiã e short curto, vestindo meia calça, outras com decotes ou minissaia, outras com os seios à mostra e short curto, outras de biquini e short curto, assim como em roupas mais “convencionais”, usualmente utilizadas no cotidiano. Na figura abaixo, foto tirada na MVR 2019, é possível ver que o tecido que cobre maior parte do corpo da manifestante é vazado,

<sup>56</sup> Foto tirada na Marcha das Vadias Recife 2019, acervo pessoal

tornando-o transparente, sem verdadeiramente cobrir o corpo. A roupa é curta e decotada, construindo a figura da “vadia”.

**Figura 28** – Marcha das Vadias Recife 2019



Fonte:

Anna Odara, 2019

A roupa, nesse sentido, é utilizada para subverter padrões sociais. Peter Stallybrass (2008) aponta como a roupa pode carregar marcas das pessoas que a vestem. O autor explora como a morte de seu amigo, e consequente redistribuição de seus objetos, são capazes de redistribuir também histórias, memórias, sentimentos e momentos. Cada objeto, nesse caso as roupas, é capaz de receber a marca humana e passá-la adiante. Por mais efêmera que tenha se tornado a indústria da moda, o autor acredita que os corpos são finitos, mas que as roupas sobrevivem ao tempo, criando laços com outras pessoas, marcas de outras pessoas e são ressignificadas por outras pessoas.

A vestimenta da imagem acima produz um visual que em condições normais seria visto como sensual, erótico. Porém por estar inserida em um contexto urbano, sendo este um contexto que requer das mulheres que estejam “compostas”, assim também como ter palavras como “quenga” e “puta” escritas no corpo, essa vestimenta é ressignificada para a atmosfera de militância política. Na proposta da Marcha das Vadias, a roupa cria um tom reivindicador, que transcende os usos convencionais.

Crane (2006) também coloca que a vestimenta é um dos marcadores mais evidentes de status social e gênero, o que faz com que seja possível tanto expressar tais marcas como subverte-las. No caso da Marcha das Vadias, a vestimenta subverte o que seria o padrão de “mulher direita”, que se veste de forma mais “composta”. A “vadia” seria o contrário da “mulher direita”, em um contexto atual, a figura da “bela, recatada e do lar”, sendo a vadia merecedora da violência a ela direcionada. Isso é contestado por uma das entrevistadas, que expõe que na verdade o assédio não está ligado à roupa, de forma que, independente da roupa que a mulher esteja usando, o assédio vai acontecer:

Eu percebo [o assédio], todos os dias que a gente sai... na verdade a roupa, ela influencia mas também não influencia, porque não adianta... não importa a roupa que você tá... de saia ou de burca você vai ser assediada na rua então eu avalio isso quando eu tô caminhando em qualquer espaço, qualquer rua, no centro da cidade, principalmente no centro da cidade, que é onde você escuta mais coisas absurdas e você percebe mais olhares violentos. (Thais, 20 anos, artesã, entrevistada em 2017)

Na Marcha das Vadias Recife, o processo de ressignificação da ideia da “vadia” passa por dar novos sentidos à vestimenta usadas pelas mulheres. Cotidianamente, quando uma mulher opta por usar uma roupa mais curta ou decotada ela é lida como se “estivesse pedindo” o assédio<sup>57</sup>, como se estivesse “afim” de sexo, ou “insinuando” afetiva ou sexualmente para os homens. No protesto as mulheres vão às ruas para defender o direito de usar qualquer tipo de roupa sem que isso seja interpretado com conotação sexual.

Na figura abaixo, sarcasticamente, as mulheres presentes na Marcha das Vadias informam que o “motivo” de estarem sem suas blusas não é sexual. Assim como os homens são autorizados a despirem o tórax em lugares públicos, as mulheres dizem que elas podem "também sentir calor" e se autorizarem coletivamente a também despirem os seus corpos.

---

<sup>57</sup> Embora saibamos que o tamanho ou o estilo da roupa não impede as mulheres de serem assediadas ou de sofrerem violência física, verbal ou moral.

**Figura 29** – Marcha das Vadias Recife 2018



**Fonte:** Anna Odara, 2018

Dessa forma, a vestimenta acaba se tornando um elemento político, um objeto de luta contra as diversas violências sexual e de gênero. Os corpos, despidos, por sua vez, carregam inscrições como “livre”, “ventre livre” e “vadia livre”, pelo sentimento que as mulheres carregam de buscar essa “liberdade”, a autonomia de seus corpos e escolhas. A vadia é a mulher que anda de roupa curta e não concorda com os padrões morais de vestimenta, subvertendo-o. Elas são contra a forma conservadora de dizer que certas mulheres não são dignas de respeito. Assim, as mulheres participantes da MVR se utilizam dessas roupas para afirmarem que, apesar das convenções sociais, a roupa curta não expressa consentimento para a violência e o assédio, pois nada os justifica.

É importante observar, na figura acima, que o comportamento da mulher, ao tirar a blusa, pode ser igualado ao comportamento comum de um homem em um dia quente no Brasil, que está socialmente autorizado a despír de sua camisa na maioria dos lugares públicos sem que isso seja considerado um atentado a moral ao pudor. Crane (2006) aponta que na Europa do século XIX, um estilo de vestuário feminino alternativo se baseava na introdução de peças de roupa masculinas, como gravatas, calças, chapéu etc. Tais peças usadas por mulheres

representava uma forma de resistência ao estilo de vestimenta vitoriana<sup>58</sup>, que era dominante na época e estava ligada à passividade e submissão esperada das mulheres, representando uma inversão simbólica que buscava falar sobre independência feminina e a desafiar padrões de gênero pré-estabelecidos. As mulheres na Marcha das Vadias, ao despirem o tórax, estão, além de quebrando padrões pré-estabelecidos para as mulheres, costurando resistências sociais no meio urbano.

Em outro exemplo, na Marcha das Vadias Recife em 2017, a manifestante está de sutiã e short, mostrando o colo e barriga, porém esconde o rosto, invertendo padrões sociais de recato. Crane (2006) aponta que as roupas, como artefatos, podem ser vistas como um vasto reservatório de significados, passíveis de ser manipulados ou reconstruídos. Dessa forma, como visto na figura abaixo, a manifestante fez uso das roupas de forma não só subversiva ao mostrar o corpo, mas de maneira a desconstruir seus usos, usando a camisa não para cobrir o colo, mas para esconder o rosto.

**Figura 30** – Marcha das Vadias Recife 2017



**Fonte:** Anna Odara, 2017

<sup>58</sup> Vestidos longos, espartilho que comprimia a cintura, babados, luvas e saias amplas

Ao subverter regras sociais baseadas em um senso moral conservador, as mulheres que participam da Marcha se reapropriam de um discurso que quer deslegitima-las, nomeá-las pejorativamente de “vadias”, e passam a se utilizar dele para confrontar ideais sexistas, como de que mulheres que estão andando na rua sozinhas de noite merecem ser estupradas. O “sou vadia sim, e daí?” reapropriado pelas mulheres deixa de ter um tom acusatório e passa a ter um viés permissivo e reivindicador “sou vadia, quero e posso estar na rua e você vai ter que me respeitar”. Dessa forma, na Marcha das Vadias a vestimenta é mais que um objeto de expressão, ela é um objeto que carrega reivindicação. As mulheres usam as roupas de forma a subverter certos padrões morais e inserem nela um viés político.

Stallybrass (2016) traz a reflexão da roupa enquanto resistência. O autor aponta através de Engels (1987) que, na Inglaterra do século XIX, diferente dos tecidos usados pela elite, geralmente feitos de linho ou seda, o tecido usado pela classe operária era o fustão, de qualidade inferior e mais barato. O tecido se tornou símbolo das classes mais baixas e também um marcador de pobreza e falta de posse, de forma que os usuários deste tecido ficaram conhecidos como os “jaquetas de fustão”. Sabendo disso, um líder chartista, buscando apoio dessa parcela da população, fez uma aparição pública para a classe operária vestido em um terno de fustão. Além de ressignificar a vestimenta, o uso do tecido popular para fazer uma roupa usada predominantemente pela elite, que é o terno, se converteu em um símbolo de resistência para a classe operária<sup>59</sup>.

Pensando que a vestimenta pode produzir comunicação simbólica (Stalybrass, 2016; Crane, 2006), algumas mulheres presentes na Marcha informam contundentemente que a roupa escolhida não as protege da violência e do assédio, e não pode ser justificativa para tais, como comumente o é. Elas reivindicam a autonomia para escolher vestir qualquer coisa, inclusive nada, e exigem ser respeitadas nuas ou vestidas, como aponta a entrevistada abaixo.

O fato de estar sem roupa ou com roupa nesse espaço ele não quer dizer nada porque aqui como em qualquer outro lugar a gente tem que usar o que se sente à vontade e bem. Esse espaço aqui que as mulheres que optam por mostrar mais o corpo é também um grito de libertação de mostrar de que no dia a dia a gente já é tão reprimida e esse espaço aqui ainda é um espaço seguro pra gente colocar a pauta do corpo e das vestimentas em discussão porque o que a gente vê é que as pautas feministas vão além da discussão sobre a roupa só que a discussão da roupa é uma discussão sobre o corpo, sobre o que se fazer com o seu corpo, sobre o que se tem direito de fazer com ele e qual é a intervenção que a sociedade deve ter nisso, que no caso não deve ser nenhuma. Então eu acho que o fato de tá sem roupa aqui é basicamente isso, é um grito de libertação de dizer “olha isso não significa absolutamente nada em relação a minha personalidade ou ao meu caráter, é só corpo, como qualquer outro sabe? Masculino ou feminino. (Malu, historiadora, 27 anos, entrevistada em 2017)

<sup>59</sup> Crane (2006) chama atenção para o papel da roupa como comunicação simbólica, refletindo que na Europa do século XIX, as roupas eram uma forma de transmitir informações sobre as pessoas que a usavam, como posição social e profissão.

Como exposto acima, a manifestante afirma que a discussão sobre o corpo é uma discussão sobre a roupa e sobre como as roupas podem ser utilizadas para subverter fronteiras simbólicas (Crane, 2006). Ao mesmo tempo que a entrevistada aponta que estar sem roupa na Marcha é um grito de libertação, ela aponta também que isso não quer dizer nada sobre sua personalidade ou caráter, no sentido que ela não deve ser hiper sexualizada, ela não deve ser menos respeitada, ela não deve ser menos ouvida por estar sem roupa, já que é só um corpo como qualquer um.

Entendendo, então, os objetos, nesse caso as roupas, como agentes sociais, eles produzem eventos em torno de si (Gell, 2018). A agência dos objetos é mediada pelos humanos e pode ser compreendida como uma forma de incitar acontecimentos ao seu redor, não precisando ser essencialmente eventos de interação físico-materiais. Os agentes funcionam através de abstrações mentais, podendo ser intencionais ou não, sendo eles mesmos origem e fonte de uma ação que é causada por si. Dessa forma, as relações não precisam ser compostas exclusivamente entre seres humanos, pois “a agencia social pode ser exercida em relação às “coisas” assim como pelas “coisas” (e também animais)” (GELL, 2018, p. 47).

Assim, a Marcha das Vadias é uma manifestação que reorganiza os usos ordinários das roupas. As roupas são rearrumadas, ressignificadas e as mulheres a utilizam não só para cobrir o corpo, mas pra expressar posicionamentos políticos. Essa reapropriação das roupas produzem eventos e reações ao entorno, seja da relação das mulheres com as roupas, como das roupas que as mulheres estão vestidas com o meio que elas estão inseridas, nesse caso, o meio urbano do centro do Recife.

A partir de uma relação entre a sociedade com objetos materiais, Gell (2018) indica que essas relações e interações com as coisas e entre as coisas são mediadas por humanos. O entendimento da interação dos humanos com os objetos nos faz entender que a pauta sobre a roupa é uma pauta sobre o corpo e uma pauta social. O pensamento comumente difundido é de que os objetos são meras representações do mundo externo, e por isso, superficiais. Esse entendimento se dá pela crença de que o verdadeiro “eu” está internalizado dentro do indivíduo, sendo colocado que os elementos internos e mais profundos são vistos como verdadeiros. Dessa forma, em antagonismo, estariam os elementos externos, sendo eles vistos como falsos, superficiais e fúteis. (Miller, 2013)

Na Marcha das Vadias, a vestimenta se constitui como uma ferramenta capaz de construir uma relação entre a manifestante e as pessoas que estão observando a movimentação, mesmo que de longe. Embora seja perceptível que algumas reações não são positivas à Marcha,

como balançar a cabeça negativamente, algumas pessoas que fazem cara de raiva ou até chamam as mulheres de feias, as roupas não estão ali representando meros elementos superficiais. Por mais que a resposta que venha dos observadores seja negativa, a falta de roupa, ou a pouca roupa, pressupõe uma resposta, uma ação em retorno. Como se fosse algo que não pode ser deixado passar em silêncio, esse é justamente o tipo de evento que a vestimenta, ou a falta dela, ocasiona na manifestação, sendo também o tipo de impacto que a Marcha intenta passar.

Enquanto objeto, a roupa nos concede a possibilidade de explorar o outro em diferentes contextos. Calanca (2011) aponta a importância da vestimenta na possibilidade de conhecer o outro, pois a roupa indica uma ligação entre indivíduo e sociedade. Ligação essa feita através do corpo, tornando o mesmo significativo, já que a vestimenta permite uma interação da humanidade com o seu corpo, bem como as relações do corpo com a sociedade. Dessa forma, “o corpo revestido pode ser considerado, substancialmente, uma figura que exprime os modos pelos quais o sujeito entra em relação com o mundo” (CALANCA, 2011, p. 17).

Como a Marcha das Vadias Recife passa por essa relação da mulher com a vestimenta, e desta com o espaço urbano, uma das entrevistadas no ato em 2017 diz que as mulheres se utilizam de todos os instrumentos que estão ao seu alcance para fortalecer a luta feminista.

Todos os instrumentos possíveis a mulher ta usando pra luta... então o corpo, a forma como se vestir num deixa de ser [empoderamento]... Seja com frases em camisa, seja vindo pra Marcha e transgredindo isso de ter que ta com uma X roupa então acaba sendo também um instrumento de luta (Clarisse, 21 anos, estudante de enfermagem).

Pensando o social a partir das roupas, Miller (2013) vai usar o exemplo do sári indiano para expor a essencialidade dos objetos à sociabilidade. A vestimenta é parte importante na vida da indiana, conferindo identidade, percepção individual e social acerca do corpo. O sári determina a forma de se portar, de andar e de se comunicar com outras pessoas. A mulher precisa manter o controle dos alfinetes e nós que dão formato ao tecido e prendem-no ao corpo, a roupa molda os movimentos e a estética, além de falar sobre outros marcadores sociais daquela sociedade. A parte solta do sári, por exemplo, é chamada *pallu*, por seu uso constante e presença permanente na vida das mulheres é considerado uma terceira mão, sendo utilizado em tarefas domésticas, como proteção, na relação entre mãe e filho, como bolsa quando amarrado com um nó e uma série de conotações subjetivas.

(...) Uma mulher em harmonia com seu sári sabe exatamente como colocar o *pallu*. Enquanto todos olham para ela pensam que o *pallu* está quase a ponto de cair de seu ombro, ela sabe que não. Tem controle de uma ferramenta que lhe permite exprimir uma variedade de emoções e afirmações sutis, manuseando a capacidade particular do sári para a ambiguidade, especialmente no que diz respeito ao erotismo. Nesse estágio, o sári se torna um instrumento de poder (...) (MILLER, 2013, p. 48)

O sári é um elemento que constrói uma relação tanto com a mulher, quanto da mulher com a sociedade em que ela está inserida, entendendo que as pessoas formam relações com as coisas e essa relação se converte na própria experiência social.

Nas Marchas de 2018 e 2019 pude observar o uso de um adorno que, mesmo que as mulheres não tirassem a roupa, ou escrevesse algo no corpo, o uso dele significava a inserção no movimento feminista, significava compactuar com as pautas do evento. O adorno é uma bandana roxa nela escrito “feminismo é revolução” e, segundo tive conhecimento, foi distribuída no ato do 8 de março de 2018 em Recife.

**Figura 31** – Adorno usado na MVR 2019





**Fonte:** Anna Odara, 2019

É possível ver que a bandana é usada das mais diversas formas, amarrada no pescoço nas costas, amarrada no rosto, o que evita o reconhecimento, amarrada no pescoço cobrindo o colo, no braço ou na perna e também na alfaia pelas mulheres que fazem parte da batucada. Ela é inserida na vestimenta das manifestantes e por elas moldada.

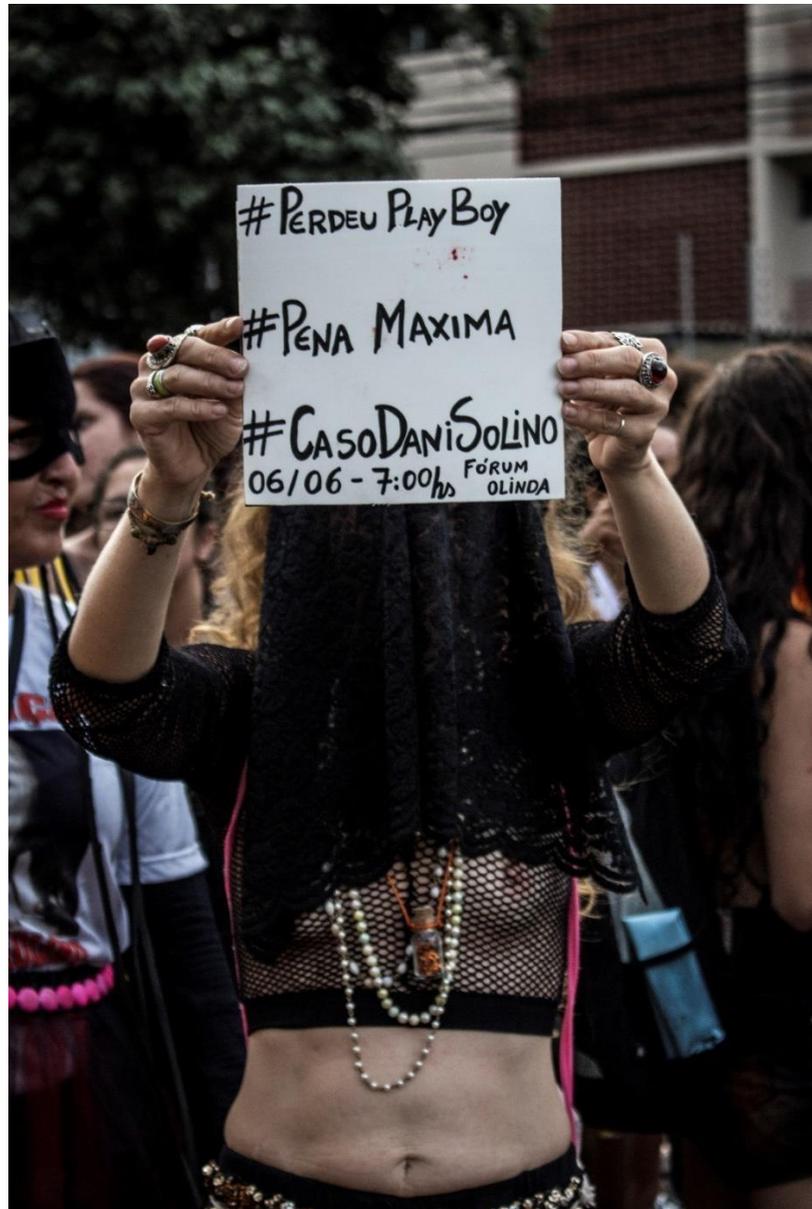
Tendo a vestimenta como objeto dos meus interesses de pesquisa na MVR, em 2017, quando entrevistei uma das organizadoras, perguntei se existiria alguma orientação de roupas específicas para ir pra Marcha, tendo ela me respondido que não existe roupa específica para ir à Marcha, e que a Coletiva busca criar um ambiente confortável para que as mulheres se vistam da forma que preferirem, como pode ser visto no trecho abaixo.

Não, não tem roupa específica, a gente tenta ao máximo que o ambiente da marcha seja um ambiente que as mulheres se sintam confortáveis para virem como quiserem, se quiser vir de burca, se quiser vir de blusa e shortinho, se quiser tirar a blusa, elas tão à vontade (Clarisse, entrevistada em 2017)

Algumas mulheres se vestem de forma mais performática, por vezes usando da ironia e do sarcasmo para protestar, como observei em 2017, a “viúva” e a “vó dia” que adicionam elementos lúdicos a vestimenta. A viúva tinha um véu que cobria o rosto e uma placa que dizia “tão linda, nova ainda. Porque não casou de novo? TEU CU. Se manque macho. Não sou obrigada!!!”. Ela também estava com uma blusa telada que adornava o corpo sem realmente ter uma função de cobrir. A mulher ainda segurava outra placa que pedia pena máxima e lembrava

do julgamento do caso Dani Solino, modelo de 35 anos, que em 2013 foi assassinada por seu companheiro em Olinda-PE.

**Figura 32** – viúva Marcha das Vadias Recife 2017



**Fonte:** Foto tirada e cedida por Kerol Correia, 2017

A “vó vadia”, por se tratar de uma mulher idosa, carrega ainda mais o estigma de ser um corpo que não deve estar na rua, apoiado no discurso midiático de que a velhice tem que ser retardada, ou que esses corpos não devem ocupar as ruas. A sociedade exclui esses corpos do convívio cotidiano e ainda mais, trata as mulheres de forma interdidas a experienciar sua sexualidade. A figura abaixo mostra a “vó vadia” na Marcha das Vadias Recife 2017, como

uma forma de resistir e não aceitar a exclusão colocada por uma sociedade que tem como ideal de beleza a juventude.

**Figura 33** – foto tirada na Marcha das Vadias Recife 2017



**Fonte:** Foto tirada e cedida por Kerol Correia, 2017

Sobre manifestações, Butler (2018) aponta que os corpos unidos em assembleia nas ruas transmitem seus significados políticos não apenas por meio do discurso, escrito ou falado, mas por meio de suas performatividades corporificadas e da presença de seus corpos políticos. Os corpos na rua não precisam nem vocalizar, só ocupar o espaço público, o espaço de interditos e de perigo para as mulheres, exercendo o seu "direito ao aparecimento" na esfera pública. Dessa forma, mesmo que nada seja dito, escrito, cantado, a união das mulheres na rua, no caso

da Marcha das Vadias, por si só já é capaz de produzir sentidos. Além dessa performatividade corporificada que é estar na rua, a vestimenta e seus elementos utilizados pelas sujeitas é capaz de produzir significados subversivos, contra narrativas, e estéticas políticas revolucionárias.

A Marcha mexe com a ideia de que a vestimenta é também constantemente usada contra as mulheres, quase como uma prova incriminatória, capaz de inocentar ou culpabilizar mulheres pelas violências sofridas, como ocorreu na Irlanda, de inocentar o acusado de estupro<sup>60</sup>. Além disso, a roupa é vista como uma forma de desacreditar a mulher, como se fosse possível medir o seu potencial de trabalho, de comprometimento profissional e estudantil, de seriedade com dimensões da vida pública e não doméstica. Uma entrevistada na Marcha 2019 abordou esse tema, estando vestida com um short colado e curto e um top, ela diz que no ambiente de estudo corre o risco de não ser respeitada por usar determinada roupa:

[...] eu não posso sair assim na rua, eu não posso usar um short desse tamanho na rua normalmente no dia a dia. Eu nunca iria com um negócio desse pra faculdade porque nenhum dos meus professores iam me respeitar, eles iam olhar pra mim e eles iam dizer “essa menina não quer nada” ... então é bem complicado ser mulher no dia a dia [andar] na rua. (Jai, entrevistada em 2019)

Perguntei a uma das organizadoras da MVR, e membra da Coletiva das Vadias, em 2017, sobre o que ela achava de algumas mulheres irem pra Marcha usando roupa curta ou sem a blusa, com sutiãs e seios à mostra. Ela me respondeu que entende que em vários espaços a mulher não pode vestir determinadas roupas, que estar com roupas curtas muitas vezes significa ser assediada, e por isso, as mulheres frequentarem a Marcha com roupas curtas é uma forma de reivindicar autonomia sobre os corpos.

Olha, eu acho que tem [um significado] porque em muitos espaços a mulher é tolhida de vestir a roupa que quiser ou mesmo no percurso, por exemplo, no percurso de casa pra vir pra cá, por eu tá com um short curto e um batom vermelho, quantas buzinas quantas palavras agressivas mesmo a gente não tem que escutar... então ter esse espaço para as mulheres eu acho que é realmente um instrumento de dar um basta na sociedade sexista e dizer que a gente faz do corpo o que realmente quer. (Clarisse, 21 anos, estudante, entrevistada em 2017)

Clarisse, então, acha que, por meio do protesto e da performance, os corpos políticos em assembleia na rua (Butler, 2019) denunciam o sexismo que constitui a sociedade e, ao mesmo tempo, reivindicam relações igualitárias entre homens e mulheres, além de combater o

<sup>60</sup> Gostaria de destacar o exemplo do caso ocorrido em 2018, na Irlanda, veio a público o caso em que um homem acusado de estupro foi inocentado após usar como prova o fato de que a vítima, de dezessete anos, estava usando uma calcinha modelo fio dental, vermelha, com o detalhe de um lacinho na frente, no momento em que o crime foi cometido. A advogada de defesa alegou “você precisam ver a forma como a garota estava vestida. Ela estava usando um fio-dental com um laço na frente”, argumento que foi aceito pela justiça irlandesa, inocentando o acusado.

assédio cotidiano e a violência. No contexto da Marcha das Vadias, a vestimenta se converte em objeto performático de luta.

Um dos argumentos defendidos pelas mulheres na Marcha das Vadias Recife é que não importa a roupa escolhida por elas, sempre haverá “desculpa” para o assédio e a violência direcionado a elas. O assédio diz sobre poder e dominação masculina, e não sobre as escolhas individuais da vestimenta das mulheres. Sobre isso Scott (1995) afirma que gênero é uma das formas de dar significado às relações de poder, estando ligado à uma ideia de regimes autoritários, onde se coloca a dominação das mulheres.

#### 4.1 Eu vadia?



61

Participei de três edições da Marcha das Vadias Recife, as duas primeiras fui como pesquisadora e a última estive enquanto pesquisadora e organizadora. Nessas posições procurava usar roupas que não chamassem muita atenção, pensando que assim vestida não influenciaria as respostas das minhas interlocutoras, já que não queria passar a ideia de ter uma roupa adequada a frequentar a Marcha ou como se tivesse um motivo específico para usar determinadas roupas na Marcha. Queria inclusive, que elas refletissem sobre as roupas que estavam vestindo sem pensar que tipo de resposta eu queria escutar.

Em um contexto que as mulheres pintam o corpo, usam meia calça, tiram a blusa, procurei vestir uma roupa “neutra”, geralmente um short jeans (curto) e uma T-shirt branca e tênis, sem os adornos que caracterizam as vadias. Como aponta Butler (2018) os corpos nas ruas por si só, mesmo que não falem ou se movam, já expressam algo. No meu caso, estar ali

<sup>61</sup> Foto tirada na formação de novas integrantes da Coletiva das Vadias. Anna Odara, 2018.

na Marcha das Vadias já fazia eu me sentir uma vadia, já trazia a sensação de pertencimento. Estar ali fisicamente, corporalmente, já é uma forma de estar presente, mostrar apoio e fortalecer o movimento.

Em 2019 fui com a camisa da Coletiva das Vadias. Antes da Marcha cogitei tirar a blusa, já que o momento conservador me inquietava muito e pensava na necessidade de uma resposta que causasse mais impacto. No fim, acabei optando por não tirar a blusa. Um dos motivos foi por pensar no lugar de privilégio que ocupo, apesar de ser mulher, sou branca, classe média e pesquisadora, o que não me coloca na linha de frente de uma possível violência, já que o meu corpo não é o mais visado.

Além disso, internamente, nenhuma das minhas companheiras da Coletiva escolheu tirar a blusa na Marcha de 2019. Analisei que já estava com funções de tirar fotos, observar os acontecimentos como pesquisadora e também estar atenta a condução da Marcha caso alguma companheira da Coletiva ou manifestante precisasse de ajuda. Dessa forma, pensei que tirar a roupa no espaço público exigiria de mim uma atenção redobrada nesse processo, para me defender de eventuais acontecimentos, que mesmo estando “resguardada” por meus privilégios, não me deixa imune de sofrer violência.

Em entrevista no ano de 2020, perguntei a três outras organizadoras da Marcha das Vadias Recife, componentes da Coletiva das Vadias, se elas já tiraram a blusa durante o Protesto, e o que as motivou a isso. As três responderam que não, porém por motivos distintos. A primeira, Luana, respondeu que geralmente vai a Marcha de short curto, por causa do calor, e de camiseta básica, pra se proteger, já que é uma das medidas de segurança difundida entre as militantes, que uma roupa de cor básica dificulta o reconhecimento em caso de confronto com a polícia. Ela relatou que já teve vontade de tirar a roupa, mas refletindo sua experiência social como uma mulher negra, sentiu dificuldade em tirar a roupa. No seu argumento estão questões da vida prática, de sobrevivência, como o medo de ser fotografada na Marcha e as consequências que essa exposição pública de uma mulher periférica e negra acarretaria:

Pra gente que é mulher negra, é muito... o fato de estar nua é muito mais pesado do que é pras mulheres brancas, porque somos hipersexualizadas o tempo inteiro... então assim o fato de eu como mulher preta estar na militância, estar numa marcha feminista, onde a maioria eram de mulheres brancas que eu via sem roupas, então assim, mulheres que tinham emprego, mulheres que tinham que podia pesar pra elas, mas no meu caso poderia pesar mais porque nessa época eu trabalhava como empregada doméstica, então... se eu fosse pra uma Marcha trabalhava como empregada doméstica cuidando de criança, então se eu fosse pra uma marcha, eu enquanto mulher negra se tirasse a roupa e fosse fotografada, alguém visse, alguém conhecido, isso podia pesar no meu trabalho entende então assim, o conceito de tirar a roupa, [pra] nós, mulheres negras é muito mais pesado de que pra mulheres brancas. (Luana, entrevistada em 2020)

Clarisse disse que procura ir pra Marcha com uma roupa normal que usaria num sábado à tarde. Quando perguntei se já tinha tirado a roupa ela me relatou que nunca havia feito, principalmente por receio da reação dos homens na rua durante o percurso do evento, tendo em vista episódio que presenciou em edições anteriores.

Nunca cheguei a tirar a roupa, acho que teve uma vez no máximo, acho que foi em 2016 que eu fiquei de biquini, mas eu acho que o histórico da Marcha, inclusive em outros países, em outros estados, tenha esse ambiente pra que as mulheres se quiserem, se sentirem a vontade pra expor o corpo da forma que desejar. Eu acho que aqui a gente já, no histórico da Marcha, já passou por algumas situações que isso foi um pouco delicado, como acho que foi na Marcha de 2015, que acabou tendo uma reação violenta por parte de alguns homens que ficam como ambulantes ali na [Avenida] Conde da Boa Vista, que é um dos trajetos, uma das partes do percurso que a Marcha faz. Então acho que pra mim, pelo menos, são pontos que talvez não tivesse me deixado tão à vontade. Mas aí também de superar essa questão né, que eu acho que ao longo dos anos da Marcha, a gente também foi discutindo outros pontos para além da questão do corpo, da tão famosa frase feminista “meu corpo minhas regras”, como algo individual, a gente foi pautando também outras coisas, então pra mim, eu me sinto à vontade usando essa roupa do dia a dia como falei, de um sábado à tarde. (Clarisse, entrevistada em 2020)

Além da preocupação com exposição pública e com os efeitos na empregabilidade para uma manifestante que se expõe nua nas ruas da cidade em protesto, como menciona Luana; e do receio das reações reprobatórias e abusivas dos homens, destacada por Clarisse, Laís, outra organizadora e membra da Coletiva das Vadias, disse que nunca tirou a blusa e nem tem vontade. No seu argumento perpassa questões mais subjetivas, informa que se sente desconfortável sem roupa diante de muitas pessoas. Ou seja, Laís aponta para outra dimensão da exposição do corpo localizada na relação pessoal com o próprio corpo:

Não... eu não tenho esse desprendimento todo não, eu não consigo me sentir confortável de ficar sem roupa, assim. Com pouca eu não me sinto...com mínima, sei lá. Por exemplo biquíni, que tem gente até que tem receio de usar biquíni, e nem é uma coisa que é porque eu tenho vergonha do meu corpo nem nada, mas é porque eu só não me sinto confortável, muita gente ao meu redor, sabe? Aí eu ia ficar me sentindo observada, talvez pela falta de experiencia também..., mas eu não tenho vontade. (Laís, entrevistada em 2020)

Acredito que todas as respostas perpassam pelo que seria o desconforto com a reação do outro. Durante a Marcha, a Coletiva das Vadias busca, da melhor forma, transformar aquele ambiente em um ambiente seguro, mesmo assim, o espaço urbano ao redor da Marcha continua a existir. Vão ter homens passando pelas ruas do centro, vão ter fotógrafos (profissionais ou não), vão ter outras mulheres que não estão envolvidas no movimento feminista, vão ter carros, ônibus, ambulantes e os mais diversos sujeitos que vão parar pra olhar a Marcha. E estes são agentes que não são possíveis de prever as reações e, em grande maioria, são agentes que não conseguem absorver o discurso por trás da Marcha.

Concordo quando Clarisse fala de superar as questões pessoais e partir pra questões coletivas, como vem acontecendo no caso da Marcha das Vadias Recife. Com quase dez anos

de existência, a Marcha nos últimos anos vem tentando deixar em segundo plano pautas como “meu corpo, minhas regras” e se debruçar mais sobre outras pautas, como a pauta antirracista e anticapitalista, que são pautas de viés coletivo. Sem nunca perder a dimensão do corpo individual nas pautas feministas, inclusive da importância da inserção dos corpos nas ruas, principalmente no atual momento de distanciamento social, uma mudança efetiva para as mulheres passa pela coletivização das lutas.

## 4.2 Peito casa, Peito caos



O corpo das mulheres nas culturas de tradição ocidental cristã foi historicamente escondido, modificado e mutilado, colocado em um lugar de vergonha, de inadequação e do não apropriado. Tal constatação pode ser feita procurando nas entrelinhas da construção social a que fomos submetidas, localizaremos sutis ou explícitos ensinamentos para as mulheres odiarem seus corpos.

As mulheres europeias, das classes privilegiadas, do século XX, tinham a vestimenta muito adornada, com grandes saias, babados, dificultando até mesmo a locomoção das mesmas (Souza, 2019). Com poucos poderes sociais e políticos, elas muitas vezes eram vistas como manequins a serem apreciados. A autora indica que, diante das opressões e exclusões, das convenções estéticas para com as roupas femininas, a moda acabou sendo um recurso que as mulheres usavam para se expressar:

Tendo a moda como único meio lícito de expressão, a mulher atirou-se à descoberta de sua individualidade, inquieta, a cada momento insatisfeita, refazendo por si o próprio corpo, aumentando exageradamente os quadris, comprimindo a cintura, violentando o movimento natural dos cabelos. Procurou em si – já que não lhe sobrava outro recurso – a descoberta do ser, a pesquisa atenta de sua alma (SOUZA, 2019, p. 100).

Com o passar dos anos, a vestimenta feminina também foi se modificando. No contexto brasileiro, aproximadamente nos anos de 1980, as saias longas viraram mini, as calças ficaram

<sup>62</sup> Foto tirada e cedida por Taynah Soares, 2020.

justas e o biquíni tinha se popularizado. Segundo Del Priore (2013) o nu feminino tinha se massificado nas revistas, na televisão, nas praias e nas ruas. O corpo que antes vivia escondido por ancas, espartilhos e vários metros de tecido, agora podia ser mostrado.

O encurtamento das roupas deu ao corpo uma nova conotação: para ser exposto precisa estar “perfeito”, levando as mulheres a cobrirem o corpo com cremes, plásticas, vitaminas, retoques e maquiagens. Na década de 1980, de acordo com Araujo e Leoratto (2013), as revistas brasileiras estampavam a obsessão pelo “corpo perfeito”. Apoiado pelo discurso médico, ser saudável era sinônimo de ter um corpo magro, “em forma”. O contexto atual não parece muito diferente.

Duas participantes entrevistadas sinalizam algumas reflexões sobre isso. As duas falas foram extraídas das edições das Machas de 2017 e 2019, respectivamente, feito com duas manifestantes diferentes. A primeira estava sem blusa, mostrando os seios, e a segunda estava com um short curto e uma blusa de alça fina, e segundo ela, “criando coragem pra tirar a blusa”. As duas possuem corpos diferentes, sendo Tainá, a primeira, magra, de mais ou menos um metro e meio, com os seios pequenos. Maria, por sua vez, tinha peitos grandes, pernas grossas e com altura de mais ou menos um metro e setenta.

Ambas se encaixavam em características fenotípicas de mulheres negras: cabelos cacheados ou trançados, lábios grossos e pele escura. Quando entrevistadas, tinham em comum, além da idade, 22 anos, extremos de inadequação – pouco peito ou muito peito. A revelia da consciência da existência de uma diversidade de corpos no mundo, grande parte das mulheres se sente inadequada com seu corpo, segundo Naomi Wolf (2020), o sentimento de inadequação das mulheres se ampara justamente em perceber que o ideal de mulher perfeita, não importa o padrão de perfeição que a sujeita já esteja inserida, o ideal é sempre alguém que ela não é.

Uma parcela das mulheres do século XXI se tornaram subordinada da indústria da beleza, bombardeada de imagens de ideais estéticos e mensagens que induzem um padrão medido numericamente por índice de massa corporal, quantos centímetros deve ter a cintura, quadril e busto, qual a cor do cabelo e o formato da boca (Del Priore, 2013). Isso se agrava com a massificação das redes sociais e a era do Instagram, em que o consumo de imagens é constante em um tempo cada vez menor. A internet nos levou a outro nível os ideais de perfeição inalcançáveis.

Isso é endossado com a fala da Maria, entrevistada em 2019, quando esta afirma “sempre vai ter um motivo [pra falar das mulheres] porque na verdade o objetivo é coagir a gente”. O corpo da mulher é constantemente posto como forma de controle, sendo visto como incômodo, algo que precise ser mudado, já que é posto como objetivo inalcançável de perfeição. Wolf

(2020) coloca parte da responsabilidade disso como resultado de campanhas de marketing globalizado, que promovem ideais ocidentais de beleza. Outro fator que agrava esse fenômeno é a onipresença da indústria pornográfica, que transmite e aprofunda em homens e mulheres a ideia de que a perfeição física garante a entrada para uma vida sexual aceitável.

Uma das grandes questões da Marcha das Vadias, mundialmente conhecida, é que ela se trata de uma manifestação em que as mulheres mostram os corpos, e algumas, mais explicitamente, os peitos, sendo estes das mais variadas formas e tamanhos. O que os relatos coletados na Marcha das Vadias Recife nos dizem é que as mulheres, nos diferentes corpos, nos mais variados peitos, não se sentem plenamente aceitas por estarem fora de um espectro de padronização dos corpos. A imagem abaixo é de uma manifestante expressando essa questão:

**Figura 34** – Manifestante segurando cartaz, MVR 2019



**Fonte:** Anna Odara, 2019

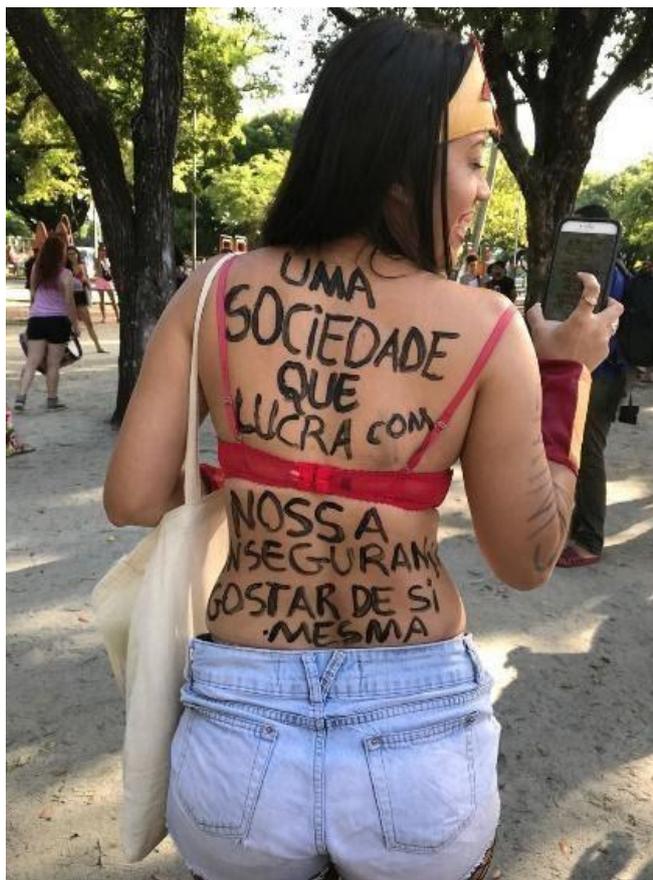
Em 2017 Tainá relatou a mim ter sofrido com essa padronização dos corpos durante sua adolescência. Para ela, estar na Marcha das Vadias com os seios à mostra, apenas cobertos com tinta vermelha, significava uma busca por aceitação e se libertar desses padrões, mostrando como ela realmente é, podemos ver abaixo:

É porque eu passei a adolescência todinha escutando que meu peito é pequeno... não tem peito... e outras mulheres também passaram por isso, tanto pro muito ou pouco... enfim, o formato do corpo delas, então isso pra mim... quando eu venho pra cá é pra mostrar que eu sou desse jeito (Tainá, 21 anos, estudante, entrevistada em 2017)

A fala de Maria, outra interlocutora entrevistada na concentração da Marcha das Vadias Recife 2019, expõe o controle rígido do tamanho de seu peito, do que mostrar e do que esconder dele no seu cotidiano. Ela contou uma cena de sua vida ordinária e o seu corpo como objeto de discussão de seus colegas de trabalho:

Ontem eu fui [para o trabalho] com uma calça moletom e uma blusa assim de alça, normal, sabe, tranquila, era branca, normal, mas o meu peito é muito grande, então a primeira coisa que eu ouvi quando eu cheguei no trabalho foi “Maria cobre esses peitos!” (Maria, 22 anos, entrevistada em 2019)

Tainá que estava sem blusa, com os seios à mostra cresceu escutando que de alguma forma o seu peito era inadequado. O que isso diz sobre os corpos das mulheres é que talvez, por não ter determinado tamanho e formato, ele está errado? ou que não deveria existir. Mas ao contrário, na fala abaixo, Maria aponta que ir para o trabalho com uma blusa de alça, incomoda porque seu peito é muito grande. A Marcha das Vadias que surgiu com o intuito de protestar contra a cultura do estupro, passa também por como a sociedade capitalista tutela os corpos femininos, porque quanto mais insatisfeitas com o corpo, maior o lucro da indústria. A manifestante abaixo, presente na Marcha das Vadias Recife 2018, expõe isso quando escreve no corpo “uma sociedade que lucra com nossa insegurança, gostar de si mesma é um ato revolucionário”.

**Figura 35** – Concentração da Marcha das Vadias Recife 2018

**Fonte:** Anna Odara, 2018

O corpo querido e desejado pela mídia, exposto, vendido, podendo ser lucro para o capital, é o peito no tamanho “certo”. O que a sociedade diz as mulheres é que o peito delas não serve. A exposição pública do peito como protesto, a exemplo do que ocorre na Marcha das Vadias, é julgada negativamente moral e esteticamente, porém, trata-se de uma nudez que se converte em arma política. O peito visto nas propagandas, exposto pela mídia, deve ser celebrado. Assim, o corpo que não serve para exploração do capitalismo deve ser imediatamente coberto com todo o moralismo e conservadorismo que uma sociedade patriarcal impõe, é julgado como imoral e feio.

Para além das consequências de uma exposição pública, as falas das participantes da Marcha sobre os peitos desnudos revelam esse jogo por elas agenciado na tensão entre conformação das normas sociais e a subversão delas, entre a libertação de padrões estéticos e as inseguranças pessoais. Participar da Marcha é também reprogramar as subjetividades, se reinscrever no mundo. O ato de mostrar os seios reconfigura a experiência individual, transforma as mulheres que, depois dessa experiência da nudez parcial no espaço público, antes

só permitida aos homens, mudam a visão de mundo e as formas de pensar relações de gênero, na mesma medida em que elas querem que o mundo e as relações de gênero sejam mudadas.

Na Marcha das Vadias Recife, o que pude observar é que as mulheres buscam subverter padrões estéticos com seus corpos. É onde peitos grandes e peitos pequenos ficam a mostra, mulheres gordas mostram seus corpos. É possível ver pernas e axilas sem depilar. Esses corpos "imorais" e "fora dos padrões" ocupando o espaço público questionam padrões de feminilidade, normas sociais e o paradigma machista e patriarcal que forja nossa sociedade. Para Bodago (2018), nas Marchas, os corpos fogem tanto do ideal estético feminino, com a nudez gorda e não depilada, como de um padrão comportamental do que se espera das mulheres, com a afirmação de desejos e de práticas sexuais fora do ideal cis-hétero-normativo.

A liberação dos corpos é acompanhando de uma reapropriação da gramática, da ressignificação ou positivação palavras tidas como inapropriadas, para o senso comum, "palavrões". Tanto quando "vadia", palavras como buceta, puta, viada, estão inscritas nos corpos semi-nus. Ocorre um uso político dessa gramática, são palavras que presentes no evento, no espaço público, são autorizadas e não recriminadas por expressarem com clareza o conceito da Marcha das Vadias. Elas readquirem potência e sintetizam a força subversiva do protesto. Como exemplo, uma nas manifestantes expõe em seu corpo a frase "ame sua buceta".

**Figura 36** – Manifestante na MVR 2017



**Fonte:** Fotografia tirada e cedida por Kerol Correia

Estar no espaço coletivo com roupas que não são julgadas “adequadas” para as mulheres, usando palavras “inadequadas” é se colocar politicamente. Uma das peças que quase sempre gera polêmica é o sutiã. Na época que surgiu a Marcha das Vadias de Recife, coincidentemente, em meu meio social, principalmente nas mídias sociais, as mulheres começaram a questionar a obrigatoriedade no uso do sutiã. Em 2017, Thais expôs essa ideia em entrevista na concentração da MVR: “a partir do momento que a gente não usa mais um sutiã, e a gente anda com o mamilo à mostra... é uma coragem, você se dispor a fazer isso é uma coragem... porque a gente sabe que isso gera todo um ‘auê’ onde quer que você esteja” (Thais, 20 anos, artesã, entrevistada em 2017). Ela ainda aponta que:

Eu avalio muito o espaço que eu vou, é automaticamente, às vezes eu nem percebo, mas já estou me vestindo me adequando pra um espaço que eu vou. Geralmente eu me visto da maneira mais confortável, mas se eu for... pronto, eu não gosto de usar sutiã, mas dependendo do espaço que eu for, eu vou colocar alguma coisa porque rola aquela... chama atenção... machismos e violências... e aí você sem perceber, mesmo você querendo enfrentar qualquer espaço, você acaba se privando e usando uma roupa que não mostre muito suas formas (Thais, 20 anos, artesã, entrevistada em 2017).

Embora o sutiã seja uma das formas de padronizar os corpos, quase como uma fôrma, sendo capaz de levantar, arredondar, juntar e até dar volume, sua função social é cobrir o peito. Para as mulheres, existe a mais infinita variedade de objetos que esconda o peito em roupas com tecido mais fino e/ou mais transparentes. São adesivos, sutiãs coláveis que levantam e escondem o mamilo. O menor sinal da existência de um mamilo por baixo da roupa é olhado com repreensão. Como a entrevistada acima aponta, muitas vezes é preciso esconder as formas do corpo, pois é o corpo feminino que incomoda, sendo este corpo que as mulheres utilizam para se expressar na Marcha das Vadias Recife.

Para as manifestantes da Marcha das Vadias Recife, o peito é corpo, é casa, é morada, é a sua forma de estar no mundo que por muitos anos, e ainda no momento presente, foram questionados, foram sugeridos para serem modificados, foram inadequados. Assim, esse peito também é caos, é revolução, é rebelião, constantemente vistos como imorais, que devem ser cobertos, que causam um “auê” se marcam a blusa, baseado em ideais conservadores de pureza e recato que devem ser seguidos.

### 4.3 O Paradoxo da falta: falta de roupa preenchida de sentido.



63

*Só a ausência  
Abre espaço  
Tudo cheio  
De vazio  
Preenchido  
De palavra*<sup>64</sup>

Apesar de algumas mulheres estarem sem roupa ou com pouca roupa na Marcha das Vadias, a falta dela não significa ausência de significado. Ao contrário, nesse caso é entendido que o corpo se veste de signos, pois em diálogo com a vestimenta, a nudez é também condição expressiva. Em uma sociedade em que a roupa faz parte da sociabilidade, ainda mais para as mulheres, que se estabeleceu um padrão de recato no espaço público, a ausência de roupa terá um significado ainda maior, já que “quanto mais significado é atribuído ao vestuário, mais significado terá a sua ausência visível” (SVENDSEN, 2010, p. 89).

<sup>63</sup> Fotografia tirada e cedida por Kerol Correia, Avenida Conde da Boa Vista, Marcha das Vadias Recife 2017.

<sup>64</sup> Paradoxo da falta. Anna Odara, 2020.

Na Marcha das Vadias a ausência de roupa, portanto, abre espaço para que as palavras inscritas no corpo tenham um significado ainda maior. A vazia do corpo é essencialmente preenchido de reivindicação, elas se vestem de reivindicação, esse é o paradoxo, estão nuas, mas plenamente vestidas. Os corpos se cobrem de tinta, com palavras de ordem, com o símbolo que representa o feminismo. É comum ver palavras como “puta”, “quenga”, são palavras que complementam o visual das “vadias”, como visto nas imagens abaixo:

**Figura 37** – Mulheres na MVR 2019





**Fonte:** Anna Odara, 2019

Faz parte da vestimenta na Marcha das Vadias, não só as peças de roupas que as mulheres estão vestidas, mas as coisas que elas escrevem no corpo, os símbolos desenhados, o batom e até os cartazes, todos estes se configuram como adornos naquele contexto. Para Godart (2010) a moda pode ser expressa através do vestuário, mas que além disso, pode se manifestar em outros âmbitos sociais, dentre elas, o adorno. O autor aponta que adornos vão além das roupas, mas são os elementos associados a estas, nisso entrariam acessórios, tatuagens, maquiagem e outros.

Para Gomes e Sorj (2014) o corpo assume um papel indispensável para a Marcha das Vadias, sendo ele ao mesmo tempo instrumento reivindicador de autonomia e “outdoor” do protesto. É através dele que as participantes se expressam escrevendo mensagens como “feminismo libertário”, “meu corpo não é um convite” e “puta livre”. Desenhos como o símbolo do feminino e um útero, simbolizando a luta pela legalização e descriminalização do aborto, são comuns, e funcionam fortemente para a comunicação da pauta do ato. Seguem fotos para visualização desses corpos seminus, mas vestidos de inscrições políticas da agenda da Marcha:

**Figura 38** – Marcha das Vadias Recife 2017



**Fonte:** <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2017/05/mulheres-vaio-as-ruas-pelo-fim-do-feminicidio-na-marcha-das-vadias.html> Acesso em junho de 2020

**Figura 39** – Marcha das Vadias Recife 2017



**Fonte:** fotografia tirada e cedida por Kerol Correia

Sem dúvida, o símbolo mais visto é o espelho de Vênus, símbolo que representa o feminino e que, ao longo dos anos, foi apropriado pelo movimento feminista. Na imagem acima podemos ver o símbolo nas costas da manifestante e, na foto abaixo, é possível vê-lo no colo de uma manifestante, que estava na concentração da MVR em 2019.

**Figura 40** – Marcha das Vadias Recife 2019



**Fonte:** Anna Odara, 2019

O símbolo foi apropriado pelo feminismo por querer expressar uma volta ao feminino, em uma sociedade construída a partir de padrões masculinos-patriarcais. Na figura abaixo, observando bem, é possível ver que ele está nas costas, nas bochechas, nos braços, nos cartazes e até como pixo no pilar do coreto da Praça do Derby, onde aconteceu as concentrações das Marchas de 2017 e 2018.

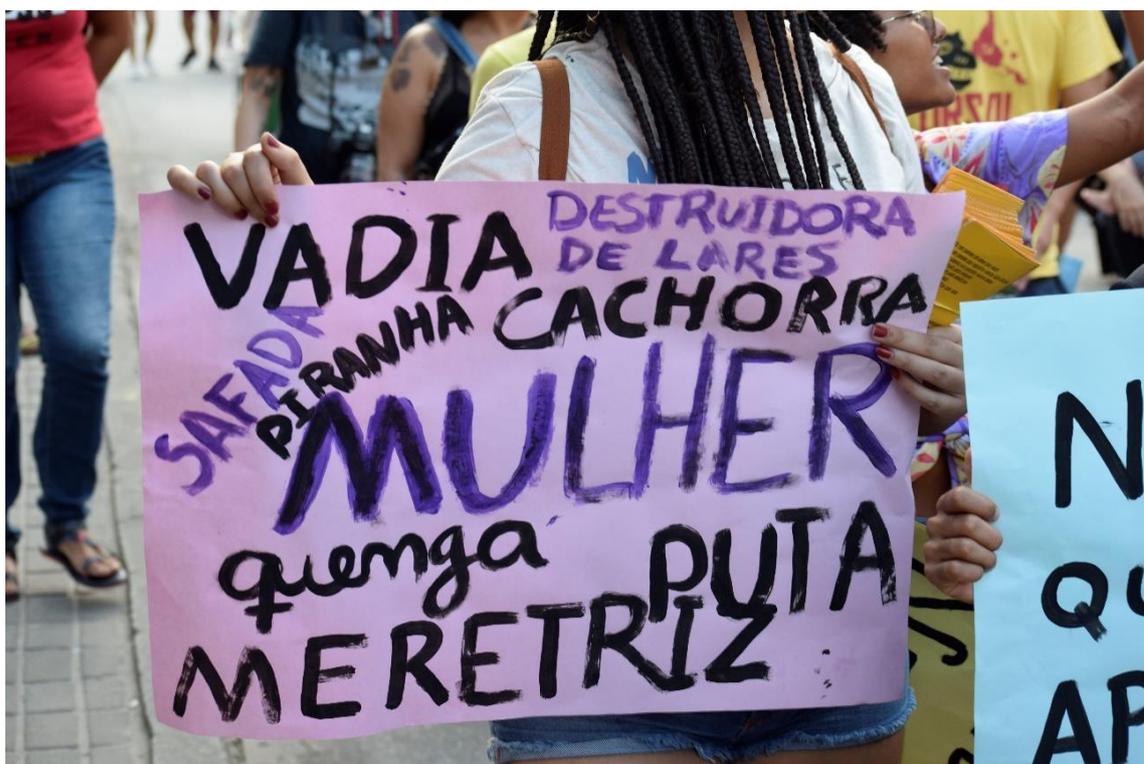
**Figura 41** – Marcha das Vadias Recife 2017

**Fonte:** Anna Odara, 2017

Nesse contexto, o corpo se constitui como parte integrante da vestimenta-protesto, pois a roupa funciona como continuação do corpo, sendo também o objeto mais próximo a ele (Svendsen, 2010). A relação de proximidade da vestimenta-protesto com o corpo é potencializada pela experiência de repressão posta cotidianamente aos corpos despidos no espaço urbano, julgados através de padrões morais. Os corpos nus na Marcha das Vadias viram eles mesmos a própria roupa, fundamentado no enfrentamento ao discurso que quer ao mesmo tempo sexualizar e tutelar o corpo das mulheres. Esse corpo-vestimenta é um elemento que fere os padrões de normalidade social, sendo a vestimenta-protesto algo que foge das expectativas morais e mobiliza o conteúdo político pelo choque moral que provoca no espaço público.

Outro elemento presente nas Marchas, sendo visto como adorno, já que completam aquela vestimenta protesto, são os cartazes. Neles as mulheres escrevem as mais variadas coisas, como nomes, ou categorias de acusação construídas no cerne das relações desiguais de gênero, com os quais elas já foram chamadas. A imagem abaixo mostra um cartaz que elenca tais categorias: puta, vadia, piranha, cachorra, safada, meretriz, quenga, destruidora de lares e mulher. O cartaz expõe um duplo sentido: a ideia de mulher preenchida por essas categorias, sendo ela acusada, ou ela mesma, se reapropriando dessas palavras para questionar e problematizar tais acusações.

Figura 42 – Marcha das Vadias Recife 2019



Fonte: Anna Odara, 2019

Além das categorias de acusação contra as mulheres, dos conteúdos de reivindicação como a legalização do aborto, o fim da violência contra a mulher e do feminicídio, os cartazes ainda expressam a agenda do ato de duas formas: de maneira mais didática, com mensagens sobre a experiência de opressão e violência enfrentada pelas mulheres em seus cotidianos, e de modo mais irônico e debochado. Desse primeiro grupo, cartazes explicam, por exemplo, que a roupa não é justificativa para o assédio e a violência, e que faz parte da prática masculina ter relações sexuais com mulheres, mesmo suas companheiras, enquanto dormem ou se estão alcoolizadas, caracterizando estupro. Abaixo seguem dois exemplos:

**Figura 43** – Marcha das Vadias Recife 2017

**Fonte:** fotografia tirada e cedida por Kerol Correia

No segundo grupo, os cartazes se expressam de forma mais irônica. É possível observar dizeres como “quem ama chupa”, fazendo referência ao sexo oral, que muitos homens não praticam por “nojo”. Também foi visto o cartaz abaixo que diz “100% desse mundo foi a puta que pariu”, fazendo referência a reapropriação do termo “puta” para se referir a todas as mulheres, tirando o sentido pejorativo da palavra.

**Figura 44** – Marcha das Vadias Recife 2018

**Fonte:** Anna Odara, 2018.

No contexto em que as mulheres estão inseridas na Marcha das Vadias, assim como o corpo não é só um corpo, uma roupa não é só uma roupa, a falta de roupa não é essencialmente só a ausência. Tanto o corpo, como a roupa, ou ausência de roupa se preenchem de símbolos sociais e adquirem múltiplos significados que conversam com a pauta feminista que é debatida dentro da Marcha das Vadias Recife. Os adornos tem um lugar especial a medida que, muitas vezes, as mulheres se cobrem com ele, como estando com os seios de fora, porém pintados com tinta. Todos os elementos presentes são ressignificados de forma a se preencherem de reivindicação e sentidos políticos.

## 5 ETNOGRAFIA VISUAL: MARCHA DAS VADIAS RECIFE 2019

Este capítulo tem a intenção de falar visualmente sobre a Marcha das Vadias Recife 2019. Entendendo que o movimento imagético pode ser muito potente enquanto leitura e interpretação, trago algumas fotos que fiz na manifestação. Uso também falas das minhas interlocutoras, que me delinearam tão bem várias dimensões sobre vivências, encontros e a Marcha das Vadias.

### 5.1 Abraço-Chegada

“A rua ela fala, e a Marcha é expressão do corpo, a Marcha ela é artística, social, cultural e enfim, é uma manifestação, os muros falam... porque a gente vê que pós Marcha tem todo aquele clima de “a Marcha passou por aqui” e é isso... são as mulheres na rua, são milhares de mulheres na rua mostrando várias ideias e se comunicando com a cidade e a cidade é onde a gente sempre tá, é onde a gente sempre circula, vai pra casa, volta pra casa, onde a gente trabalha, estuda... então é muito importante essa cultura”. (Thais, artesã, entrevistada em 2017)

Figura 45 – Praça Oswaldo Cruz, Marcha das Vadias Recife 2019



Fonte: Anna Odara, 2019

**Figura 46** – Praça Oswaldo Cruz, Marcha das Vadias Recife 2019



**Fonte:** Anna Odara, 2019

**Figura 47** – Praça Oswaldo Cruz, Marcha das Vadias Recife 2019



**Fonte:** Anna Odara, 2019

**Figura 48** – Praça Oswaldo Cruz, Marcha das Vadias Recife 2019



**Fonte:** Anna Odara, 2019

## 5.2 Performance inicial: o que é ser mulher?

“Hoje a sociedade cobra que a gente use um short mais longo... tudo o que tem que ser mulher, eles dizem tudo que a gente tem que se comportar como mulher, mas o que é se comportar como mulher? O que é ser mulher pra eles? Com certeza a roupa influencia, mas a gente tem que se impor. A gente que não vai viver esse padrão”. (Marina, 27 anos, entrevistada em 2017)

**Figura 49** – Performance na Praça Oswaldo Cruz, Marcha das Vadias Recife 2019



Fonte: Anna Odara, 2019

### 5.3 Caminhada: Dias mulheres virão

“A gente tá descobrindo... a gente tá num processo há algumas décadas descobrindo essa força que a gente tem e se impor, e se mostrar e mostrar essa força, e isso é maravilhoso... então eu acho que eu nasci numa época boa de ser mulher porque é uma época de muita descoberta ainda, e muita coisa que a gente pode descobrir de ser mulher, então é muito bom” (Jai, estudante, 22 anos, entrevistada em 2019)

**Figura 50** – Caminhada na Boa Vista, Marcha das Vadias Recife 2019



Fonte: Anna Odara, 2019

**Figura 51** – Caminhada na Boa Vista, Marcha das Vadias Recife 2019



Fonte: Anna Odara, 2019

**Figura 52** – Caminhada na Boa Vista, Marcha das Vadias Recife 2019



Fonte: Anna Odara, 2019

**Figura 53** – Caminhada na Boa Vista, Marcha das Vadias Recife 2019



Fonte: Anna Odara, 2019

**Figura 54** – Caminhada na Boa Vista, Marcha das Vadias Recife 2019



Fonte: Anna Odara, 2019

#### 5.4 Performance final: silêncio-palavra

Aqui não tem palavra suficiente que possa falar sobre violência. Nem empoderamento suficiente que possa falar sobre força, e de ver beleza nisso, num ideal de beleza fantasmagórico e meritocrático. Não há beleza nisso, só há luta.

A capa-colagem que inicia este trabalho foi reproduzida em papel tão vermelho quanto a tinta dos corpos abaixo, em cima de alguns textos que me conduziram a escrever esta dissertação, com escritos-cantiga-palavras que ficaram tocando na minha cabeça repetidamente enquanto lembrava da Marcha e finalizava minhas palavras. Como é sempre difícil finalizar, surgiu mais esse capítulo que não era pra ter fala, mas acabei falando. Como o silêncio destas mulheres, que acabaram gritando.

**Figura 55** – Performance na Boa Vista, Marcha das Vadias Recife 2019



Fonte: Anna Odara, 2019

**Figura 56** – Performance final na Rua da Aurora, MVR 2019



**Fonte:** Anna Odara, 2019

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O suspiro de chegar a estas palavras é longo e demorado. Para pegar um novo ar, quem sabe. À medida que este trabalho foi acontecendo, várias linhas foram se delineando na minha vida, no movimento feminista, na Marcha das Vadias, no Brasil, no Mundo.

Em um cenário político-social cada vez mais incerto, a Marcha das Vadias 2018 foi marcada pela greve nacional dos caminhoneiros, o que fez a Coletiva adiar a Marcha de maio para junho. Em 2019, o contexto político, com eleição de um presidente que representa ideais da extrema direita, trouxe uma atmosfera de medo entre as mulheres militantes de esquerda e do movimento feminista. Dessa forma, a Marcha foi adiada de maio para agosto. O medo de se colocar nas ruas, o medo de não poder proporcionar segurança necessária para as mulheres, o medo de ser perseguida, todas essas foram questões que rondaram os acontecimentos após as eleições de 2018.

Ocupar esse local de militante e pesquisadora me deixou muito consciente da responsabilidade que isso exigiria, e foi responsável também pelos maiores impasses. Muitas das vezes, neste trabalho, preferi não expor alguma companheira, seja da Coletiva das Vadias, seja uma de minhas interlocutoras. De todos os meus medos, esse foi o mais presente. Resisti até o último momento em entrevistar companheiras da Coletiva, e só o fiz quando me convenci que a ideia era falar sobre vestimenta, e que não era preciso identificá-las.

A eleição de 2018 representou a confluência de ideias reacionárias, conservadoras e fundamentalistas, ideias essas que vão contra pautas fundamentais do feminismo, como a legalização e descriminalização do aborto. O contexto político aquecido pela violência de gênero e perseguição às minorias sociais, impacta diretamente uma manifestação que debate questões sexuais, que fala do direito ao corpo, e fala isso expondo o corpo. A mobilização da Marcha das Vadias Recife foi impactada por esse contexto.

Apesar disso, ficou visível a potência presente nas assembleias dos corpos políticos nas ruas (Butler, 2018). Em todo o caminho da Marcha, das que participei e da que ajudei a construir, é visível ser uma manifestação de mulheres. Efetivamente os homens são poucos, alguns ajudam no percurso, outros vão no início, mas, como aponta Bogado (2018), estamos acostumadas que o rosto e as vozes das manifestações sejam de homens, e na Marcha das Vadias Recife isso não acontece. A Marcha é um local importante que foi construído durante esses anos dentro do movimento feminista da capital pernambucana, um espaço de se reconhecer feminista, de questionar o feminismo e pensar que feminismo queremos para o futuro.

O assédio perpassa a vivência das mulheres nas cidades, muitas vezes não sendo categorizado devidamente como violência. Inicialmente a Marcha das Vadias, no Canadá (2011), se propunha a protestar contra o discurso machista de culpabilização das mulheres vítimas de violência e assédio, culpadas porque eram “vadias”, porque “estavam pedindo” a violência e o assédio dos homens irrefreáveis partir devido as roupas que estavam usando. Segundo as interlocutoras com as quais troquei conhecimentos durante a pesquisa, não importa a roupa que a mulher esteja vestindo, o assédio e a violência acontecerão, a cultura do estupro é implacável. Elas ainda me ensinaram que, embora todas sejam subjugadas pelo machismo e pelo patriarcado, as experiências das mulheres são heterogêneas, existem corpos mais vulneráveis que outros, corpos que são constantemente atravessados por marcadores que os tornam mais propensos ao controle, à estereotipização, ao estupro e à morte.

Assim, a Marcha das Vadias se popularizou como uma manifestação em que as mulheres fazem uso de roupas curtas, roupas consideradas inapropriadas ao espaço público, algumas até mostram os seios como forma de protesto. Em seu conceito, a palavra “vadia” é reapropriada e ganha uma conotação positiva, que quer denominar mulheres que vivem plenamente suas escolhas, livres e autônomas. As vestimentas e a nudez, então, na mesma direção, expressam reivindicações feministas de autonomia dos corpos femininos, segurança para a vida plena, e liberdade das amarras morais, padrões estéticos e normas de conduta social que servem descaradamente para controle dos corpos, precarização da vida e legitimação das diversas formas de violência de gênero. As manifestantes usam roupas que caracterizam a ideia de vadia, como saias curtas, shorts, top, sutiã, meia calça, expressam com essa vestimenta que independente da roupa que estiver vestindo, todas as mulheres merecem, têm o direito e querem ser respeitadas.

Os objetos e toda a materialidade que estão ao nosso redor (MILLER, 2013) fazem parte das nossas relações, podendo carregar memórias, significados e serem ressignificadas (STALLYBRASS, 2008). Com as vestimentas não seria diferente. A roupa curta, o batom vermelho, os cartazes na Marcha das Vadias se preenchem sentidos, pois, buscam subverter padrões sexistas e patriarcais, dando às roupas (ou ausência delas) e aos adornos um viés político.

“Tô de minissaia, não te devo nada”, expressa justamente a vontade de dizer que mesmo a escolha de uma roupa curta não significa um convite ou a permissão para invadir aquele corpo, as mulheres ressignificaram essas vestimentas, transformando-as em elementos de protesto. Não só a roupa, mas a estética da Marcha gira em torno de símbolos presentes na vestimenta das manifestantes, como as palavras e frases que são escritas no corpo, o símbolo do feminismo

pintado ou até mesmo os cartazes que são confeccionados e expressam a luta de cada uma e de um conjunto de manifestantes, se caracterizando como adornos daquela vestimenta-protesto.

Assim como disse uma companheira interlocutora, as mulheres estão se apropriando de todas as ferramentas possíveis para mudar os alicerces que sustentam o sistema capitalista-patriarcal no qual estamos inseridas. A Marcha das Vadias mostra uma dessas possibilidades de apropriação, usando o corpo e o discurso público sobre as roupas e a nudez, que oprime e regula o comportamento e a experiência social das mulheres, como ponto de partida para a discussão sempre urgente sobre os efeitos desse sistema promovida pelas feministas. Cada vez mais certa que nossa luta é coletiva, ressalto, por fim, um dos gritos de (des)ordem e uma das inscrições mais recorrentes nos corpos das participantes da Marcha das Vadias Recife: feminismo é revolução!

## REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade**. Coleção Feminismos Plurais; Coordenação Djamilia Ribeiro. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.
- ALVAREZ, Sonia E. **Para além da sociedade civil**: reflexões sobre o campo feminista. In: Cadernos Pagu, n.43,13-56, 2014
- ARAUJO, Denise Castilho; LEORATTO, Daniele. **Alterações da silhueta feminina**: a influência da moda. Revista Brasileira Ciência Esporte, Florianópolis, v. 35, n. 3, p. 717 - 739, set 2013
- BAGGIO, Adriana. T. **Saia ou calça?** Construção publicitária de papéis sociais femininos por meio da roupa. In: COLÓQUIO DE MODA, 10, 2014, Caxias do Sul. Anais Colóquio de Moda, Caxias do Sul, UCS, 2014. p.1 a 10
- BAGGIO, Adriana T.; LUZ, Nanci S. **A dimensão política do assédio sexual de rua**: aplicativos de mapeamento como iniciativas de cidade inteligente. Revista Estudos semióticos, vol.15, n.1 – agosto de 2019. Disponível em <http://www.periodicos.usp.br/esse/article/view/160193/155181> . Acesso em julho 2020.
- BENTO, Maria Aparecida S; CARONE, Iray (Org.) **Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. – 6. ed. – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014
- BOGADO, Maria. **Rua**. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Explosão Feminista: Arte, Cultura, Política e Universidade**. – 1. ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- BOUCHER, François. **A História do Vestuário no Ocidente**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. 1 ed – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CALANCA, Daniela. **História social da moda**. 2. ed. São Paulo: Editora Senac, 2011.
- CHEGA de fiu fiu. Documentário. 73 min. Direção de Fernanda Frazão e Amanda Kamanchek. Brasil, 2018.
- COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento – 1. ed. – São Paulo : Boitempo, 2019.
- CORRÊA, Marisa. **Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil**: um exemplo pessoal. Cadernos Pagu: Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu, Lisboa, v. 16, p.13-30, out. 2001.
- COSTA, Cristiane. **Rede**. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Explosão Feminista: Arte, Cultura, Política e Universidade**. – 1. ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- CRANE, Diana. **A moda e seu papel social**: Classe, Gênero e identidade das roupas. São Paulo: Editora Senac, 2006.
- CUENTRO, Ana Cecília N. **“Racha, a senhora é maravilhosa!”**: Novas sujeitas e práticas políticas contemporâneas no movimento feminista na cidade do Recife-PE. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2017.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. – 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2017.
- DEL PRIORE, Mary. **Histórias e conversas de mulher**. São Paulo: Planeta, 2013

- ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. – 1 ed. – Rio de Janeiro: Rocco, 2018
- EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres** – 2. ed. – Rio de Janeiro: Malê, 2016.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. **Ser afetado**. 13. ed. São Paulo: Cadernos de Campo, 2005. 13 v. Tradução de: Paula Siqueira.
- GALETTI, Camila Carolina H. **Corpo e feminismo**: A Marcha das Vadias de Campinas/SP. Dissertação de Mestrado do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília/UnB. Brasília, 2014.
- GALETTI, Camila Carolina H. **Feminismo em movimento**: A Marcha das Vadias e o movimento feminista contemporâneo. Recife: 18º Redor, 2014. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/533/771>>. Acesso em: 20 mai. 2017
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 13 Rio de Janeiro: LTC, 2008. 323 p.
- GELL, Alfred. **Arte e agência**: uma teoria antropológica. São Paulo: Ubu editora, 2018.
- GODART, Frédéric. **Sociologia da Moda**. – São Paulo : Editora Senac São Paulo, 2010.
- GOHN, Maria da Glória. **Manifestações e protestos no Brasil**: correntes e contracorrentes na atualidade. 59. ed. São Paulo: Cortez, 2017.
- GOMES, Carla; SORJ, Bila. **Corpo, geração e identidade: a Marcha das vadias no Brasil: A Marcha das vadias: continuidades e mudanças no feminismo**. 2014. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010269922014000200007&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010269922014000200007&script=sci_arttext)>. Acesso em: 15 jun. 2016.
- GOMES, Carla de Castro. **Corpo, emoção e identidade no campo feminista contemporâneo brasileiro**: a Marcha das Vadias do Rio de Janeiro. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2018.
- HELENE, Diana. **A Marcha das Vadias**: o corpo da mulher e a cidade. In REDOBRA 11, ano 4, n 1, CORPOCIDADE 3, 2013, pp 68-79. Disponível em <http://www.redobra.ufba.br/>. Acesso em junho 2020.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Explosão Feminista**: Arte, Política, Cultura e Universidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018
- LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**: A moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. – 2 ed. – São Paulo: n – 1 edições, 2018
- MEDEIROS, Raquel. **“Meu corpo, Minhas regras”**: Corpo, linguagem e gênero no movimento Marcha das Vadias. Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio: Saberes e práticas científicas. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em [http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1397137162\\_ARQUIVO\\_ANPUH\\_MEUCORPO,MINHASREGRAS\\_comfoto.pdf](http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1397137162_ARQUIVO_ANPUH_MEUCORPO,MINHASREGRAS_comfoto.pdf). Acesso em junho 2020
- MIGUEL, Luis Felipe. **A reemergência da direita brasileira**. In: GALLEGOS, Esther Solano (Org.). O ódio como política: A reinvenção das direitas no Brasil. S.l.: Boitempo, 2018. p. 16-24.
- MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.

- MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. **“Ideologia de gênero”**: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. In Revista Sociedade e Estado – Volume 32, Número 3, Setembro/Dezembro 2017.
- RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se**: Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.
- SÁ BARRETO, Francisco; MEDEIROS, Izabella. **A “Ocupação” Como Léxico Da Agência Política Nas Cidades Contemporâneas**: O Caso Do Movimento Ocupe Estelita em Recife – Pernambuco. Caxambu: 41º ANPOCS, 2017.
- SARTI, Cynthia Andersen. **O feminismo brasileiro desde os anos de 1970**: revisitando uma trajetória. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 12(2): 264, maio-agosto, 2004
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. New York, Columbia University Press. 1989.
- SOUZA, Gilda de Mello. **O espírito das roupas** – A moda do século XIX. São Paulo, Companhia das letras. 2. Ed, 2019.
- STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx**: roupas, memória, dor. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- SVENDSEN, Lars. **Moda uma filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010
- VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely de (org). **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. – 1. ed. – São Paulo : Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
- WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. – 9. ed. – Rio de Janeiro : Rosa dos Tempos, 2020.